

VELHAS CASAS

V

(FREGUESIA DE AZURÉM)

Casa de Pousada



Era a mesma terra, a mesma Pátria, ainda jovem, ainda menina, já com os contornos definidos, ainda virgem das terras de além-mar. 1258. Ordena El-Rei Dom Afonso III, as Inquirições: olhos argutos percorrem o Reino. Sopra rijo o vento, o centeio dança nos campos, incham as castanhas nos ouriços, borbota o vinho nas pipas. Casas de pedra, rasteiras, cobertas de colmo. Na freguesia de S. Pedro de Azurém, quatro casais pertencem a Dona Urraca Nunes Manteiga ¹. Citada em pergaminhos, veste esta senhora escarlata vinda de Inglaterra, prova com leite as frutas secas,

¹ Nada sabemos sobre a ascendência de Dona Urraca Manteiga. Em «*Peixotos, subsídios para a sua genealogia*», Vaz Osório da Nóbrega, prova por duas passagens das inquirições de D. Dinis, («*Vimaranis Monumenta Histórica*»), pelo Abade de Tagilde, págs. 352 e 373) ser Dona Urraca avó do cônego Gonçalo Gonçalves Peixoto (ver adiante) e portanto mãe de Dona Ausenda Anes Guimarães. No «*Nobiliário do Conde D. Pedro*» não se diz de quem são filhos D. Ausenda e seu irmão Domingos Anes Mouro, com quem se inicia o título de «*Guimarães*» fls. 266, sendo este último frequentes vezes citado nas Inquirições. Supõe Vaz Osório da Nóbrega, que D. Urraca Manteiga tivesse sido mulher de João Mouro, pois ambos possuíram a mesma propriedade em S. Cristóvão de Selho. V. nota 41 de «*Peixotos, subsídios para a sua genealogia*», onde este assunto vem minuciosamente estudado.

Além destes quatro casais em S. Pedro de Azurém, Dona Urraca Manteiga foi senhora das seguintes quintas no concelho de Guimarães: três em Santa Eulália de Fermentões, uma em Gêmeos, duas em S. Miguel de Paraíso, uma em Santa Eufémia de Prazins, uma em S. Cristóvão de Riba Selho e três em S. Jorge do Selho. («*Vimaranis Monumenta Histórica*»). D. Urraca foi uma das damas que contribuíram para as obras do antigo Convento de S. Domingos em Guimarães in «*Guimarães*», pág. 104.

as amêndoas, os figos chegados do Algarve, a canela, a pimenta, o açúcar. Aparece nas românicas capelinhas e na penumbra dos aposentos a rezar pelos seus homens que pelejam contra mouros e castelhanos, a pedir protecção divina contra as pestes, as feitiçarias, as negras noites. Ouve-se a discorrer, no seu português arcaico, sobre a limpidez do mel, a fartura da lã das ovelhas, as chuvas, as secas, a algazarra dos meninos nascidos com tanta dor. Ao começarmos a desenrolar a longa meada da história de Pousada, quinta originada nestes seus quatro casais², assim a deixámos, iluminada pela sua fé serena, remota, longínqua, imutável na sua placidez de rica dona, a orar, a tecer, a fiar, a tagarelar com suas aias e servas.

A terra de Pousada, debruada de vinhas, vai para sua filha Dona Auzenda Annes de Guimarães, casada com Gonçalo Gomes Peixoto, dos Peixotos de Pardelhas³, que «fez em ella

² Transcrevo a parte final da nota 58 de «*Peixotos, subsídios para a sua genealogia*»: «... em 1258 possufa D. Urraca Nunes Manteiga, avó materna do Cónego Gonçalo Gonçalves Peixoto, quatro casais em Azurém, os quais devem ter sido o núcleo originário da quinta da Pousada. Inquirições Gerais de D. Afonso III (1258) efectuadas no jugado de Guimarães: «Hic incipit inquisitio Ecclesie Sancti Petri de Asorey et omnium parochianorum ejusdem Ecclesie ipsius loci (...) et iiii.or (casalia) sunt Orrace Manteiga; et aliud est Domini Regis in Pousada et est hermum, et fecit Orraca Manteiga in terrenis ipsius casalis bonas vineas, et dant inde anuatim Domino Regi j. morabitanum (...) et inter vineas Domne Orrace jacet alius campus. Item, dixit quod in vinea Orraca Nuniz di Pausada jacet ibi Regalengum sicut incipitur par ubi fuit via vetera per valle usque Moutam de Cersariis sicut vadit ad fundum contra Selium; et subtus Presam jacet alia magna peza sicut incipitur in Preza et vadit usque Perseguarios, deinde usque ed illum locum ubi stetit nugaria contra Quintanam: et de istis vineis predictis regalenguis que jacent contra Selium fuerunt de terrenis illius predicti casalis heremi regalengui de Pousada». (Cf. «*Vimaranis Monumenta Historica*», pelo Abade de Tagilde).

³ Segundo o «*Livro das Linhagens*», do Conde D. Pedro, e o «*Livro Velho 3*», procedem os Peixotos, srs. de Pardelhas, de Gomes Peixoto, o Velho. Em livro escrito três séculos depois do aparecimento dessas obras, Álvaro Ferreira de Vera afirma que Gomes Peixoto era o filho de D. Egas Henriques de Portocarreiro, opinião aceite por todos os linhagistas que se lhe seguiram. Em «*Peixotos, subsídios para a sua genealogia*», págs. 11 a 20, prova-se documentalmente que Gomes Peixoto, o Velho, não era filho de D. Egas Henriques de Portocarrero e que até hoje nada se sabe sobre a sua ascendência.

Gonçalo Gomes Peixoto foi senhor de Pardelhas, Fafe, e aí morava em 1220, tendo falecido antes de 1258. Foi filho de Gomes Peixoto, o Velho,

Vcº Glz Peixoto e gomes glz peixoto e gº glz peixoto q foy abbade de tolloens e de villa cova e dona sancha glz e dona urraca glz»⁴, e era «m.tº valido do Rey D. Denis sr da caza de seu Pay, Porteiro Mor do rey D. Affº 3»⁵.

Torre de Pousada, solar dos Peixotos. Ergue-se a casa sobre fortes rochas, amparadas por musgos e heras. Entrámos. Espreitámos pela linda janela do alvorecer do gótico. A jorros, uma luz alegre, a paz dos verdes campos do Minho. Ouve-se na alma o rumor das águas, das chuvas, o maravilhoso silêncio das pedras, o bolir das velhas árvores e, com a ajuda dos documentos, o cantar, o chorar duma antiga raça, a acompanhar, a contornar a linda História de Portugal. Principiámos então com o Reverendo Gonçalo Gonçalves Peixoto, instituidor do vínculo de Pousada, um dos filhos de Gonçalo Gomes Peixoto e de sua mulher Dona Ausenda Annes de Guimarães.

Nas frias lajes do Mosteiro de Pombeiro, sobre o túmulo de Gonçalo Gonçalves Peixoto «Cónego da Sé de Braga e da Colegiada de Guimarães, abade de Telões e de Vila Cova, benfeitor do Convento de S. Domingos de Guimarães, abade de Unhão, raçoeiro do Mosteiro de S. Gens»⁶, deslizaram intermináveis procissões de frades, como se ordena em seu testamento, feito em 1302⁷. Deste pergaminho vem o lúgubre salmo-

e de sua m.er D. Maria Rodrigues, f.ª de D. Rui Gonçalves. (v. *Peixotos, subsídios para a sua Genealogia*).

⁴ «*Nobiliário do Conde Dom Pedro*, Conde de Barcelos», Vasco Gonçalves Peixoto x com Dona Maior Annes; deles descendem os Peixotos, Marqueses de Lindoso, Chefes do Nome e Armas dos Peixotos. Gomes Gonçalves Peixoto, foi, segundo os nobiliários, casado, mas com geração extinta. Com Gonçalo Gonçalves Peixoto, abade de Telões e de Vila Cova, seguimos no texto. Dona Sancha Gonçalves casou com Vasco Martins da Granja, c. g. Dona Urraca Gonçalves supomos que faleceu solteira. Nesta relação dos filhos de Gonçalo Gomes Peixoto e de sua mulher Dona Ausenda Annes de Guimarães, falta pelo menos um: Aires Gonçalves Peixoto, cónego em Braga. Todos eles são mencionados no testamento de seu irmão Gonçalo (ver adiante).

⁵ «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», de Felgueiras Gayo, vol. XXII, título de Peixotos, & 1 n. 2.

⁶ «*Peixotos, subsídios para a sua genealogia*», pág. 21.

⁷ O cónego Gonçalo Gonçalves Peixoto fez testamento a 28 de Maio da era de 1340 (1302 da era de Cristo). Anos mais tarde foi transcrito em pública-forma (1382). Encontra-se este documento encaixilhado numa das salas da Casa de Pousada e está reproduzido no livro acima citado. Dessa cópia tirei todos os dados referentes ao cónego Gonçalo Gonçalves Peixoto,

dear das «mjsas de Requyem muito hofficiadas», sai o húmido cheiro das salas de pedra, onde em 1292 se elege o novo Arcebispo de Braga. Entre os cónegos «Senhorees e companheiros e amijgos», encontra-se Gonçalo Peixoto⁸, bruxeleia ante o altar, na capela construída a mando do Reverendo Cónego no Mosteiro de Pombeiro, a lamparina a iluminar a instituição do seu vínculo. Vinculadas ficam «as casas em que eu moro na Rua de santa maria e a mjnha qujntaã e ho meu herdamento de pousada com aquelles casaaes que perteençem a esa quintaã», os casais do Carvalhal em Pencêlo, Outeiro Levado em S. Cristóvão de Riba Selho, o «casall daquy e ho outro casall que hij fiz do meu qujnham dos moinhos e das searas e vynhas e devesas e soutsos», as casas da Rua de Val de Donas, em Guimarães⁹, «as outras que sam a par das de Jeronimo tjnhoso», e o casal em Polvoreira.

¶Agora o tinir das moedas, fora as que se darão anualmente: são os maravedis e cerca de mil e oitocentas libras a distribuir pelos frades, «os poberees vergonçosos», as Donas de Amaranthe e demais conventos, os familiares¹⁰. ¶Maços de prata para

⁸ V. nota 6.

⁹ Nestas casas instituiu o cónego Gonçalo Gonçalves Peixoto uma albergaria «em que vjvam doze probees antre homeens e molherees e ho que thever minha soçesam delhes cada anno çincoenta llijuras em dja de çena dominj para vistjr convem a saber os homeens senhas capas e sayas de burell e camjsas e bragas em aquelle dja e aas molheres senhas peellees de dous em dous annos e senhas camjsas cada anno e ho que fiquar desta lta llijuras tenhamno para sacorrer a allguum deseos poberrees com pjtanças se for doente e como morer huum destes asy metam outro e meus herdeiros ffaçam hy poer doze leitos com doze felltros e com doze chumaços e doze mantas e em os leitos de palha e esto lloguo seja do meu aver e dallj adjante o que thever a mjnha socesam manthenhaos asy sempre cada mes demlhes pitança em dja das quallendas de pom e de vjnho e de carne e de pescado em dja de natal e dentruydo e de pascoa e de santo espirito...». Testamento do cónego Gonçalo Gonçalves Peixoto, v. nota 7.

¹⁰ Além do vínculo instituído e a herança que deixa a seu filho, o cónego Gomes Gonçalves Peixoto, e, na falta deste, a seus filhos ou irmãos, deixa o cónego Gonçalo Gonçalves Peixoto: — 1/3 do Casal da Ribeira da Meadela, freguesia de Esturões, Fafe, e 60 libras anuais ao Convento de Santa Maria de Pombeiro, freguesia de Santa Maria de Pombeiro de Riba Vizela, Felgueiras (aonde está sepultado na sua capela de Nossa Senhora da Piedade, junto à sacristia; v. «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», Pombeiro de Riba Vizela), 120 libras em alimentos aos frades desse convento, e ao seu Abade os legados descritos no texto e um cavalo. O quinhão das devesas e moinhos com as casas de... ao Convento de

os irmãos, os sobrinhos, os amigos; móveis para o Dom Abade de Pombeiro: «hum leyto dourado», a sua cama: «um almadrague de frouxell huum chumaço e huuma façeira e huuma colcha das mjlhorees» e «ho meu hallijfafa de penadeyro»¹¹.

S. Gens, em Montelongo, Fafe. O Casal da Meadela e um maravedi aos padres que aí cantem missa em dia de seu aniversário. A quinta de Figueiró aos clérigos de Vila Cova e dois maravedis anuais aos de Telões pelo Casal da Prova, 200 libras às respectivas Igrejas. 10 libras por ano aos cônegos de Braga, a quem já tinha dado 200; deixa-lhes também o dinheiro devido pelas prebendas. Aos cônegos de Guimarães 4 libras. Vinte libras aos padres dessa vila por o acompanharem à sepultura, trinta para os do coro «majs huma», 20 libras às Donas de Amarante. 5 libras à Confraria de S. Vicente, em Guimarães, igual quantia às outras, quer sejam em Guimarães ou em Braga, com excepção da Confraria do Capelão a quem lega vinte libras. Fora as ajudas transcritas no texto para o convento de S. Domingos, em Guimarães, deixa também 5 libras anuais para os seus frades.

Institue, com todos os encargos para si e seus sucessores, uma albergaria na Rua de Val de Donas (v. nota anterior), deixa 10 libras à pobreza envergonhada de Guimarães e vinte libras em pão e carne aos pobres da freguesia de Pombeiro. A todos que com ele andassem e quisessem pôr luto manda dar as roupas de dó, e findo este as roupas necessárias. Encarrega os herdeiros de darem aos de sua casa o que acharem bem e de pagarem aos homens que lhe guardavam as bestas.

A familiares e amigos lega: a seu irmão Vasco Gonçalves Peixoto toda a sua herança em Pardelhas, 200 libras para casar as filhas e três maços de prata; a seu irmão Aires e a suas irmãs Sancha e Urraca três maços de prata a cada um. Aos filhos de Sancha Gonçalves, do Porto (seria sua irmã Sancha?) 20 libras, igual quantia a Maria Gonçalves e a seu marido Martim. Mais quatro, quatro, quatro (?) maços de prata a todos seus herdeiros, dois para o Prior do Mosteiro da Costa, dois a seu escudeiro Pero Anes, um para o Tabelião Pero Salgado que lhe escreveu o testamento, um a Gonçalo Capelo, três para o Abade de Cavez. Trinta libras e três maços de prata a Mor Airas, freira (seria a mãe de seus filhos?). Outras trinta a Frei Domingos da Pulha, Frei Durão Pires e a Domingos Vizela.

A Maria Murganha um legado: «çorame e saya e pellote de sam tome(?)». 50 libras a Tareija Gonçalves, filha de Maior Airas (e naturalmente dele, Gonçalo Gonçalves Peixoto). 350 libras e 4 maços de prata a Estevão Domingues para casar suas filhas. 600 libras a Gil e a Rodrigo, 100 a Gil Vaz para livros e 50 a Rui Vaz (serão filhos de seu irmão Vasco?). A terminar o extenso rol da herança deixada pelo cônego Gonçalo Gonçalves Peixoto esta ordem: «o filho de Maria Gonçalves (e seu?) que sirva em Vila Cova pela minha alma». V. nota 7.

¹¹ É curiosa a descrição desta cama: o colchão mais leve que as plumas das aves (almadrague de frouxel), o travesseiro de penas (chumaço), a travesseira (façeira), a colcha das melhores. Parece-me que

Torna-se mais leve a aragem que sai do documento: o galopar do «meu azemollo murzêllo», o cheiro a feno, o das noites enluaradas, e vão surgindo as donas e moçoilas em que houve filhos o Cónego Gonçalo Gonçalves Peixoto: Maior Airas, Clara Martins, Maria Gonçalves¹².

Seguimos também o aroma das pitanças de «pom, pescado, carne e vinho», distribuídas aos necessitados nos legados feitos por Gonçalo Gonçalves com «o seu siente hacordo» e com toda a sua «memoria nembrado e todo o emtendjmento comprido temendo o dya postumeiro da vyda a que são sujeitos os homeens polla soberba e pollo pecado do primeiro homeen adom». Dos papéis vem mais ruído, mais barulho: o martelar das obras do Convento de S. Domingos em Guimarães, para as quais contribue o Reverendo Cónego, fora as duzentas libras para vestir os frades, cem para uma compra de terras e dez para alimentos, com «cento e cjnquenta llijuras e cem llijuras para a coberturaçam» e «para a obra oijtenta e cjnquo llijuras e

«hallifafe de panadeyro» seria um edredão de penas de algum passaro: o eider? o airão?...

(¹²) Em Maior Airas teve o cónego Gonçalo Gonçalves Peixoto a Gomes Gonçalves Peixoto, legitimado a 2.7.1292 por El-Rei Dom Dinis; filha de Maior Airas é também Teresa Gonçalves. Havidos em Clara Martins foram Vasco Gonçalves Peixoto e Rui Gonçalves Peixoto, legitimados na mesma data que seu irmão (pág. 22 e nota 70 de «Peixotos, subsídios para a sua genealogia»). Em seu testamento menciona o cónego Gonçalo Peixoto mais uma filha, Durançã Gonçalves, e também fala no filho de Maria Gonçalves, cujo nome desconhecemos.

No «Nobiliário do Conde D. Pedro» no título XXIX, vem que o cónego Gonçalo Gonçalves Peixoto houvera «de gança em Urraca Pires, filha de D. Pedro Lançós» a Vasco Gonçalves Peixoto, que «foy de boas manhas em laçar a cavallo atavolado e em hafordar e em as outras cousas q pertencem a fidalgo», não se sabendo até hoje se o cónego Gonçalo teve dois filhos Vascos ou se só um, havendo no «Nobiliário» confusão com o nome da mãe. Vasco Gonçalves Peixoto x com D. Guiomar Anes, filha de João Lourenço de Ulgueses e (nota 69 in «Peixotos») foi sr. dum casal em S. Miguel de Negrelos e doutro em S. João de Pencelo (págs. 385 no «Vimaranis Monumenta Historica»), teve o emprazamento de meio casal do Souto e o casal do Outeiro Levado, ambos em S. Cristóvão de Riba Seiho. Instituiu com sua mulher e filho, Gonçalo Vasques, na era de 1399 uma capela no Mosteiro de Pombeiro (v. nota 69 in «Peixotos»). Além de Gonçalo Vasques, e naturalmente outros, foi seu filho Rui Vasques Peixoto em cuja geração seguiu, até certa altura, a quinta do Outeiro Levado, passando depois aos Morgados de Pousada.

cnquenta llijuras para as çellas e cem llijuras para a aJuda do Refeytoryo».

À sucessão do vínculo é chamado «gomez gonçallvez filho de moor airas», Cónego da Colegiada de Guimarães ¹³, legitimado por seu pai o Cónego Gonçalo Gonçalves Peixoto em 1292 ¹⁴. Vemos por entre a bruma dos séculos o 1.º administrador do vínculo de Pousada a rezar no «briujairo» de seu pai «as oras polla mjnha alma e polla sua», a colher e gozar toda a herança paterna, a passear por entre lamaçentos caminhos na «azemolla pjquena Ruça», também de seu pai herdada. Na sua descendência segue a geração dos Peixotos de Pousada; nada «empeça seer filho de clérigo pojs lliijgtimado ffor e estes que ham daver que seja cleriguo ho mjlhor».

El clérigos são de pais para filhos estes primeiros senhores de Pousada, dos quais sabemos tão pouco. São quatro os filhos de Gomes Gonçalves Peixoto legitimados por El-Rei Dom Dinis em 1323: Álvaro Gomes Peixoto, Vasco Gomes Peixoto, Rui Gomes Peixoto, havidos em Guiomar Esteves, moradora em Guimarães, e Gil Gomes Peixoto em Domingas Martins, do concelho de Montelongo ¹⁵. Passa o tempo, arde devagar a chama da vida. Incolores, quais pingos de vela, diluem-se na história da Casa estes sacerdotes de quem quase só conhecemos o nome. Gil Gomes Peixoto, Clérigo de Missa, sucede no vínculo a seu Pai o Cónego Gomes Gonçalves Peixoto. Terceiro administrador de Pousada é seu filho Álvaro Gil Peixoto, abade de Unhão, que em 1352, como senhor do vínculo, empraza um casal em Polvoreira e em 1382 manda tirar a pública forma do testamento de seu bisavô ¹⁶. Ao soprarmos esta vela que tão pouco nos alumia ¹⁷, o último desta linha: Diogo Álvares Peixoto, filho do abade de Unhão, legitimado por D. João I a 2-8-1401 ¹⁸. As

¹³ Pág. 22 e nota 74 in «Peixotos».

¹⁴ Nota 12.

¹⁵ Chancelaria de D. Dinis, liv. 3.º, fl. 153 v.º — Arquivo Nacional da Torre do Tombo, pág. 22 e nota 76 in «Peixotos».

¹⁶ Nota 75 in «Peixotos».

¹⁷ As únicas referências que sobre eles encontramos foi no Gayo, vol. XXII, título de Peixotos & 7, e os documentos citados por Vaz Osório da Nóbrega na nota 75 in «Peixotos».

¹⁸ Nota 75 in «Peixotos». Lê-se no Gayo «4.º Admenistrador do Morgado de Pousada s. g. passou o Morgado de Pousada aos descendentes de Gomes Glz Irmão do Instituidor». Está errado, pois Gomes Gonçalves

lutas com Castela, as escaramuças entre os nobres e o clero, as correrias além fronteiras, os seus amores fugidiços, as longas penitências nas crises de consciência, tudo escondido pelo tempo, sepultado sob o granito ondulado em pregas, alçado em cruces, imobilizado nas espadas nos seus silenciosos túmulos de guerreiros e padres anónimos. Nesta Casa de Pousada, «uma das primeiras manifestações de estilo cisterciense, em arquitectura civil, no Norte do Paiz»¹⁹, a ostentar, possivelmente desde o séc. XIII as armas dos Peixotos²⁰, por falta de documentação, durante grande parte do séc. XIV, a luz é ténue, desmaiada, quase noite.

Um ou outro pergaminho dissipa as trevas. Em Santarém encontra-se D. João I e sua corte a ditar ao emissário da Rainha-mãe de Castela as condições para a assinatura do tratado de paz entre os dois reinos. Aí também se acha Vasco Gomes Peixoto, um dos filhos do 1.º administrador de Pousada, o Cónego Gomes Gonçalves Peixoto. A 23-4-1408 passa uma procuração a «Gonçallo pexoto meu filho e a Maria Nicollas sua madrasta» «para que elles por mjm e em meu nome possam Emprazar e aRendar e apenhorar e bender todos os meus beens moveijs e rraiz a quem quizer e por bem tener e por quantos preços quizer»²¹. No ano seguinte, já de volta a casa, em Miragaia, junto ao «eixido do pixoto», a 29-3, dá posse a este

era filho, e não irmão, do Instituidor. Com vários equívocos estão também os parágrafos 11 (as origens), 3 e 7.

¹⁹ «A Casa dos Peixotos de S. Pedro de Azurém-Guimarães», de José de Moura Machado.

²⁰ Eram antigamente armas dos Peixotos: escudo xadrezado de ouro e vermelho, em geral de cinco peças em faixa e seis em pala. Diz Vaz Osório da Nóbrega: «a representação mais antiga que conheço das armas dos Peixotos é aquela que nós encontramos em dois escudos que decoram uma das janelas da Casa de Pousada. Estes dois brasões foram inventariados por Armando de Matos nas suas *Pedras-de-Armas de Portugal*, vol. I, pág. 474, — o qual localizou a época da sua feitura: século XIV-XV». José de Moura Machado afirma, no seu estudo, ser a parte da casa onde estão as janelas geminada e a brasonada, uma construção do século XIII.

²¹ Procuração feita por Vasco Peixoto, morador no Porto, estabelecendo procurador seu filho Gonçalo Peixoto e Maria Nicolas, madrasta deste e mulher dele Vasco Peixoto. Feita em Santarém por João Esteves Tabelião d'el Rei, a 22 de Abril da Era de 1446 (Ano de Cristo de 1408), Pergaminho n.º 35 da Colecção de Pergaminhos Avulsos, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

seu filho Gonçalo Vasques Peixoto²², então com vinte e nove anos, de todos os bens que lhe couberam por morte de sua mãe Maria Airas, primeira mulher dele Vasco Gomes Peixoto²³. À hora da morte dois filhos afligem o espírito de Vasco Peixoto: um ainda menino, filho de seu segundo casamento com Maria Nicolas, a quem muito prejudicou em algumas escrituras, Rui Vasques Peixoto, entregue, na sua fragilidade de criança, nas mãos do seu irmão João Vasques Peixoto. O outro é esse mesmo João Vasques Peixoto de quem «nom ousava de dizer mays»²⁴

²² Gonçalo Vasques Peixoto, filho do 1.º casamento de Vasco Peixoto, aparece como testemunha a 20.10.1447 na Câmara de Guimarães, sendo citado como irmão do Comendador da Faia (v. nota 29). Doc. CCLXXI do Catálogo dos Pergaminhos existentes no Arquivo da Insigne e Real Colegiada de Guimarães, pelo Abade de Tagilde; volume manuscrito do Arq. Mun. A. Pimenta. Nada mais sei referente a Gonçalo Vasques.

²³ Posse de umas casas em Miragaya dada por Vasco Peixoto a seu filho Gonçalo Vasques Peixoto, e bem assim de todos os bens que lhe pertenceram por morte de sua mãe Maria Aires, mulher do dito Vasco Peixoto. Lavrado pelo Tab. do Porto Bartolomeu Fernandes a 2 de Março da era de 1447 (Ano de Cristo de 1409). N.º 36 da Coleção de Pergaminhos Avulsos, Arquivo Municipal A. Pimenta.

²⁴ Reza assim o documento: «...entre as causas que lhe asy confessou dizia (Vasco Peixoto) que maria nicolas Era sua molher ljdima de ljdimo matrymonio E que Roy baasquez seu filho E da dicta maria nycolas Era litigimo e ajnda dizia que nom Endentia que outro carego levava deste mundo salvo porque fizera algumas escripturas Em que fizera perder algum derejto ao dicta sua molher E ao dicto Roy baasquez seu filho porquanto esta so o poderjo de Joham baasquez peixoto seu filho E nom ousava de dizer mays E ajnda dise mays qye porquanto se nom queriam partir suas filhas do dicto JJoham baasquez E sua manceba da cabo delle dicto basco peixoto cando asy estava doente dise que se veese E que se ele se levantase que eles fariam toda a sua voontade mas sua vontade Era proprea que a dicta maria njcolas sua molher e o dicto Roy vaasquez seu filho ouvesse alguma cousa d'alguns beens que a ele pertenciam de dereyto E nom ousava de dizer porquanto o dicto Joham baasquez asy tinha em seu poderio da qual doença o dicto basco peixoto fjnara...». — Testemunho de Fr. João da Costa, frade de S. Francisco, confessor de Vasco Peixoto, asseverando que Rui Vasques Peixoto era filho legítimo havido de legítimo matrimónio d'aquelle com Maria Nicolas. Escrito em Guimarães pelo Tab. Fernão Afonso, a 30.5.1433. Pergaminho n.º 16 da Coleção de Pergaminhos Avulsos, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

Vasco Peixoto foi pai de: 1) Gonçalo Vasques Peixoto (notas 21, 22 e 23), 2) João Vasques Peixoto, Comendador da Faia, adm. do Morgadio de Pousada (ignoramos se filho legítimo ou natural), 3) Rui Vasques Peixoto (f.º do 2.º casamento), que sucedeu a seu irmão no Morgadio, 4) Violante

e que «no Ano do nacimiento de noso Senhor Jhesus Xristo de mil e iijc e binte e oito anos sete dias do mes de Janeiro» no mosteiro de Pombeiro entrega «como verdadeiro teedor que he da capela e sobceiçom que ordenou Gonçalo Gonçalves peixoto em o dito mosteiro trezentos reais brancos desta moeda corrente»²⁵.

Amainara o vento das Cruzadas, que varrera de lés a lés a Europa, a levantar o ideal de unir, à espada, cristãos e infiéis na fé de Cristo. Ficara apenas como baluarte a Ordem de São João de Jerusalém, instalada na fortificada Ilha de Rodés.

Vasques Peixoto, a quem o irmão João emprazou em três vidas a Quinta de Pousada (nota 36), casada com Martim Esteves Barbato, escudeiro, moradores em Guimarães na Rua de Santa Luzia. Tudo indica não terem tido geração. Martim Esteves Barbato era a 22.2.1455 confrade da Confraria de S. Miguel-o-Anjo, em Guimarães (irmandade dos sapateiros, embora houvesse irmãos que não pertenciam à profissão); pág. 327 nas «*Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*» do Padre Torcato Peixoto de Azevedo. 5) Isabel Vasques Peixoto, mulher de Gil Lourenço, escrivão da puridade d'el Rei D. João I e alcaide-mor de Miranda do Douro, administrador do Morgadio de S. Miguel (depois Parto Suposto) com muita geração. 6) Além de possivelmente ter tido mais, de que não alcançamos notícia, não seria também seu filho Afonso Vasques Peixoto, abade de Arões, instituidor, em 1451, do Morgadio de Sezim?

²⁵ Recibo da quanthia de 300 reais brancos passado por Mem Rodrigues, prior do Convento de Pombeiro, a João Vasques Peixoto, Com.or da Faia e administrador da capela de Gonçalo Gonçalves Peixoto; lavrado no dito Convento por Vasco Gil, Tab. de Felgueiras, a 7.1.1428, e diz respeito ao pagamento da terça vencida pelo Natal de 1427. — Outro recibo idêntico relativo à terça a vencer na Páscoa próxima feita a 12.1.1428. Pergaminho n.º 3 da Colecção de Pergaminhos Avulsos, Arq. Mun. A. Pimenta. Num catálogo manuscrito, feito pelo Abade de Tagilde, sobre os pergaminhos da Casa de Pousada, citam-se os seguintes documentos relativos à administração do Morgadio pelo Comendador da Faia: — n.º 3: «Prazo de duas casas com seus eixidos e com seu balcão que atravessa a rua d'uma para outra casa, sitas na Rua de Santa Maria. Emprasadadas por João Vasques, Comendador da Faia e adm.or da Capella instituida por Gonçallo Gonçalves Peixoto em Pombeiro. Foram vedores: Pedro Afonso, Abade de Freitas e Martim Peres, Abade de S. Jorge de Castelões. Foram emprasadadas a Martim Vasques da Cunha e m.er Mecia Vasques de Andrade com obrigação de as reformarem e povoarem pois estavam destruidas. Sentenciado o prazo pelo Vigário Geral de Braga João Fernandes a 30.7.1429». — n.º 8: «Composição feita entre Joaõ Vasques Peixoto administrador da capella de Gonçalo Glz Peixoto, e o Prior Fr. Alvaro Gonçalves, do Convento de Pombeiro, acerca da pensão que havia de receber o convento e das missas que havia de celebrar segundo a instituição, lavrado por Vasco Gil, Tab. do Julgado de Felgueiras, a 16.6.1434».

Aliada do Rei da Hungria, ataca os turcos e sofre pesada derrota; em 1409 vingava-se com facilidade na Costa da Anatólia²⁶. Nessa luta, de vida ou morte, está, segundo os livros, João Vasques Peixoto²⁷, comendador da Faia e administrador

²⁶ «A Soberana Militar Ordem de Malta e a sua acção em Portugal», do Conde de Campo Bello.

²⁷ João Vasques Peixoto, Com.or da Faia e adm.or do Morgado de Pousada teve geração. Lê-se em «Peixotos, subsídios para a sua genealogia», pág. 24: «João Vasques Peixoto, cavaleiro teve em Catarina Domingues a Pero Vasques Peixoto, Maria Vasques Peixoto e Isabel Vasques Peixoto, legitimados por El-Rei D. João I a 16.10.1449 (1411 do Ano de Cristo) — Chancelaria de D. João I, 1.º 4.º, fl. 40 v.º; Arq. Nac. da Torre do Tombo. Ignorando se houve mais filhos, segue o autor de «Peixotos» com Isabel Peixoto, neta do Com.or da Faia (desconhece-se o nome dos pais), mulher de João do Vale, escudeiro do Duque de Guimarães. Foi esta senhora perfilhada por Martim Afonso Peixoto, escudeiro, m.or na Quinta do Outeiro Levado (bisneto de Vasco Gonçalves Peixoto, nota 12) que diz: «...por não ter filhos nem filha Isabel Peixoto, sua sobrinha, mer. de João do Vale, escudeiro do Duque de Guimarães, neta de João Vaz Peixoto, Comendador da Faia, tio dele Martim Afonso Peixoto, «por receber da dita sua sobrinha em cada dia muito bem fazer e esmolla assy para seu comer e vistir e callçar e elle ser muito velho e cansado e sem perjuizo de alguns Herdeyros lydimos seos». Carta Régia del' Rei D. Afonso V passada no Porto a 3.7.1476 onde se confirma a perfilhação lavrada a 6.6.1476 pelo Tab. Nuno de Vargas. Pergaminho n.º 6 da Coleção de Pergaminhos Avulsos, Arq. Mun. A. Pimenta. V. Peixotos, págs. 28 e 29. Nesse volume é estudada a ligação de António Vale Peixoto, Sr. da Casa de Carvalho d'Arca, Polvoreira, Guimarães, 4.º neto de João do Vale, com os 1.ºs Srs. da Casa de Pousada; nele é apresentada a vasta e inédita documentação a que muitas vezes temos feito referencias. Em *Valles Peixotos de Villas Boas da Casa de Carvalho de Arca* Vaz Osório da Nóbrega trata da descendência de António Vale Peixoto, acima citado, e de sua m.er Vitória de Vilas Boas, dando-a completa, com excepção da de seu filho José do Vale Peixoto (pág. 6) que teve muita geração.

Além do ramo estudado por Vaz Osório descendem de João do Vale e de Isabel Peixoto muitíssimas famílias. Citamos, entre outras: outros Vales Peixotos, de Guimarães; Correias de Lacerdas; Azeredos Vales; Brandões, Morgados de S. Paio de Guimarei, srs. da Torre da Marca (tratados em «*Vales Peixotos de Vilas Boas*» a partir do casamento de D. Brites Josefa do Vale Peixoto dos Guimarães com Luís Brandão de Menezes Pereira de Lacerda (pág. 7), que já descendia de João do Vale e m.er por sua bisavó pat. D. Catarina do Vale Peixoto); Guimarães e Vales Peixoto de Braga; Campelos, de Braga, Guardas, Correias Peixotos e Medeiros representados pelos Farias Machados da Casa das Hortas, Braga (v. «*Da verdadeira origem de algumas famílias illustres de Braga e seu termo* por Domingos de Araújo Afonso, XXI, XXIII, XXIV), Carvalhais, de Guimarães, Vales

da capela instituída por Gonçalo Gonçalves Peixoto em Pombeiro. São várias as páginas a afirmá-lo: «Tomou o hábito de S. João de Rodes para ir pelejar contra os turcos, foi comendador de Meade e Moura Morta»²⁸, «Gonçalo Vasques Peixoto chamou-se depois de ser maltês João Vasques Peixoto foi Com.^{or} da Faya e morou em Moura Morta Cav^o de Malta no tempo q erão Cavaleiros em Rodes»²⁹, «largou a casa & Morgado de Pousada, de que fez doação a seu irmão para servir a Deos na guerra contra os Turcos, tomou o hábito de São João de Rodes, e nas guerras de Malta exercitou muy bem o seu valor para que sua fama ficasse eternizada entre os Cavaleiros daquela Ordem, de que foy Comendador»³⁰. De tanta violência, de tanta peleja, só resta, em 1451, um vulto dorido na Casa da Pousada: é Frei João Vasques Peixoto. Na cama onde jazia, «avia anos que se não levantava com dor de gôta», entrega o senhorio de Pousada, «para descarregar a sua consciencia», a seu irmão Rui Vasques Peixoto³¹.

Vieiras, Marquesses de Lindoso, Rebelos, Meyras, de Guimarães, etc., etc. Entre tanta ilustre descendência destacamos, como virtuosas, as sete filhas de Salvador de Meira Peixoto (v. pág. 374 das «*Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*»), do P.^o Torcato Peixoto de Azevedo); nas letras, o P.^o João do Vale Peixoto, o primeiro português que na Universidade de Sapiência de Roma recebeu as insígnias doutorais em jurisprudência (séc. XV) publicando uma ou várias obras dessa matéria (pág. 235 do vol. I do «*Guimarães*») do P.^o Caldas); nas armas, Francisco de Meira Peixoto, Cav.^o Prof. na Ordem de Cristo, combatente no tempo d'El Rei D. João IV (pág. 254 do mesmo volume); Luís do Vale, que se achou no cerco de Chaul; Fabião Peixoto, capitão na Índia; António do Vale Peixoto † na Índia em 1687, e possivelmente Gregório da Costa do Vale, Cap. da Costa por El-Rei D. Manuel, † na Índia pelejando contra os turcos, deixando grande nome. Como instituidores de morgadios temos entre os descendentes de João do Vale e Isabel Peixoto: o Dr. Bartolomeu do Vale Vieira, arce-diago de Fonte Arcada, e João do Vale Peixoto.

²⁸ «*Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*», do P.^o Torcato Peixoto de Azevedo, pág. 397 e «*Guimarães*», do P.^o Caldas, vol. I, pág. 260.

²⁹ «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», vol. XXII, Peixotos, & 3 N 5. Equivoca-se Gayo dizendo que João Vasques Peixoto e seu irmão Gonçalo são uma só pessoa, quando na realidade, como se prova por documentos, são duas pessoas diferentes.

³⁰ «*Corografia Portuguesa*», do P.^o Carvalho da Costa, vol. I, pág. 97.

³¹ É o pergaminho n.^o 34 da Colecção de Pergaminhos Avulsos; outro instrumento o pergaminho n.^o III da mesma colecção, Arquivo Municipal A. Pimenta, Vem copiado a pág. 81 em «*Peixotos*». O traslado deste pergaminho feito pelo Tab. de Guimarães João Mendes Ribeiro a 3.5.1789 encon-

Difícil é distinguir na algazarra do pátio dos Paços do I Duque de Bragança em Guimarães, a figura de seu escudeiro Rui Vasques Peixoto, Sr. de Pousada. Ao centro, uma enorme fogueira. Assa-se saborosa caça. Dos picheis salta o vinho. Nas lages escoiceam os cavalos, tinem as armas ao serem pulidas. Levantam-se as vozes de cavaleiros e pagens. Trinta e cinco anos de glória, de heroísmos, de lutas, de intrigas a desfilar nas conversas à roda do lume. Vozes cansadas, curtidas nas praias africanas, falam da tomada de Ceuta, a moirama a acutillar desvairada, o terço de Guimarães a defender as muralhas da cidade conquistada, as gentes de Barcelos em debandada, atemorizada com a fúria sarracena. Outras lembram as duras vigílias por terras fronteiriças, à espera da invasão castelhana; recordam El-Rei D. João I, o de Boa Memória, a vela que fizeram no mosteiro de Alcobaga e «o pranto que sobre o corpo do Rei se fez» «Assaz maravilhoso e de grande espanto e de sobeja tristeza»³². Discutem o desastre de Tânger, o desbarate

tra-se no arq. part. da Casa de Pousada, é o doc. n.º 277. Dele transcrevemos: «... que Elle sabya bem como Elle (João Vasques Peixoto) cobrara em sendo Elle (Rui Vasques Peixoto) moço pequeno Em seu poder e ouvera huma capella e ssoceysom que gonçallo gonçalvez peyxoto seu vysavoo hordenara e ffezera no moesteyro de ponbeyro da quall capella e ssoceysom Eram cabeças humas cassas que Estam na dita vylla de gymarães na Rua de santa maria Em que hora mora ffernam de sousa e sua molher e a outra cabeça Era a quinta de pousada com certos casaes e Rendas e fforo e dereytos e cabedaes e gueyras hy outras muitas cousas je que elle sabya bem como a dita capella e soçeyssom e pertenças pertecya ha Elle Era sua dereyto he doutro nenhum nom he que lhe pedy a Requerya que desencaregasse sua comcyencya poys Era çerto e sabedor que Era sua e estava a tempo de temer sua comcyencya E o dito Joham vasquez comendador disse e deu Em Resposta ao Requerymento que lhe asy ffazya o dito Ruy vaaquez peyxoto sseu Irmaão que Elle sabya bem e conhecy a qye o dito gonçallo gonçalvez peyxoto Era byssavoo delle Ruy vasquez e que a dita capella e soceussom E todallas cousas que a Ella pertecyam Eram delle dito Ruy vazquez e doutro nenhum nom E que era verdade que Elle cobrara a dita capella asy como dyzya Elle dito Ruy vaasquez seu Irmaão e que porem elle dito comendador para desencaregar sua comcyencya que Elle desembargava a dita posse e tença que asy cobrara da dita capella e soçeyssom ha Elle dito Ruy vaasquez sseu Irmaão e lhe Entregou logo huma chaves de hum pomball que Esta na dita quintaa de pousada e disse que porque Elle Jazy a cama doente de dor de gota que avja anos e tempos que sse nom levantava que Elle pella sua parte ho avya por metydo de posse da dita capella e soceysom...». Foi a 19.2.1451.

³² Rui de Pina «Crónica do Reinado d'el Rei D. Duarte».

de tanta mocidade, a agonia no planalto do Marcham. Parecelhes reviver aqueles negros dias: a frota impotente, a balouçar-se no estreito; em terra os homens, cercados, sem água, perdidos entre os ataques do inimigo, a verem morrer os seus sonhos de glória, o heróico cativeiro do Infante-Santo. Ali, num canto, trova-se por El-Rei D. Duarte, o Rei Filósofo. E a penosa jornada da ida a Lisboa, ao chamamento d'El-Rei D. Afonso V, os ventos gelados na travessia da Serra da Estrela? Quem não esteve no triste desfecho de Alfarrobeira, onde as hostes do Infante D. Pedro e seu meio irmão D. Afonso se defrontam e matam? E agora, limpas as costas dos piratas, quando se fala em reconquistar Tânger, em avançar por África, em naus altasneiras a dominarem as ondas, o desassossego percorre a pequena corte. PESCOÇO entortado pelas intempéries, muito velho e gasto, impedido pela idade de ir com os seus homens, o I Duque de Bragança deixa aos filhos, a outras gentes, o mérito de avançar pelo mar adiante.

Como escudeiro do Duque, em quantas destas jornadas esteve Rui Vaz Peixoto? Não o dizem os documentos. Mostram-nos sim, desde novo, zeloso das suas terras, apegado ao senhorio que lhe pertence. Já em 1433 «ante as portas prñcipaes do mosteiro de sam françisco da par da vjla de Guimarães», prova por boca do confessor de seu Pai, ser filho legítimo do segundo casamento³³. Em 1446 dizendo que o irmão, o Comendador da Faia, lhe abraira mão da capela e sucessão de Gonçalo Gonçalves Peixoto, toma posse das casas na Rua de Santa Maria «por pedra tera telha e por portas das ditas casas poendo em ellas suas mãos E por esta posse que asj tomava das dictas cassas dezia que por ellas avja por tomada a posse da qujntaã de pousada que jaz na ffreiguesia de sam pedro de ssurey termo da dicta billa E de todollos outros casaaes E direitos E direituras que perteeçem a dicta capella e sobçesam»³⁴. Ao receber,

³³ V. nota 24. A Lei Mental promulgada a 8.4.1434, mas como o seu nome diz estava «em mente», desde o reinado de D. João I, regulou as sucessões aos morgadios, estabelecendo que apenas herdaria o morgado o filho primogénito e legítimo, salvo dispensa régia. Compreende-se por esta razão o interesse de Rui Vasques Peixoto em provar a sua legitimidade. Tiro por conclusão que o Comendador João Vasques Peixoto talvez não fosse filho de casamento.

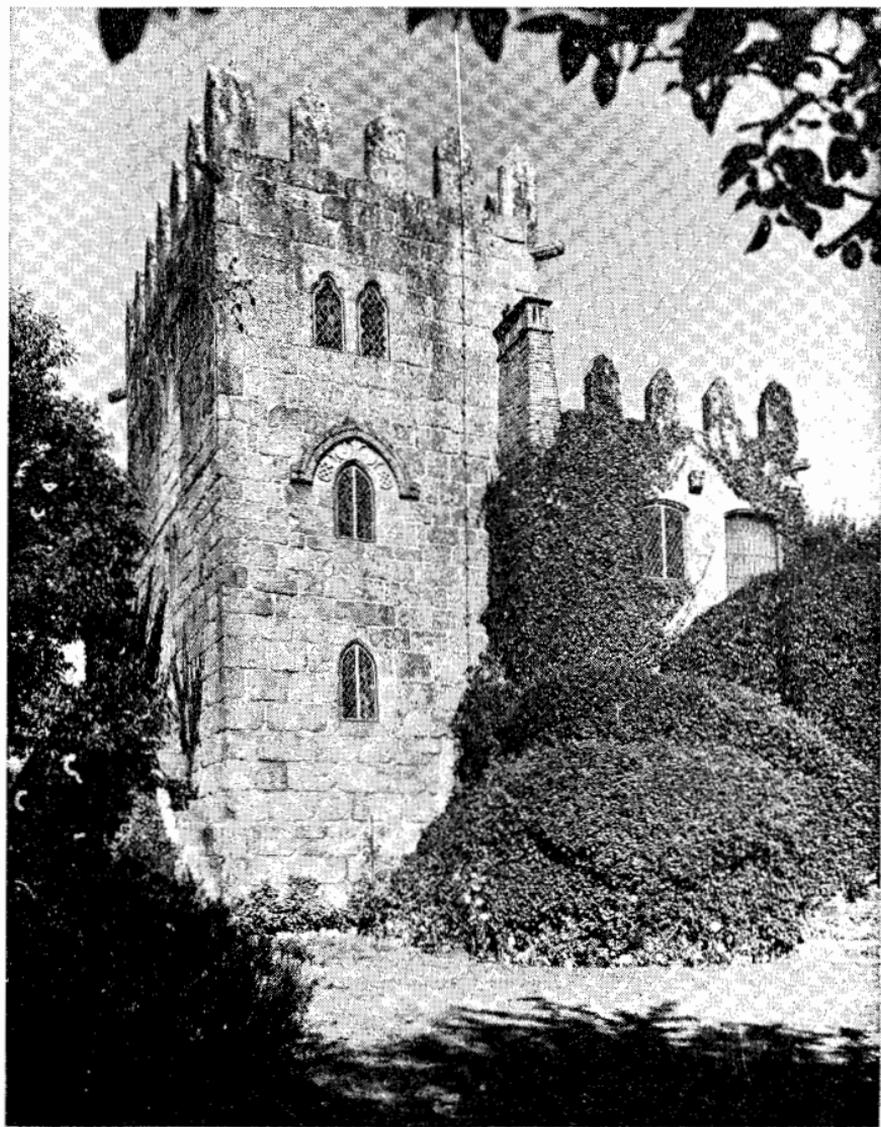
³⁴ Documento n.º 9 da Colecção de Pergaminhos Avulsos, Arq. Min. A. Pimenta, transcrito a pág. 80 nos «Peixotos».

das trémulas mãos de seu irmão, o Comendador, o morgadio e «as chaves de hum ponball que Estaa na dita quintaa de pouxada», entra Rui Vasques Peixoto no seu novo domínio «abryndo e thouujndo a porta de huma casa que hy estava toma posse por pedra e tera e colmo e telha». Desde então, todos os caseiros e foreiros são obrigados a «nom dar nem acudir com cousa alguma que a Ella (sucessão) pertença sallvo a Elle Ruy vasquez que he verdadeiro soçedor e posoydor della»³⁵.

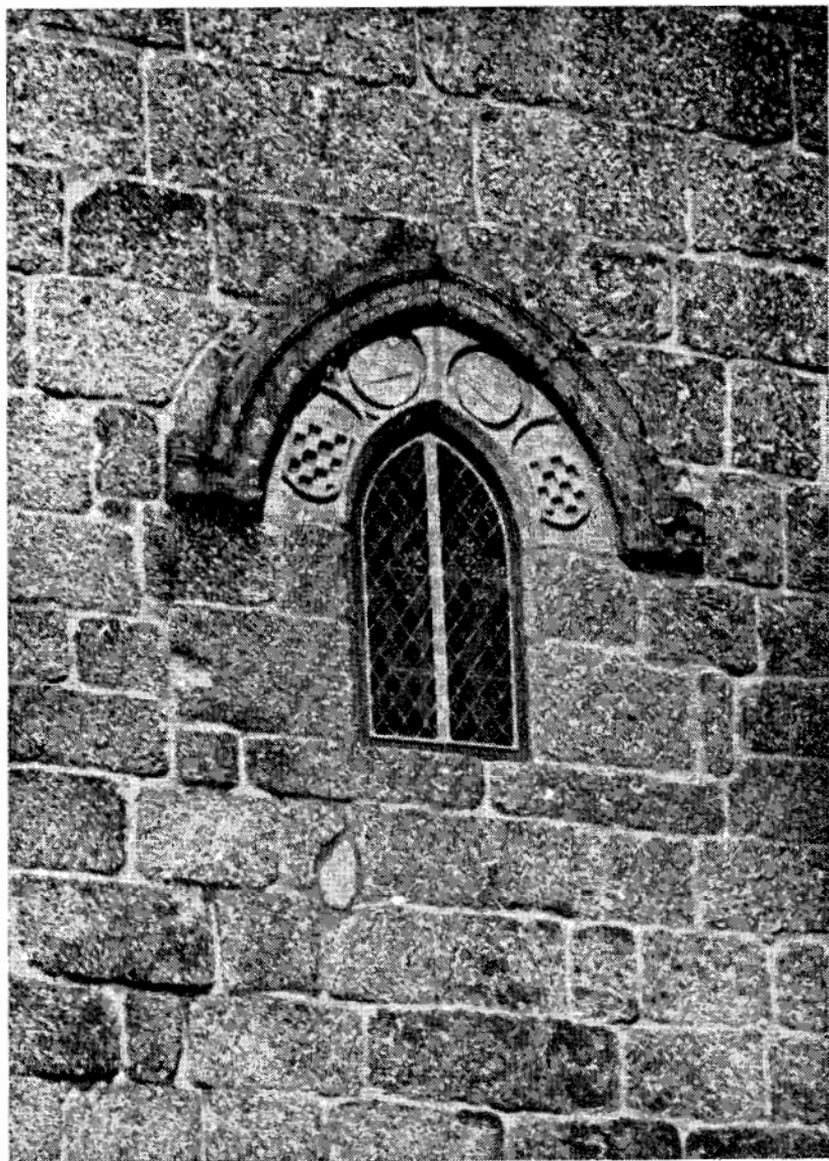
Contra ele se levantam sua irmã, Violante Vasques Peixoto, e o marido, Martim Esteves Barbato; emprazara-lhes o outro irmão, o Comendador João Vasques, a quinta da Pousada, querem fazer valer os seus direitos. Cinco anos dura a demanda, são «enmygos mortaaes». Finalmente, a 14-7-1453, «Dom Afom, ffilho do Muy virtuoso e vituriosissimo, Rey Dom Joham da esclarecida memoria, ducque de bragança e Conde de barcellos», parte por sentença ao meio os rendimentos de «todallas as vinhas devesas e campos e pomar e fruitos e cabedaes e todollos homens sabudos», da quinta de Pousada, entre seu escudeiro Rui Vasques Peixoto e cunhado Martim Esteves Barbato³⁶. Também o clero se ergue contra Rui Vasques, durante

³⁵ V. nota 31.

³⁶ Sentença de Dom Afonso, Duque de Bragança na demanda entre seu escudeiro Rui Vasques Peixoto e cunhado Martim Esteves Barbato, escudeiro, m.or em Santa Luzia, dada em Barcelos a 14.7.1453. Perg.º n.º 38 da Col. de Pergaminhos Avulsos do Arq. Mun. A. Pimenta, trasladado no séc. XVIII pelo Tab. Mendes Ribeiro, doc. n.º 336 do arq. part. da Casa de Pousada, transcrito a pág. 82 em «Peixotos». Diz mais o doc.: «...E tambem ajam os sobreditos rreo (Martim Esteves Barbato) e ssua molher a meetade de todollos campos da dita quintaa ou do cabedall delle e assy aJam ametade do pomar e ffruitos delle E corregam e rrefaçam, muy bem todo E paguaram em cada huum ano ao dito aministrador (Rui Vasques Peixoto) ou ao q for adiante hoyto lliuras e quinze soldos e mais tres almdes de vinho molle... E que as tavoas que o dito martim estevez rreo sserrou para ollagar sseJam de permeo e façam amboa huum lagar na dita quintaa a custa danbos para sse anbos lograrem E sse para elle myngarem algumas tavoas q serremnas da madeira que hi Jaz cortada E quanto aas outras tavoas que o dito reo sserrou de ao dito autor quinze dellas para corregar o poonbal. E as outras aJaas para ssy o dito rreo E ao dito autor aministrador fique Isentamente a outra meetade das ditas vinhas e devesas e canpos e pumar e fruitos e cabedaes delle E todo o poonball e todollos homeens sabudos E sse por ventura por culpa ou vontade do dito autor os lavradores que ora trazem as vinhas da dita quinta as deixarem que o dito rruy vasquez autor sseJa tehudo de dar dez homeens ao dito martim estevez rreo para corregar a ssua metade q lhe ficar...»



Casa de Pousada — Estado actual



Casa de Pousada — Janela armoriada (Séc. XIII)

anos, dum lado e doutro «ouverão a vista e disserão de seu direito quanto ambellas partes Rezoar quizerão», perde o Senhor de Pousada, debaixo de pesadas penas³⁷. Disputam-lhe o morgadio, para um filho que têm, sua irmã Isabel Vasques Peixoto e marido Gil Lourenço de Miranda; defende-se Rui Vasques Peixoto: «ha xxbiij anos (com Gil Lourenço) e sua molher que nos nom ffalamos e me ffazem quaesquer maas obras que podem e aJnda contra mj nom pode valler seu testemunho porque elle qujzera aver para seu ffilho este moorgado heu nunca lho qujs consentir por lhe nom perteeecer e ouvemos entre elle he my mujtas maas palavras...»³⁸. Apesar das que-relas com a familia, das questões com o clero, conserva Rui Vasques Peixoto o senhorio de Pousada que deixa a seu filho

³⁷ O Prior, os cônegos e o Cabido da Colegiada demandam Rui Vasques, pelo que, conforme a instituição do morgadio, lhes é obrigado a dar em pagamentos anuais. Rui Vasques Peixoto é condenado sob pena de excomunhão. Recorre para Roma, torna a perder o processo. É-lhe imposta uma multa de 16 libras e 48 moedas em boa moeda antiga; futuramente pagará 4 libras por ano. Principia esta questão a 1.7.1463, termina a 18.3.1469. Versa a outra demanda sobre as quatro libras pagas anualmente ao Cabido pelas casas da rua de Santa Maria, o que não se verificava há doze anos, é Rui Vasques obrigado a pagar 64 libras ao Cabido. «Tomo I (1721) das Sentenças da Fazenda do Cabido da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, fl. 67, 70 e 75 v.º, Arquivo Municipal A. Pimenta, encontrando-se os originais na Torre do Tombo. Estão estes documentos copiados a págs. 84 e 90 em «Peixotos». Num deles, Rui Vasques Peixoto aparece como «clericus bracarens», o que prova ter recebido ordens menores. Para conseguir os privilégios e imunidades eclesiásticas, extensísimos nessa época, durante «o decurso dos séculos XIV e XV perseverou o abuso de se conferirem ordens menores a indivíduos que não tinham intenção de receber as ordens sacras». Acorriam a recebê-las verdadeiras multidões, e «os povos queixavam-se de que os bispos não só conferiam ordens menores a individuos de vinte a trinta anos, que não sabiam ler nem eram examinados, como tambem as davam a homens casados, acerca dos quais não podia haver esperança de que viessem a tomar ordens sacras e servir a Igreja». «Escudados na qualidade de clérigos, declaravam-se até desobrigados de acudir a calamidades públicas, como incendios e assaltos de inimigos», não pagavam foros, sisas, nem portagens, montavam bestas muares, quando tal, para promover a criação de cavalos, era prohibido, punham-se a coberto da justiça secular, etc., etc. V. «História da Igreja em Portugal», vol. I, de Fortunato de Almeida, pág. 353 e 354, cap. VI, Privilégios e Imunidades Eclesiásticas.

³⁸ «Contraditas sobre huma demanda que trazia Ruy vaz com os conegos de guymarães»; folha constante da Colecção de Pergaminhos Avulsos, Arq. Mun. A. Pimenta, doc. trasladado em «Peixotos», p. 93.

primogénito Álvaro Vaz Peixoto, havido em Maria Gonçalves, mulher casada³⁹. Dos outros filhos, Rui Vaz Peixoto, o Moço, Mécia Rodrigues Peixoto, nascidos de Maria Gonçalves, solteira⁴⁰, Nuno Peixoto, Pedro Peixoto, João Peixoto, Leonor, Brites, e Leonor Afonso, apenas os três primeiros aparecem em documentos⁴¹.

Tomara Álvaro Vaz Peixoto ordens menores em Braga a 8-6-1471; o mesmo fizera a 18-9-1473 seu irmão Rui Vaz Peixoto, o Moço⁴². Mais tarde casaram. O primeiro com Dona Inês de Carvalho, viúva de Henrique Henriques, Estribeiro-Mor do Duque de Bragança e filha de Diogo Afonso de Carvalho e

³⁹ Carta d'el Rei D. Afonso V legitimando Álvaro Peixoto, filho de Rui Vasques Peixoto, escudeiro, e de Maria Gonçalves, mulher casada. Dada em Évora a 8.2.1453, Livro 2.º das legitimações da Leitura Nova, fl. 31, Torre do Tombo, citada em «Peixotos», nota 89. Na Catálogo manuscrito do Abade de Tagilde sobre os pergaminhos de Pousada, tem este documento o número 17 e é descrito como tendo o selo real pendente em cera. Não encontrei o pergaminho no arquivo da Casa.

⁴⁰ Legitimados por «carta d'el rei D. Afonso V dada no Porto a 10.2.1466 como filhos de Rui Vaz Peixoto, escudeiro que os tinha reconhecido por escritura de oito do mesmo mês e ano e de Maria Gonçalves, solteira» (não é a mesma da nota anterior que era casada em 1453), Livro 2 das Legitimações da Leitura Nova, página 154 v.º e 155, Torre do Tombo, in «Peixotos», nota 89. Como vemos no texto, Rui Vaz Peixoto, o Moço, casou e teve geração; quanto a Mécia Rodrigues, apenas sabemos ser viva em 1493.

⁴¹ Nuno Peixoto, escudeiro, aparece em alguns documentos; ignoramos se teve geração. Pedro, João, Leonor, Brites e Leonor Afonso são citados pelo Gayo no «Nobiliário» e, possivelmente por outros genealogistas. Deles não temos mais referências. Tanto no «Nobiliário» como no «Mostrador da Casa de Pousada» e outros, vem como mãe dos filhos de Rui Vaz Peixoto sua mulher Teresa ou Florinda Fernandes, que o Gayo dá como filha de Fernão Anes e mulher Leonor Gomes. Ao tomarem ordens menores, Álvaro e Rui são dados como filhos, de Rui Vaz Peixoto e de sua mulher Maria Gonçalves (nota 42). Sendo Álvaro legitimado em 1453 como filho de Maria Gonçalves, casada e, Rui e Mécia em 1466, filhos de Maria Gonçalves, solteira, qual das duas Marias é a referida na matrícula dos filhos; Será a primeira? (enviuvo e casou depois?), será a segunda? (v. nota 89 em «Peixotos»). Tendo por base estes dados, penso que Rui Vaz nunca casou. Julgo que o casamento com Teresa Fernandes, naturalmente mãe dum ou de vários de seus filhos, se trate dum «arranjo» de linhagistas, e o matrimónio com Maria Gonçalves, uma forma airosa de esconder a bastardia dos dois novos clérigos.

⁴² Matrículas de Ordens do Arcebispado de Braga, Livro 5.º, Arquivo Distrital de Braga, v. nota 89 em «Peixotos».

de sua mulher Branca Pinheiro ⁴³; o segundo com Dona Helena Vieira, filha de Afonso Vieira, escudeiro. Vive Álvaro Vaz Peixoto na corte do Duque de Bragança Dom Fernando, recebe moradia de fidalgo, e como tal serve nas guerras contra Castela ⁴⁴. Ondulam ao vento os penachos dos elmos, brilham ao sol as armaduras dos cavaleiros, as cotas de malha da peonagem e besteiros. Em defesa da causa de sua sobrinha, a Princesa Dona Joana, a infeliz Beltraneja, e na cobiça da coroa castelhana, entra por Castela adentro El-Rei D. Afonso V de Portugal. Leva o entusiasmo das arrancadas por África, o ardor duma Pátria que cresce «por mares nunca dantes navegados». Espera-o Fernando de Aragão, hábil, sereno; aguarda-o, descalça a correr as vilas, a arrebanhar os povos, nunca parando nem nas jornadas mais difíceis, nem nos partos, nem nos maus sucessos, Isabel, Rainha de Castela: reinos que se unem a formar a Espanha, Pátria que nasce gloriosa e bela. Encontram-se. De Zamora a Toro sucedem-se as escaramuças, as lutas, as tréguas. Setas cruzam os ares, caem os castelos. Refazem-se os esquadrões, lançam-se à carga com mais fúria. Dum campo para outro passam, segundo as conveniências, os grandes senhores com seus séquitos. Avanços, fugas, correrias. Entrechocam-se as espadas. Na grande planície castelhana jazem em enorme confusão corpos de homens e cavalos, gemem os feridos à espera dum punhal misericordioso, erram a toda a brida animais sem dono, em relinchos de angústia e agonia. Em Toro, na expectativa do desenrolar da batalha, protegem a desgraçada Dona Joana os soldados do Duque de Bragança; saem vitoriosos os homens do Príncipe Real, o futuro D. João II, e um nome fica a luzir pelos séculos: Duarte de Almeida, o Decepado. Retira-se D. Afonso V. E Álvaro Vaz Peixoto, escudeiro fidalgo,

⁴³ «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», de Felgueiras Gayo, Tomo XXIV, Pinheiros, § 17 e § 28. No tomo XXII, Peixotos, acrescenta o Gayo: «casaram clandestinamente».

⁴⁴ «Certidão do Instrumento de Inquirição de serviços de Francisco Peixoto de Carvalho feita no ano de 1535», Tab. Cristóvão do Vale, copiada pelo Tab. Mendes Ribeiro no século XVIII, arq. part. da Casa de Pousada. Aí são também referidos os feitos de Álvaro Vaz nas guerras contra Castela. Diz o Abade de Tagilde, no seu Catálogo dos Pergaminhos de Pousada: «N.º 23 Publica forma de uma inquirição de testemunhas feita a 10 de Novembro de 1514 pela qual se provou que Francisco Peixoto cavaleiro fidalgo, acompanhou com homens, armas e cavallos o Duque de Bragança na tomada de Azamor. Passada a 9 de Agosto de 1535».

Senhor do Morgado de Pousada, regressa ao Reino, assim como o restante exército d'El-Rei de Portugal, desapontado, talvez vencido, pronto, agora, a dedicar-se à sua Casa e Morgadio.

Álvaro Vaz Peixoto também chama seus os bens livres do pai. «De viz contra elle» vai seu irmão, Rui Vaz Peixoto, o Moço, aos Paços do Concelho, em Guimarães, a 28-6-1487. Há 14 longos anos nada recebe Rui Vaz das rendas das casas da Rua dos Banhos, no Porto junto às muralhas, da metade mais dois quinhões da quinta da Portela em S. Jorge do Selho ⁴⁵, de meio Outeiro Levado em S. Cristóvão do Selho ⁴⁶. De tudo se apoderara o senhor de Pousada. E mais: do cavalo murzelo, das ovelhas, dos porcos, das cubas de vinho, do tonel, da roupa

⁴⁵ Esta quinta, privilegiada das Tábuas Vermelhas, pertencia em fins de 1500 a Bernardo Fernandes, mantém-se até hoje na posse de seus descendentes em varonia. Usava primeiro esta família o patronímico Bernardes, por uma aliança no século XVIII com o vínculo de Nespereira (Meneses); e por terem a representação da Casa do Vinhal, em Famalicão (Azevedo) passaram a usar os apelidos Azevedo e Meneses.

⁴⁶ Ao começar a demanda (1487), vivia Álvaro Peixoto no Outeiro Levado. Foi esta quinta de Urraca Manteiga (nota 1), e depois de Vasco Gonçalves Peixoto (nota 12). A 10.11.1433 foi partilhada entre Maria Fernandes Machado, viúva de Afonso Rodrigues Peixoto (neto de Vasco Gonçalves Peixoto) e seus filhos. (Pergaminho n.º 39 do Catálogo dos Pergaminhos de Pousada, do Abade de Tagilde). Em 1457, por um maravedi anual de missas é trocado um terço do casal com o Cabido de Guimarães por Gil Lourenço e mulher Isabel Vasques, irmã do Comendador da Faia, v. «Transacções e escambos da Colegiada», Tomo I, fls. 128 e 130 e em «Peixotos», p. 96. A 16.5.1459 foram estes casais, juntamente com o das Torneiras e umas casas na Rua das Flores, vendidos por João Peixoto e sua irmã Beringueira Gonçalves (filhos de Afonso Rodrigues Peixoto?), a Diogo Gonçalves e mulher, documento citado no Cat.º do Abade sob o n.º 27. Por ser bem da coroa e como tal não poder ser vendido ou partilhado, confisca D. Afonso V o Outeiro Levado aos herdeiros de Afonso Rodrigues Peixoto e doa-o, com reserva, a Rui Vasques Peixoto, pai de Álvaro e Rui, a 13.2.1466, Chancelaria de D. Afonso V, Livro 114, fl. 20, Torre do Tombo, in «Peixotos», n.º. 110. A 8.11.1466 questionam, por causa do Outeiro Levado, Álvaro Peixoto e João do Vale e Isabel Peixoto sua mulher (nota 27), esta na qualidade de herdeira de seu parente Martim Afonso Peixoto, (neto de Afonso Rodrigues Peixoto, nota 12). Chegam a acordo; fica Álvaro Peixoto com o Outeiro Levado e entrega a João do Vale o casal das Lamas, em Gondar, in «Peixotos», p. 108. Após a demanda entre Álvaro Peixoto e irmãos (no texto) temos mais esta referência ao Outeiro Levado, tirada do Cat.º do Abade de Tagilde: «n.º 46 Composição sobre a quinta do Outeiro Levado feita entre Fernão Martins Cerveira e mulher Clara Gonçalves e Ignes Carvalho, viúva de Álvaro Peixoto, a 2.9.1500».

de cama, das cadeiras, de tanta coisa miúda: gamelas, espetos, alfaias... Em 1493, no prosseguimento da demanda, morto já Álvaro Vaz, cita Rui Vaz Peixoto, o Moço, a sua cunhada Inês de Carvalho. Juntam-se-lhe nas queixas os outros irmãos, também lesados: Mécia Rodrigues Peixoto e Nuno Peixoto, escudeiro. Vencem a causa a viúva e os filhos de Álvaro Vaz Peixoto ⁴⁷.

Tutor e curador dos sobrinhos, empraza Rui Vaz Peixoto uma das quintas do morgadio ⁴⁸, nomeia em 1499, debaixo de juramento e na mesma qualidade, todos os bens vinculados ⁴⁹.

⁴⁷ «Sertidão da Sen.ça de absolvição que obteve Iignes de Carvalho v.ª contra os Erd.ros de Ruy Peixoto sobre partilhas por falecimento de Ruy Vaz Peixoto», copiada pelo Tab. Mendes Ribeiro, doc. n.º 317 do arq. part. da Casa de Pousada.

⁴⁸ «Santa Maria de Atains. Certidão do Prazo do Casal do Bayrro que fez Ruy Peixoto como tutor e curador dos filhos de Álvaro Peixoto seu irmão, a João Alves e mulher Francisca Vaz», a 30.9.1499, Tab. Bastião Glz copiada em 1789 pelo Tab. Mendes Rib.º (9-3-150 do Arquivo Municipal A. Pimenta), transcrita em «Peixotos», p. 9. Tem o n.º 27 no Catálogo dos Pergaminhos.

⁴⁹ Começou este inventário a 2.1.1499. Descrevem-se os seguintes imóveis: um pardieiro na Rua de Val de Donas, umas casas na Rua de Santa Maria, onde vive Fernão de Sousa, fidalgo, feitas de novo «com um balcão que passa por cima da dita rua e nas traseiras um enxido com suas árvores de lorangeiras»; a quinta da Aceição e o casal da Fonte, em Azurém; o casal do Carvalhal com sua quebrada e vários campos, em Pencelo; os casais da Avelada e Pero Botão «que forão duas povoações e agora é só uma» e partem com Minotes e Pousada, e o de Briteiros «que confina com o de Riba Selho de que é senhorio João de Santarém», todos em Fermentões, o de Torrelo, acima da Torre da Oliveira, em Santo Tirso de Prazins; os do Souto, Rio e Quintãs, na de Gominhões, e a quinta do Bairro, em Atães. Certidão do Tombo do Morgado de Pousada, doc. n.º 1 do arq. part. da Casa de Pousada, copiado da Torre do Tombo a 20.9.1752: «... se buscarão os livros delle e no Tombo das Capellas Hospitaes da Villa de Guimarães que está no Armário dezasseis da Nova Casa do Coro a folhas quatrocentas e vinte oito se achou o Tombo da Capella que ordenou Gonçalo Gonçalves Peixoto que se canta no Mosteiro de Pombeiro».

⁵⁰ Baltazar Pereira da Silva, 6.º senhor da Casa da Olaria, em Ribeira de Pena, foi o protagonista do romance de Camilo Castelo Branco «O Santo da Montanha». V. esse volume e «Um personagem de Camilo», por António Canavarro de Valadares Pacheco de Andrade (Ribeira de Pena), in «Livro Memorial — A Figueira da Foz a Camilo Castelo Branco no seu centenário». Com o nome e locais e ambiente onde viveu Baltazar, criou Camilo um personagem que nada tem de comum com a vida do Senhor da Olaria. Baltazar Pereira da Silva * na Olaria a 20.12.1636 e † em 1716, foi

Depois abandona a história da Casa. Aonde nos leva o seu sangue generoso, o deslizar por entre as gerações? Às serranias nevadas do Alvão: aí pintará a imaginosa pena de Camilo a seu 4.º neto, Baltazar Pereira da Silva, Capitão-Mor da Ribeira da Pena, Senhor da Casa da Olaria; pôr-lhe-á nas mãos uma carabina assassina, transformando-o em Ali Fendi, duplamente desgraçado e miserável⁵⁰. Por sua neta Isabel Peixoto, mulher

Capitão-Mor, x com sua prima D. Maria de Noronha e Lima, viveram em Cabeceiras de Basto, na sua quinta de Vilar, freguesia de Santiago da Faia, e se tiveram filhos, morreram s. g. V. «Os Peixotos de Santarém, dos Viscondes de Landal, ramo dos de Ribeira de Pena», por Carlos Ary dos Santos, in «*Armas e Troféus*», tomo II, p. 306. Baltazar Pereira da Silva esteve por várias vezes em Guimarães, como se prova por alguns assentos paroquiais e escrituras (baptismos e dotes de seus familiares).

Os Peixotos da Olaria conservaram durante bastantes gerações a varonia dos Peixotos de Pousada. Ostenta essa Casa as armas da família, plenas e por timbre uma vieira. Tem uma data: 1558. No estudo acima citado diz o Dr. Ary dos Santos ser provável terem sido colocados por Pedro Peixoto, um dos filhos de Rui Vaz Peixoto, o Moço, e de sua mulher Helena Vieira. Além deste tiveram Rui Vaz Peixoto e mulher, pelo menos, a Maria Peixoto x com Álvaro Gonçalves, cavaleiro e a Álvaro Peixoto x com Catarina Correia, de Vila Nova das Infantas, origem dos Correias Peixotos dessa freguesia. Pelas escrituras, conseguimos vislumbrar a sua descendência, dois dos seus filhos vem nos nobiliários, mas são, no mínimo, três. Foram eles: 1) o Licenciado Pero Peixoto, † antes de 1609, que viveu no Couto de Pombeiro, x com Mariana Machado. Por sua morte ficou o Casal da Serviçaria, Infantas, a seu irmão André (12-3-16 b), 2) Gaspar Peixoto, administrador da Capela da Ramalha, em Pombeiro, sobre a qual chega a um acordo em 1609 com seu sobrinho Jerónimo Correia Peixoto (12-3-10); em 1614 vendeu metade da quinta do Paço, Vila Nova das Infantas (12-3-16). Possuía bens «no termo de Torres Novas adonde chamão alcóreas dos quais lhes fez aççam e merçê dom luís de atafde vizorei nas partes da India» (12-3-10) x com Maria Mendes da Fonseca e tiveram: Julião Peixoto que, em 1618, doou, com reserva do usufruto, o Casal da Serviçaria aos filhos de seu parente Pedro de Freitas Peixoto (nota 51), por este «lhe fazer muito boas obras e o alimentar até agora, estando ele, Julião Peixoto, desamparado, sem pai nem mãe de hum ano a esta parte e querer se arrumar para as partes do Brasil por ser nobre e não ter vida nesta terra nem do que se possa alimentar» (12-3-25); recebendo, pouco depois, uma esmola de António Dias Pimenta, marido de sua prima Maria Peixoto «por este julgar lhe fazer boa obra por Julião Peixoto andar nesta vida perdido e não ter com que se alimentar e ser homem principal e de boa gente e se querer ir para o Brasil e não ter para o frete e vestidos e mantimentos (mesmo 1.º), s. m. n. 3) André Peixoto, viveu na quinta do Paço, x com Ana Ribeiro. Fora do matrimónio teve, em Páscoa Fernandes da Costa, a Jerónimo Correia Peixoto, Fid. da C. R.,

de Álvaro de Freitas, às ruelas do Guimarães setecentista; à Casa das Lamelas, aos hieráticos cónegos Peixotos de Mirandas, à revoada das dez irmãs freirinhas em Santa Clara, no Porto, às demandas do vínculo, ao quase terminar duma casa com a

que em 1619 embarcou para a Índia «como capitão da Nau Nossa Senhora da Guia e vindo em 1621 como capitão da Nau Nossa Senhora da Conceição faleceu 15 dias antes dos turcos queimarem a dita Nau ao acudir a uma tormenta e nela se finou dum cabrestante que lhe deu na cabeça e logo se faleceu»; (acontecimentos descritos em «*Naufrágios e Combates no Mar*» por António Sérgio, págs. 181 a 184 do vol. I), era senhor do Casal da Serviçaria por doação de seu pai (12-3-16 b). Em 1626 sua mãe fez doação de todos os seus serviços a um filho de Pedro de Freitas Peixoto (12-3-18). André Peixoto e Páscoa Fernandes em 1621 e em 1622, na quinta do Paço, «muito velhos com mais de setenta anos e carecidos da vista para «receberem o que S. M. devia a seu filho Jerónimo Correia Peixoto das moradias de foro e tenças de Cavaleiro Fidalgo», passam procurações a Jerónimo Pires, genro dele André Peixoto, e a Miguel Correia Peixoto, irmão do falecido, m.or no Couto de Pombeiro e na ocasião em Lisboa (12-3-16) e a Miguel Correia Peixoto † em Infantas a 21.5.1630 (M. 1), c. g. De seu casamento teve André Peixoto a Maria Peixoto, † no Paço em 1631 x com Jerónimo Pires, senhora, por doação de seus pais, de metade da quinta do Paço, e a António Peixoto, que «por boca» também recebeu algumas terras (12-3-16 e) x com Margarida Francisca, do Casal do Carreiro, Infantas. Têm estes uma descendência muito numerosa; os Peixotos de Infantas, lavradores durante muitas gerações. São, além de muitos outros ainda não estudados, os Peixotos dos Casais do Paço, Carreiro e Eira de Sampaio, em Infantas, os do mesmo apelido do casal da Veiga, em Cansoso, e os Costa Peixoto, em Lordelo, que foram capitães de navio (v. *Árvore da Casa da Ribeira, S. João de Ponte*) Além dos livros acima citados, v. os mistos das diferentes freguesias. Arquivo Municipal A. Pimenta.

Pedro Peixoto, senhor da Olaria, acima referido, x com Inês dos Guimarães e teve muita geração (nota 51). O seu primogénito foi Francisco Peixoto, senhor do vínculo da Olaria, x com Camila Borges, de Cerva. Tiveram sete filhos (um, Sebastião foi para o Brasil). O sucessor foi o mais velho, Baltasar Vieira Peixoto, Cap. Mor de Ribeira de Pena, x com sua prima Camila Leite, senhora da quinta de Vilar, Faia, Cabeceiras de Basto. Houve: António Peixoto Pereira x com sua prima D. Francisca dos Guimarães Peixoto, B a 25.8.1607 e † a 6.1.1650 (M. 1 'Oliv.' e 'S. Sebastião', v. nota 54, q. s.; Padre Francisco Peixoto da Silva, Ben.º em Roma e reitor de Vila Pouca de Aguiar; Alexandre Peixoto, da Casa do Sobrado, e D. Filipa Peixoto, mulher de João Correia Machado, senhor da Casa da Temporã, em Ribeira de Pena (possivelmente dalgum deles descendem os Peixotos de Santarém). — António Peixoto Pereira e mulher tiveram: a) Baltazar Pereira da Silva, suc, acima citado; b) António Peixoto Pereira, em quem o irmão, em 1703, nomeou a Olaria, x com D. Ana Pimentel; c) D. Teodósia da Silva Peixoto † solteira; d) D. Mariana Peixoto de Azevedo † solteira a 5.10.1720 (Ob. 2 Oliv.ª), e) Padre Luís Peixoto da Silva;

morte de Paulo Machado de Miranda ⁵¹, à Covilhã, em Fermentões, que a continua ⁵². Também canta por entre os verdes

f) Francisco Peixoto Pereira † na Quinta do Telhado, S. Romão de Mesão-frio, a 14.10.1698, x na mesma freguesia a 29.10.1670 com sua prima Catarina Leite Pereira, filha de Alexandre de Araújo Sodré e mulher Isabel Leite Pr.^a, senhores da dita quinta, e aí † a 22.6.1693 (M 2). Tiv.^o 1) D. Maria Pereira da Silva, * na dita quinta a 5.11.1672, x na mesma freguesia a 15.8.1704 (M 2) com Luís de Macedo e Cunha, natural de Amarante, vivia em S. Romão, na quinta do Rebentão. 2) D. Teodósia Maria Peixoto de Azevedo, * na quinta do Telhado a 18.8.1674 (m 2), † em G.es a 15.9.1751 (O 3 Olv.^a), x na Colegiada a 7.7.1723 (C 1 Olv.^a) com seu primo Diogo Peixoto de Azevedo, Cav.^o Prof.^o na Ordem de Cristo, viúvo e c. g. (nota 54). D. Teodósia foi senhora da Olaria, que deixou a seu parente João Peixoto de Carvalho (nota 51); 3) D. Francisca Teresa dos Guimarães Peixoto, * na Quinta do Telhado a 1.10.1679 (M 2) aí † a 19.4.1741 (O 1), x na Colegiada a 2.2.1713 (C 1 Olv.^a) com António de Abreu Lima de Soutomaior, senhor da quinta da Loureira, Vila Chã, Barcelos; na escritura do casamento leva em dote, com reserva do usufruto para os tios, o prazo da Olaria (Livro 14-1-33, Arquivo Municipal A. Pimenta). Penso não ter havido geração destas senhoras, extinguindo-se assim este ramo da Olaria.

⁵¹ Pedro Peixoto, e mulher Leonor dos Guimarães (nota 50), foram também pais de Isabel Peixoto x com Álvaro de Freitas Peixoto (Gayo, tomo XIV, Freitas, & 6 e em outros nobiliários). Tiveram oito filhos. O primogénito foi Pedro de Freitas Peixoto, senhor duma casa na Rua dos Fornos (Lamelas) em G.es, Meirinho em G.es, x com Inês de Miranda (viúva, c. g., de Gaspar de São Paio, meirinho) † a 13.6.1626 (M 2 Olv.^a (filha de Inácio Machado de Miranda e de sua mulher Maria Barbosa (Gayo, Machado & 3, e Alão de Moraes, Machados por fêmea). Foram pais de Álvaro Machado de Freitas, † novo; Jerónimo Peixoto de Miranda «que atirou à espingarda no Reverendo Cónego Gabriel de Freitas de Almada indo elle para a Collegiada e ho firira gravemente e cometera o crime em público e ficara incurrido em pena de excomunhão», depois perdoado pelo dito cónego «por estar sarado das ditas feridas sem dellas lhe ficar aleijão nem disformidadee por Jerónimo Peixoto de Miranda e João da Silva de Menezes, que o acompanhou no delito «serem moços de pouca idade he menores he pobres e pessoas m.to nobres e de qualidade e f.os famílias». (Tab. Paulo de Barros, 12-3-35); Paulo Peixoto de Miranda que em 1626 foi para a Índia e recebeu em doação os serviços de seu parente Jerónimo Correia Peixoto (Livro 12-3-18 do Arquivo Municipal A. Pimenta); João Peixoto de Miranda, António Peixoto de Miranda e D. Maria Barbosa de Miranda. Dão estes três últimos origem aos ramos que aqui desenvolvemos.

Peixotos de Miranda, da Rua Sapateira: João Peixoto de Miranda, Infanção em G.es, Escrivão da Misericórdia da mesma vila (1662), * por 1606 (Boletim de Trab. Hist., vol. II, p. 158), Meirinho da Correcção, x duas vezes, a primeira com Ana de Morgade, † a 29.4.1630 (M 1 S. Seb.^o) e a segunda, a 17.9.1630 (M dito), com Serafina Barbosa, † na Rua Sapateira a 12.5.1658 (M 3 Olv.^a), filha de João Lopes e de sua mulher Mónica Bar-

campos de Basto, nas veias dos de Barroão⁵², na força dum João Rebelo Leite, cicatrizes a contarem feitos nas raias do

bosa (v. Casa de Caneiros, Fermentões). Todos os filhos nasceram na Rua Sapateira. Houve do 1.º casamento: Cosme Peixoto de Miranda, cônego da Sé de Braga; Maria de Santa Ana, Religiosa, B. a 3.10.1632; Francisca, B. a 20.1.1634; Inês, B. a 21.11.1635; Mónica Barbosa † solteira, a 4.9.1701 (Ob. 1 Oliv.^a); Manuel Peixoto de Miranda, escrivão da Miz. de G.es (1686), Provedor da Mesma (1716), B. a 29.12.1642, m.or na sua quinta de Subdevesa, S. Miguel de Lousada, † na Rua Sapateira a 10.10.1710 (O 1), x com Josefa Maria de Carvalho, c. g. (Cosme x em Cima Douro, João que foi para a Índia, e Francisco); João Peixoto, * a 2.2.1646 † 18.3.1687 (O 1); Jerónimo, frade bernardo, * a 24.6.1648; Isabel de Miranda, * a 20.2.1651, † solteira a 24.8.1707 (O 1); Martinho, B. a 23.9.1653, e António, a 6.3.1656 (N 1 Oliv.^a).

Peixotos das Lamelas: António Peixoto de Miranda, Fidalgo da C. R., alv. de 18.8.1664 (in «*Dicionário Aristocrático*»), Cav.º Prof. na O. de Cristo, sucedeu a seu pai, † a 19.8.1666, na sua casa na Rua dos Fornos (O 1 Oliv.^a), x com D. Isabel Sarinho, filha dum escrivão muito rico do Porto e tiv.: 1) Manuel Peixoto dos Guimarães, Escrivão da Miz. de G.es, Provedor da mesma † solteiro, 2) Ângela * a 6.10.1648 (N 1 Oliv.^a), 3) António Peixoto de Miranda, * a 10.6.1654 (N 1 Oliv.^a), Fid. Cav.º da C. R., alv. de 29.7.1698, (in «*Dicionário Aristocrático*») e em 1670, por nomeação de sua parenta Catarina Golias, senhor do Morgado do Mestre Escola (Golias), mas não satisfazendo umas obrigações de dinheiro passou o vínculo para seu primogénito (V. Casa da Covilhã, Fermentões). Cabeça deste morgadio foram as casas que tinha o instituidor, o Rev.do Mestre Escola Rui Gomes Golias, na Rua dos Fornos (Lamelas) em G.es, com capela anexa de Santo Nome de Jesus. Esta casa, que em vida de António Peixoto deve ter sido muito embelezada, é onde actualmente estão instalados o Tribunal do Trabalho e a Polícia, juntando numa as casas do Mestre Escola e as outras na mesma rua, onde nasceram seu pai e avós, † na dita casa a 3-7-1727 (O 2 Oliv.^a) x com sua prima D. Mafalda Luísa Leite (ver adiante) † na mesma casa a 11.1.1751 (O 3). A sua casa armoriada de Peixotos e Leites é das mais belas (setecentista) da cidade, a capela está hoje profanada encontrando-se o seu altar no Museu Alberto Sampaio. Foram seus filhos, todos aí nascidos, D. Maria, B. a 4.5.1698; D. Clara Inês, a 12.5.1699; António Peixoto de Miranda, B. a 21.9.1700, † solteiro; Manuel Peixoto dos Guimarães Golias, B. a 17.1.1702, suc. no Morgadio, † solteiro a 18.11.1768 (O 3) nomeando a sucessão em seu primo Fernando da Costa de Mesquita (v. parágrafo seguinte); D. Ângela, B. a 11.6.1704 (M 1 Castelo); D. Leonor, B. a 3.8.1705, D. Luísa Antónia, B. a 3.8.1706; D. Isabel Bernarda, B. a 10.9.1707; D. Joana, a 6.3.1710; D. Luísa, a 12.7.1711; D. Jerónima, D. Quitéria, a 17.11.1713 e D. Jacinta, a 15.11.1715 (N. 4 e 5 Oliv.). Dez destas manas foram primeiro educandas e depois freiras em Santa Clara do Porto.

Lamelas: a representação recaiu na descendência da filha de Pedro

Alentejo e da Galiza ⁵³, na paciência dum Padre Torcato Peixoto de Azevedo, nos seus nobiliários e nas «*Memorias Resuscitadas*

de Freitas Peixoto, D. Maria Barbosa de Miranda, † em G.es, na Rua das Flores, a 22.9.1629 (M 2 Oliv.^a), primeira mulher de Paulo de Barros de Azeredo (v. Quinta do Paço, Creixomil). Teve dois filhos: D. Inês de Miranda, B. a 5.4.1628 (M 2) e Jerónimo de Azeredo e Miranda, B. a 30.6.1629 (M 2), x c. g., senhor da Casa da Covilhã (v. essa casa, Fermentões) na qual segue a representação deste vínculo do Mestre Escola. D. Inês de Miranda † a 2.6.1660 (M 1 S. Seb.^o) x (foi segunda mulher) com o licenciado Luís Leite Ferreira, filho de Baltazar Leite e de Isabel Alvares, que foi x três vezes, tiv.: D. Guiomar, que segue, D. Isabel de Miranda, B. a 8.7.1658 (N. 2 Oliv.^a), † solteira, e D. Catarina, B. a 25.2.1660 (id.) — D. Guiomar Leite de Miranda, B. a 12.11.1658 (N 2 S. Seb.^o) † a 16.5.1681 (O 1 Oliv.) x em Azurém, na capela da Senhora da Madre de Deus a 8.11.1677 (M 2 Mesãozinho) com Fernão Rebelo de Mesquita, senhor do vínculo dos Costas Mesquita, em Geraz, filho de Francisco da Costa da Grã Mesquita, senhor do mesmo vínculo, e de sua mulher D. Helena de Magalhães Machado (f.^a herdeira de Francisco Peixoto de Carv.^o, nota 68). Tiv.: Inês Maria; freira, B. a 5.9.1678 (N 3 Oliv.), e Francisco da Costa de Mesquita, suc. de seu pai. Fernão Rebelo de Mesquita passou a segundas núpcias, tendo desse casamento, entre outros, a João Peixoto de Carvalho e Mesquita (Nota 68), † solteiro em 1765 e que em 1764, após longa demanda, entrou na posse da Casa da Olaria a ele deixada por sua parenta D. Teodósia (nota 50). — Francisco da Costa de Mesquita, acima, B. a 11.9.1679 (N 3 Oliv.) suc. de seu Pai, x no Porto com D. Joana Josefa Raimunda de Sampayo, † na Casa da Rua dos Fornos (Lamelas) a 26.3.1799 (O 4 Oliv.), filha de José Monteiro de Araújo e de sua mulher Francisco Xavier de Sampayo (v. Granja dos Pombais, Creixomil). Viveram no Porto na Rua Direita e tinham 2 residências em G.es.: a Casa do Cano de Cima e a quinta da Torre, em Mesãozinho. Tiv.: a) Fernando da Costa de Mesquita dos Guimarães Golias, suc. de seu pai e por nomeação de seu parente Manuel Peixoto dos Guimarães Golias (parágrafo anterior), senhor do Morgado dos Golias, foi também herdeiro de seu tio João Peixoto de Carvalho e Mesquita, † solteiro a 11.9.1769 na Rua dos Fornos (O 3 Oliv.); b) D. Joana Clara, † na mesma casa a 11.9.1794 (O 4); c) Francisco da Costa de Mesquita, † solteiro id. a 16.1.1796 (id); d) D. Ana Margarida dos Guimarães Golias, suc. a seus Irmãos, † solteira, com mais de 90 anos, a 29.11.1820. Foi seu herdeiro e test.^o o cônego Jacinto Navarro de Andrade (motivo pelo qual a Casa das Lamelas é conhecida por casa dos Navarros), com quem não tinha parentesco. Foi esta herança muito contestada por todos os parentes, havendo longa demanda. O cônego Navarro † em Alcobça a 5.8.1833 «de colera q lhe deu no caminho vindo de Lisboa na companhia de seu irmão o Barão de Sande, este continuou a jornada para Lamego onde se reuniu com seus irmãos, agora co-herdeiros de D. Ana Margarida»; e) D. Guiomar Antónia Leite de Miranda de Mesquita, q. s. e, fora do matrimónio teve Francisco da Costa de Mesquita; a f) Francisca

da Antiga Guimarães»⁵¹. Está por Braga, nas Casas do Tanque, nos Leite Brandões de Cabanas. E a tantas casas mais: ao

Luísa de Moraes, x a 3.8.1711 (M 2 Mesãozinho), com José Alvares de Carvalho, de S. Nicolau de Basto. — D. Guiomar Antónia, † em G. es, na Rua de Donães, a 27.4.1776 (O 4 Oliv.) x com António de Miranda de Machado e Melo, suc. a seus Pais, † a 30.9.1779, filho de Paulo Machado de Miranda e Melo, senhor da Casa e Morgadios de seus Maiores, Fid. da C. R., e de sua mulher D. Grácia Pereira de Castro. Tiv. único: Paulo Vicente Machado de Miranda, * na Rua de Donães a 5.4.1776 (N 9 Oliv.), que seria o herdeiro de todas estas Casas «que não correspondendo às esperanças e disbellos de sua Thia D. Ana Margarida (que o criou) tornou-se estravagante pellas sucias que fazia com seus próprios lacaios e com os das outras famílias, andando de noite com festadas e tomando os hábitos e costumes da gente com que acompanhava, e consta que nesse tempo aquella súcia era terrível e espancadora ahe q huma noite tendo constado a esta sucia q hum tal Marmelada fallava do procedimento de Paulo Machado, vendo q elle Marmelada se hia recolhendo para sua casa de noite o seguio, e o assassinarão à porta de sua mesma casa». Encontrada a arma do crime «huma cacheira com pregos ainda ensanguentada debaixo da cama de Paulo Machado», foi logo preso e «esteve mais dum anno na cadeia de Guimarães». Logo «que se livrou e ficou solto sua Thia Donna Anna Margarida ou por vexada deste acontecimento ou p.^o desviar seu sobrinho das sucias q ella athe ali ignorava» foi viver para o Porto. Aí continuou Paulo Machado «não com as mesmas estravagancias, mas com as d'outro genero, mulheres e bebidas fortes q o forão arruinando athe q falleceo». «Lembrança das questoes com o Visconde da Azenha (marido de D. Gracia Xavier Leite Pereira de Almada, prima co-irmã de Paulo Vicente e por sua morte representante dos Machado de Miranda, da Rua de Donães. Foi quem continuou a demanda iniciada por seus pais, e era uma das herdeiras designadas por D. Ana Margarida, herança que de resto não aceitou) e couzas q derão lugar a não se ter decidido athe hoje a quem pertencem estes ou aqueles bens da herança de D. Ana Margarida dos Guimarães Golias, principalmente o que há na Casa dos Golias». (Cópia duns papeis sobre a demanda dos Viscondes da Azenha com os Navarro de Andrade, oferecidos ao Arquivo Municipal A. Pimenta, pelos herdeiros do Dr. João de Freitas, viúvo de D. Maria Constança Martins Navarro Vaz de Nápoles).

⁵² João Rebelo Leite, bisneto de Isabel Peixoto e marido (notas 51 e 54), foi pelas suas façanhas nomeado a 15.1.1664 Mestre de Campo ad honorem. Estreou-se contra os galegos em Lamas de Mouro recebendo oito ferimentos em combate, conseguindo depois fugir do hospital de Pontevedra onde se encontrava prisioneiro. Passou ao exército do Alentejo, foi ferido no ataque a Vila Nova del Fresno; em 1664 socorreu Elvas e achou-se na Batalha do Montijo. Voltando ao Minho governou a praça de Valença, continuou com as obras das suas fortificações e mandou construir os dois fortes de Portela da Cruz. Sob o seu comando rompeu-se o

Marinhão, em Fafe e, daí, a Recovelo e a Laços, a toda a descendência do Maranhas⁵⁵. Esconde-se em tanto braço forte de

quartel inimigo em Gandra e restaurou-se a praça de Lindoso. Distinguiu-se nas entradas que o exército português fez pelo vale de Milhor, Fragozo, Lourinho, villas de Bouzas e Porrinho e no sítio à praça da Guarda. Em 1658 tornou a passar ao Minho tomando a saque Atamugem. Nesse local um dos seus soldados violou a igreja, arrombando o sacrário e levando a píxide. Ao saber do roubo, conduziu João Rebelo o Santíssimo à igreja mais próxima e «mandou buscar a Braga muzica danças e charamelas». Com suas tropas atravessou o rio, numa barca engalanada, acompanhado de muitos clérigos, entregou o Senhor aos galegos, que igualmente o receberam com vistosa procissão. Por ordem sua o sacrílego foi morto e arcabuzado. Fez depois a campanha de Macró, levantou três fortes em Portela do Vez, foi governador dum deles e em 1659 foi ferido à vista de Monção. Em 1661 tomou parte no rompimento da cavalaria contrária e na tomada do forte de Belém. Em 1662 esteve na batalha de Ponte Pedroz, na do Monte da Labruja, nas campanhas de Ponte da Barca e Portela dos Fortes do Vez, no sucedido no sítio da Atapela, campanha de Coura e na acção do forte de Gayão. «Faleceo com os bofes delidos a 2.10.1667». V. «*Memórias Resuscitadas da Antiga Guimarães*», págs. 400 a 408 e «*Guimarães*» do Padre Caldas, p. 259.

⁵³ «Torquato Peixoto de Azevedo (irmão do anterior), Presbítero do hábito de S. Pedro, nasceu na célebre vila de Guimarães a 2 de Maio de 1622, sendo filho de João Rebelo Leite e Isabel Peixoto de Azevedo. Desde a primeira idade até a última se applicou ao estudo da História Sagrada e profana não lhe devendo menos applicação a Geneologia, em que sahio eminentemente versado, como testemunham trinta e cinco volumes de folha que deixou escriptos, dos quaes se conservam vinte e dous em poder de Manuel Peixoto dos Guimarães Freitas e Miranda, parente do Autor, com vários cadernos de importantes noticias, que podem formar três volumes de folha. Falleceu a 25 de Junho de 1705 quando contava 83 annos de idade» (nota da ed. nas «*Memórias Resuscitadas da Antiga Guimaraens*»). Escreveu «trinta volumes vinte e dous do Reyno e oito de Castela e assim entendendo que este grande número de volumes compreenderá as Famílias da Provincia do Minho» (Tomo I, «*Aparato à História Geneológica da Casa Real Portuguesa*», de D. António Caetano de Souza). Dispersos ou perdidos só um desses volumes manuscritos se encontra na Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento. É também autor «duma das melhores monografias sobre Guimarães»: «*Memórias Resuscitadas da Antiga Guimarães*» cujo manuscrito original se encontra na Biblioteca da Sociedade, que foi impresso no Porto em 1854. V «*Guimarães*» do Padre Caldas e o «*Catálogo da Exposição Bibliográfica de Autores Vimaraneses*», realizada na Soc. Martins Sarmento em 1953. O Padre Torcato Peixoto de Azevedo, teve pelo menos, uma filha natural Jerónima Peixoto x em primeiras núpcias com André Carneiro e em segundas núpcias, a 1.9.1697, (C 1 Oly.³) com João de Azevedo, também viúvo.

cavador, ressalta em muitas árvores fidalgas o sangue de Rui Vaz Peixoto, o Moço. Qual rio caudaloso nos seus meandros e correntezas, arrasta-nos para longe da nascente, esta casa roqueira, de pedras que falam, a de Pousada, em S. Pedro de Azurém.

⁵⁴ Os outros filhos de Isabel Peixoto e de seu marido Álvaro de Freitas Peixoto (nota 51) foram Álvaro, Francisco, falecidos novos, e Torcato Peixoto, Alcaide em G.es x com Maria Colaço, † em G.es, na rua das Pretas, a 17.5.1641 (M 1 S. Seb.^o), filha do Almojarife de Setúbal. Tiv.: Diogo Peixoto de Azevedo, q. s., Isabel Rebelo Peixoto, adiante, Francisca, B. a 1.9.1603 (M 1 Olv.^a) † m. e D. Francisca dos Guimarães Peixoto, mulher de seu primo António Peixoto Pereira, senhor da Casa da Olaria, c. g. (nota 50). — Diogo Peixoto de Azevedo, † a 6.1.1650 (M 1 S. Seb.^o) x 1.^o com Jerónima Coelho, filha de Fernão Martins e irmã do cônego João Gomes Coelho, fizeram o dote a 27.7.1631 (12-3-7) onde ele leva a quinta comprada em Vila Nova das Infantas a seu parente Gaspar Peixoto (nota 50), x segunda vez a 1.12.1640 (M 1 S. Seb.^o) com Maria da Costa da Rocha, e tiv.: (houve pelo menos um filho natural Diogo Peixoto de Azevedo, boticário x c. g.) Torcato Peixoto de Azevedo, * 15.12.1640 (M 2 S. Seb.^o), † a 7.5.1679 (O 1 Olv.^a) x (o dote está nas notas do Tab. Dos da Cunha (12-4-30), é de 12.9.1674) com Mariana Gião de Morgade, que enviuvando x segunda vez com João Coelho de Vasconcelos, senhor da Torre da Mota, c. g. (v. Casa do Paço, Creixomil), filha de Jerónimo Barreiros e de sua mulher Anastácia Gião de Morgade, tiv.: Diogo Peixoto de Azevedo, suc., Cav.^o Prof. na O. de Cristo, † a 26.12.1728 (O 2 Olv.^a) x 1.^o com D. Rosa Soares Pereira † a 1.8.1722 (mesmo 1.^o), filha de Pedro Soares Pereira, natural de Valença, e de sua mulher D. Joana Maciel Tourinho, natural de Viana do Castelo, x 2.^a vez, como se diz na nota 50, com sua prima D. Teodósia Maria Peixoto de Azevedo s. g. Teve do 1.^o matrimónio: a) D. Ana Maria Soares dos Guimarães Peixoto, * na Quinta do Paço, Infantas, a 20.11.1697 (M 2 Infantas) x a 12.6.1724 (C 1 Olv.^a) com Gabriel António Leite Brandão, senhor da Casa do Campo de Santa Ana e da Quinta das Cabanas, em Dume, c. g. V. «*Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo*», por Domingos de Araújo Afonso, XLVIII, Leite Brandões de Cabanas, § 3.^o, b) Torcato B. a 28.6.1700 (M 1 S. Miguel do Castelo) † m.

Isabel Rebelo Peixoto, acima, filha de Torcato Peixoto e mulher Maria Colaço, B. a 24.6.1595 (M 1 Olv.^a) † a 3.4.1664 (M 2 S. Paio) x a 20.1.1621 (M 1 S. Paio) com João Rebelo Leite, Capitão de Ordenanças, † a 15.12.1647 (M 2), viv. na Rua da Alcobaca, em G.es. Tiv.: a) Padre Torcato Peixoto de Azevedo v. nota 53 onde se dão os seus dados biográficos; b) João Rebelo Leite, q. s., c) Francisca, * 25.9.1624 (N 1 S. Paio) † m.; c) Maria, * a 22.8.1626 (mesmo 1.^o); d) Catarina, † m.; e) Francisca dos Guimarães, B. a 16.5.1634 (M 1 S. Paio); e g) António Leite Ferreira, x a 1.1.1673 (C 1 S. Paio) com Jerónima de Barbosa e Sousa, tiv.: D. Mafalda Luísa Leite, * a 21.12.1673 (N 2 S. Paio) x com seu primo António Peixoto

Quatro senhoras, cinco varões, são os órfãos que deixa Álvaro Peixoto. Crescem. Sucede na casa o primogénito, Francisco Peixoto de Carvalho. Casam as senhoras: Brites, com Francisco dos Guimarães; Isabel, com João Lopes; Guiomar, com Pedro Nogueira; Catarina, para as Ilhas, com Francisco

de Miranda c. g. (nota 51); D. Isabel Peixoto de Azevedo, B. a 30.12.1674 e D. Mónica, B. a 2.9.1676 (N 2 S. Paio). — João Rebelo Leite, suc., (dados biográficos na nota 52), Mestre de Campo de Infantaria, senhor do vínculo do Barrosão, Refojos de Basto, x com D. Catarina Pereira do Lago, Herdeira, tiv.: Tomaz, a 4.10.1751 (M 2 S. Paio); D. Teresa; António Leite Pereira, q. seg.; D. Catarina e Jorge Leite * a 23.4.1657 (M 2). António Leite Pereira, suc., Fid. da C. R., Coronel de Infantaria, Cavaleiro Professo e Comendador na Ordem de Cristo, * a 2.5.1653 (M 2 S. Paio), x com D. Maria Joana Osório de Vasconcelos e Alvim, senhora do Paço da Oliveira, ant. conc.º de Santa Cruz de Ribatãmega. Tiv.; D. Catarina x com Francisco Machado Peixoto; D. Andresa x com Afonso de Sá Pereira; Mateus Mendes de Vasconcelos e João Mendes de Vasconcelos Pereira, Suc., F. C. R., Cav.º Prof. na O. de Cristo, Vereador em Braga em 1725 e 1746, x com D. Felícia Joana Quitéria de Abreu e Lima, senhora da Casa e Quinta do Tanque, em Braga c. g., onde segue a representação do vínculo do Barrosão. V. «*Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo*», de Domingos de Araújo Afonso, XVII § 3.º Quinta do Tanque em Braga. Um neto deste casal, António dos Vasconcelos Leite Pereira dos Guimarães Golias disputou aos Navarro de Andrade a herança de D. Ana dos Guimarães Golias, nota 51.

⁵⁵ Além dos filhos já citados, Isabel Peixoto e marido, Álvaro de Freitas Peixoto, tiveram as seguintes filhas: Francisca dos Guimarães de Azevedo x com Manuel Vieira de Valadares, não são mencionados por Gayo, mas sim numa folha avulsa que se encontra anexa ao Mostrador da Casa de Pousada, tendo sido padrinho de dois sobrinhos. Viveram na freguesia de Vila Cova (S. Bartolomeu) Fafe, onde a 25.1.1599 fez uma nomeação a sua mulher (12-2-56); D. Catarina dos Guimarães x com Martim de Sá, senhor da quinta de Sá, em Barrosas, dos quais só temos notícia por Gayo, Sás, § 36, antepassados, segundo esse título, dos Pinto da Cunha de Sá, senhores da Casa de Paço em S. Romão de Mesãofrio; Leonor dos Guimarães x primeira vez com Cristóvão Vaz Moutinho c. g., e a segunda, sem receber dote dos pais, (demanda de sua filha com o tio Torcato Peixoto a 9.3.1615 (22-1-2) com Rodrigo Rebelo de Andrade, senhor da Casa do Marinhão, Fafe, c. g.: Casas do Marinhão, Recovelo, na Póvoa de Lanhoso, e Laços, em Creixomil; v. o meu estudo sobre essa casa, e nas «*Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga*», de Vaz Osório da Nóbrega a Casa de Recovelo; e Antónia de Freitas Peixoto, mulher de Manuel da Cunha, «*o Maranhão*», c. g., da qual já tratei na Casa do Salgueiral, freguesia de Creixomil.

Dias ⁵⁶. Assim os outros filhos, Álvaro Peixoto, casado em Guimarães com Maria Golias ⁵⁷, Vasco Peixoto, marido de Isabel

⁵⁶ Segundo Gayo, Álvaro Peixoto e sua mulher, Inês de Carvalho, tiveram quatro filhas: Guiomar Peixoto x com Pedro Nogueira; Isabel Peixoto, mulher de João Lopes; Catarina Peixoto x com Francisco Dias «nat. da Ilha para onde forão», e Brites Peixoto, mulher de Francisco dos Guimarães. Da 1.^a e da 2.^a nada mais sei. No M 1 da freguesia de S. Sebvem a 4.3.1616 o † de Brites Lopes Peixoto e nos livros de notas do Tab. Francisco Peixoto de Carvalho (12-3-13 e 12-3-14) vêm umas procurações de Ana Sodré, dona viúva de Pedro Lopes Peixoto, e de seu filho António Peixoto Sodré para outros filhos: Jerónimo Peixoto e o Licenciado João Peixoto Sodré, então (1611) em Lisboa. António Peixoto Sodré † na Rua da Caldeiroa a 22.12.1622; seu herdeiro foi o Licenciado Francisco Peixoto de Sá (M 1 S. Seb.^o), seu primo co-irmão, (neto materno de Rui Lopes de Morgade (nota 69), de quem António Peixoto Sodré também era neto). Presumo que estes Peixotos Sodrés descendam de Isabel Peixoto e marido. Da 3.^a há esta referência no testamento da mãe: «... mais hua filha que tenho na Ilha q se chama Catarina Peixoto a qual me servira de m.tos serviços asi a mi como ameos f.os e Levava muito trabalho em me servir e mais por ser pobre» (nota 60), deixa-lhe a terça. Também há a escritura e certidão do seu dote, feito a 15.4.1520, Tab. Francisco Glz, doc. 174 do arq. part. de Pousada, onde ela e marido, Francisco Dias, mercador, dão quitação a sua mãe e sogra. Da 4.^a apenas conhecemos o nome duma filha, Ana de Carvalho Peixoto, que juntamente com o marido, João Lopes da Rocha, Fidalgo da Casa Real, senhor dum morgadio em G.es, aparecem em várias escrituras. João Lopes da Rocha, ou da Ramada, e mulher tiveram: Salvador da Rocha Peixoto, morto em 1610, camareiro do Senhor Dom Duarte; Paulo da Rocha, moço de chaves do Senhor Dom Teodósio † s. g. em 1589; Soror Maria do Rosário, freira de Santa Clara de G.es e depois reformadora de Santa Clara, em Vila Real; Beatriz Lopes de Carvalho x s. g. com Jerónimo Pinheiro da Silveira; Pedro da Rocha Peixoto, † estudante e Manuel da Rocha Peixoto, Cavaleiro na Ordem de Cristo, Fidalgo da Casa Real, que a 8.1.1598 nas pousadas de seus pais faz dote para casar com Isabel de Morgade, filha de Cosme do Canto (12-3-45). Serviu o Duque de Bragança e depois x com D. Maria da Silveira, viveu, em Vila Viçosa. Tiv.: alguns filhos religiosos, Bernardo de Carvalho, morto em Vila Viçosa e Diogo Lopes da Rocha, x em Borba, pai de Manuel Peixoto da Rocha e de Diogo Lopes da Rocha, moradores na dita vila, administradores, em 1692, do morgadio de seu bisavô. V. «*Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*».

⁵⁷ Maria Golias era filha de Gomes Gonçalves de Abreu e neta materna de João Afonso Ribeiro, o Golias, (v. Casa da Covilhã, Fermentões). Álvaro Peixoto e mulher tiveram: Jorge Peixoto, que segue; Torcato Peixoto, † nos Ilheus de S. Jorge, Brasil; Isabel Peixoto; Maria Peixoto, senhora da quinta do Pombal em S. Jorge de Selho; José Peixoto e Francisco Peixoto † na Índia que, diz Felgueiras Gayo, x com Jerónima da

Castelão de Freitas⁵⁸, Jorge Peixoto de Carvalho, com geração, nos Açores⁵⁹. E é nesse novo Portugal, na imensa Índia, onde,

Costa e foi pai de D. Jerónima da Costa, x na Índia com Duarte da Guerra (pai, segundo a mesma fonte, de D. Francisca da Guerra, 1.^a mulher do Conde de S. Lourenço s. g.) e de Maria Peixoto, x na Índia com Pedro Vieira, e, depois, com Manuel Cação c. g. de ambos os casamentos. — Jorge Peixoto, Cavaleiro Fidalgo, † em G.es a 29.9.1620 (M I S. Paio), x com Ana do Canto, que vivendo em G.es em 1638 retirou-se para a quinta do Pombal onde † a 2.1.1641 (M I S. Paio); feitas por ambos há várias escrituras nos livros de notas. Tiveram: o Licenciado João Peixoto, † solteiro a 22.7.1624 (M I S. Paio); Fr. Luís Peixoto, Abade de Refojos; Francisco Peixoto do Canto ou da Silva, que foi para Lisboa ao serviço do Senhor Bispo Dom Pedro da Costa, Inquisidor Geral, Moço Fidalgo da Casa Real, Fidalgo da Cota d'Armas, brasão passado a 12.3.1658; Peixotos, Cantos, Vales e Silvas, Livro 2.^o, fls. 317 v.^o in «*Brasões Inéditos*», x com D. Mariana Marques (pai de Pedro Peixoto, Gonçalo Peixoto, cônego em Lisboa, e João Peixoto que foi assassinado); Margarida do Rosário; Catarina de Sena, que, possivelmente, é Catarina Peixoto, † em G.es a 27.1.1624 em casa de Ana do Canto (M I S. Paio); Maria Peixoto, a quem sua tia de igual nome doou a 11.1.1624, a quinta do Pombal (12-3-16 f); Clara da Conceição, freira; Damázio Peixoto de Azevedo, pai de D. Serafina e de Luís Peixoto x com Maria Machado de Miranda; e, finalmente, Teodósia Peixoto Golias † a 22.7.1630 em S. Gens de Montelongo, Fafe, (M I da dita freguesia, Arq. Dist. de Braga) x, 1.^o com Francisco Álvares do Canto, † em S. Gens a 4.1.1626, e em segundas núpcias, a 26.11.1627, também em S. Gens, com Cristóvão de Sampaio Coelho, s. g. Teve do 1.^o: José Peixoto, Dz. da Casa da Duplicação, * em S. Gens a 24.3.1618; Cristóvão * a 14.9.1619 † m.; Maria * a 25.3.1620; Damásia a 28.8.1621; Mariana † a 22.8.1629 (tudo no M. I S. Gens) e Alexandre Peixoto de Azevedo † a 14.8.1704 (M I S. Miguel do Castelo). A morte do pai só ficaram três filhos e uma filha (fiança dada por sua mãe, e mais tarde é a avó materna tutora e curadora dos órfãos). Alexandre Peixoto de Azevedo x em Braga com D. Joana Botelho † a 27.1.1727 (M I Castelo) e tiveram: a) D. Mariana Luísa Peixoto, x a 23.4.1683 (mesmo 1.^o) com Manuel Cabral Barbosa, viveram em G.es na Rua do Gado, c. g. (V. Olv.^a N 3 e 4, e C 1). Já viúva, pede D. Mariana Luísa e seu filho, Manuel Barbosa Cabral, dinheiro emprestado para meter uma filha, Dona Maria Jerónima, freira em Santa Clara, b) D. Clara, * em 1662; c) Francisco, * no mesmo ano; d) Bento Peixoto de Azevedo, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo † a 5.4.1741 (M I Castelo), x 1.^o com D. Teresa Maria de Sampaio e 2.^o com D. Maria Constantina Pereira Machado, tiveram: vários religiosos, Manuel Peixoto; o Licenciado José Peixoto de Azevedo; o Padre Francisco de S. Joaquim, e Gonçalo José Peixoto de Azevedo, Fidalgo da C. R., † solteiro a 3.7.1777 (M 2 Castelo); e) D. Margarida Rosa Peixoto, * em 1678, solteira; f) André Peixoto, x s. g.; g) Teodósia * em 1682; h) Verímisso, * em 1684 e i) D. Teresa, * em 1685 (M I S. Miguel do Castelo).

mares já dominados, o génio português se immortaliza, que morre um dos filhos de Álvaro Peixoto, Senhor de Pousada, Lançarote Peixoto, ao serviço d'El-Rei Venturoso. Nas lágrimas de sua mãe, Inês de Carvalho, como nas de quase todas as mães dessa época, começa o correr, no mais suave, no mais plangente deslizar, o fio heróico, o traço firme a escrever o nome de Portugal pela terra toda, pelo mar imenso.

⁵⁸ Dos filhos de Vasco Peixoto e mulher, Isabel Castelão de Freitas, temos notícias dos seguintes: João Castelão Peixoto, Cavaleiro Fidalgo da Casa de S. M. (escritura de 1598 (12-3-45)), «eleito escrivão da Miz faleceu no mesmo ano a 3.7.1611» (*Bol. de Trabalhos Históricos*, vol. IV, pág. 71); Maria Peixoto de Freitas que em 1601 já é mulher de António Dias Pimenta, instituidor do vínculo da senhora da Porciúncula em S. Francisco (Casa da Avelreira, Pencilo), s. g. e Gonçalo Peixoto de Freitas, x com Susana Mendes, moradores em Guimarães, na Rua Escura. Tiveram estas a Maria, B. a 30.8.1592; João, a 15.4.1594; Pedro Peixoto a 22.5.1595 que testemunha em 1609 a venda que seu pai faz duns campos da Quinta das Eiras, Creixomil, que lhe pertencia (12-3-10); Margarida, B. a 30.8.1596; Luzia, a 19.8.1598; António, a 13.7.1601; D. Catarina Peixoto, a 10.5.1606, adiante, e Francisco Peixoto Castelão, B. a 18.12.1607 (tudo no M 1 Oliv.^a), que segue. — Francisco Peixoto Castelão, capitão, senhor da Quinta de Cervais, em S. Romão de Mesãofrío, viveu no Tournal e x com D. Antónia de Gouveia Pedrosa † a 18.3.1690 (M 3 S. Seb.^o). Tiv.: José, B. a 7.8.1649; Gualter, a 15.2.1651, e D. Catarina Peixoto de Gouvêa, B. a 17.5.1654 (N 2 S. Seb.^o) x a 9.6.1667 (Oliv.^a M 3) com Jerónimo de Matos Feo, Fidalgo da Casa Real, Almoxarife da Rainha, padroeiros do altar de Nossa Senhora das Dores no Convento dos Capuchos, s. g.

Catarina Peixoto, acima, filha de Gonçalo Peixoto de Freitas, † a 27.9.1676 (M 3 S. Seb.^o), x com o Licenciado Pedro da Silva Pereira (V. Gayo, Lagos & 8) e tiveram: a) D. Mariana da Silva Pereira † a 8.3.1700 (M 3 S. Seb.^o) x com Francisco Mendes de Alvarenga, Tab. em G.es, filho de Manuel Mendes e de sua mulher Paula de Freitas (*Nobiliário do Padre Torcato Peixoto de Azevedo*), Família dos Alvarengas e suas armas, Capítulo 4.^o), pais de João, Jerónimo, Nicolau Pereira do Lago * a 5.3.1674 (N 3 Oliv.^a) e Ana Maria, B. a 1.1.1676 (mesmo e 1.^o), s. m. n.; b) D. Suzana Peixoto, B. a 7.2.1648 (N 1 Oliv.^a), x a 14.3.1674 com Francisco de Meira Peixoto, seu parente, Fidalgo da Cota d'Armas (B. p. a em Novembro de 1643: Meiras, Vales, Peixotos e Rochas, Livro 2.^o, fls. 60 v, in «*Brasões Inéditos*»), Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, já citado na nota 27, † a 4.5.1679 «sem a extremaunção por nesta villa haver cessatio adivinís» (M 3 S. Seb.^o) e x 2.^a vez com José Machado. Teve do 1.^o casamento: D. Rosa Maria, * a 27.5.1676 † solteira a 3.7.1704 (N 3 e M. 3 S. Seb.^o), e Manuel de Meira Peixoto, B. em casa a 23.5.1678 (N 3), senhor da quinta das Eiras, em Creixomil, x c. g.: Meiras da Quinta das Eiras, Creixomil, e do vínculo das Poveiras, S. Torcato, (v. Quinta do Paço, Creixomil, nota 50); c) D. Marta Pereira do Lago, * 1.1.1629 (M 2 Oliv.^a) x, 1.^o, com

Graciosa, vestida de hábitos de pano fino, envolta em linda mantilha, em faldubeiras de Londres e de Palma, até nós vem, a 25-4-1504, Maria Dias de Castro, filha do honrado Afonso Anes, abade de Galegos. Não traz as mãos vazias: uma herdade, 45\$000 réis em dinheiro, a roupa de cama costumada: «hua coçada e dous travesseiros e hum colchão e huma almadrague e duas almofadas e hua manta de Arraz e hua de papa e quatro linçois de linho». Traz também uma cama para homens: «hum almadrague e quatro cabeçais e duas mantas hua de Aragão e outra de votais quatro linçois e meia duzia de manteis». E «quatro toalhas de panelo e quatro francezas, hum vancal e hum tapete para meza». Mais duas arcaç com todas as miudezas. Dão-lhe os tios, Vasco Pereira, cavaleiro, e mulher, e Álvaro Anes várias propriedades em Galegos e a Arca de tomada de sua Casa. De estanho traz quatro pichéis para o vinho, pratos, um saleiro e uma «alberrada» para flores e pratos: «duas taças grandes de bastiaes tres e hua picada de dramais e outra de medunhos e outra de palgão todas douradas e mais sinco taças mais pequenas hua de madavallos França e outra dargos muito dourada e outra de mais midionlos branca

António de Freitas de Alvarenga, Cap. de Aux.^a na Província do Minho, Sargento-mor de um terço de Auxl.^a, filho de Francisco de Freitas, reitor de Serzedelo, e de Maria Fernandes (pais, também, de Paula de Freitas, acima. Nob.^o já mencionado, Cap. 3.^o da família dos Alvarengas) e tiveram: D. Francisca; D. Antónia de Freitas Peixoto, x a 4.5.1693 (C 1 Azurém) c. o Licenciado Miguel Dias de Amorim Feo; D. Maria * 7.5.1665 (M 2 S. Paio) e D. Ana, D. Marta x 2.^a vez com Francisco de Sousa de Lucena, Mestre de Campo de Auxl.^a d) Baltazar, * a 6.3.1630 e e) D. Paula, * a 30.6.1632 (N 1 Oliv.^a) s. m. n.

⁵⁹ Jorge Peixoto, «nascido em Guimarães em 1487», teve em Maria Lopes uma filha, Isabel de Carvalho Peixoto, * no Faial e leg.^a por El Rei Dom João III a 19.6.1539. X esta senhora com Rui Dias Evangelho, ouvidor nas Ilhas do Faial e do Pico. Tiveram entre outros, a Gaspar Pereira Evangelho, s. g. e a Beatriz ou Brites Evangelho, mulher de António Brun da Silveira, pais de três clérigos: Rui Dias Evangelho, Jorge Peixoto e Fr. António do Espírito Santo, e de outros nove, casados com muita descendência nas Ilhas. «Nobiliário da Ilha Terceira», de Eduardo de Campos de Castro de Azevedo Soares (Carcavelos), vol. II, p. 16.

⁶⁰ Assim o diz o testamento de sua mãe: «... na caza da India lhe deviao certo dinheiro de soldo que ficara de seu filho Lançarote Peixoto que se falecera na India». Certidão do Testamento com que faleceu Ignês de Carvalho, viúva de Álvaro Peixoto, feito a 11.4.1527 na Quinta do Outeiro Levado, S. Cristóvão de Riba Selho — arq. part. da Casa de Pousada.

e outra de bastoins dourada e toda lavrada de prata dourada pelos bordos». Arruma mais roupa: «hum habito e hum manto de menim e duas faldubeiras hua de Londres e outra de Palmilha Item outro vestido hua mantilha de Londres e hua taldrilha de Londres e dous... de pano fino». Tudo isto traz ⁶¹ à casa de Pousada, Maria Dias de Castro ao casar com a «ajuda de Deus e aprazimento e satisfação dos seus» com Francisco Peixoto de Carvalho.

«Louvores a nosso Senhor, Azamor he de V. A sem morte nem ferida de homem fidalgo» ⁶². Do Tejo partira, em 1513, a «mais formozza frota», fora a marinhagem seguiam nela 13.000 homens de pé e mais de 2.000 cavalos. Eram «cerca de 500 velas entre naus, caravelas, tafureias e outros navios. Em Faro juntaram-se-lhe mais velas e gentes». Iam os maiores fidalgos do Reino, destacavam-se: «a gente de pé do Duque (de Bragança) vestida a primor: os soldados de calças, gibões e gorras de pano branco, com cruces vermelhas no peito e nas costas, e os officiais — coroneis, alferes, cabos de esquadra e sargentos de campo — de vestidos de sêda». Iam à conquista de Azamor, vingar a última expedição, onde os mouros «atiravam pelo rio abaixo bolsas de lenha, canas, palha e estopa tudo aceso com fogo de alcatrão do que os nossos navios se defendiam com grande trabalho» ⁶³. Chegaram. «Amanheceu tanto mar de levadia com calmarias, que nos destruiu a todos aquelles que cuidavamos que eram bons marinheiros e a barra se não podia então

⁶¹ «Certidam da Escritura de Dote e Casamento de Francisco Peixoto com Maria Dias feita em Braga a 25.4.1504, trasladada pelo Tab. João Mendes Ribeiro a 18.12.1789», Doc.º n.º 23 no arq. part. da Casa de Pousada. Tem muito interesse pela descrição das peças do enxoval da noiva. Diz o Abade de Tagilde no seu catálogo: «— 6 — Escritura de dote para o casamento de Francisco Peixoto sobrinho de Nuno Peixoto, este morador no termo de Guimarães, e de Maria de Castro, filha de Afonso Nunes, Abade de Galegos, lavrada em Braga pelo Tabelião Fernão de Guimarães a 25 de Abril de 1504 — É muito curiosa».

⁶² «Carta que o Duque de Bragança D. Jayme escreveu de Azamor a El Rey quando tomou a Cidade, está no tomo 3 do livro de diversas cousas do anno de 1532 por diante, que era do Serenissimo Duque de Bragança D. Teodósio I e se conserva na Livraria do Serenissimo Senhor Infante D. António a pág. 325 vers. donde a fiz copiar». — «Provas da História Genealógica» de D. António Caetano de Sousa, Tomo IV, págs. 32 e seguintes.

⁶³ «História de Portugal» — Ed. Monumental — Direcção Literária de Damião Peres, vol. III, págs. 510 a 516.

entrar, e sobre isso faltou tanta nevoa conosco, que não viamos hum navio doutro, e fomos todos atromentados de tal feição que por conselho de todos» «visto como eramos já descobertos avia dois dias, e os cavallos se perdião com sed, e nos com aquelle mar não tinhamos siso, nem rasão para fazer cousa nenhuma detreminamos» ir desembarcar a Mazagão, e atacar por terra. Organiza o exército o Duque de Bragança. O sol das praias africanas que brilhe sobre esses homens a marcharem cheios de fadiga «com fome de lhe nom podermos dar mantimentos, nem baldadas, sendo huma gente que sem duvida me prezo mais de ser senhor, para vós ella servir, que das Villas em que vivem». Espesso nevoeiro que venha cobrir, tapar a triste crónica: «do maior trabalho e afronta, que em toda minha vida me vi, e cando acabey de fazer pareceome que seria facil tomar o cairo, porque deles não querião que lhes tomasse os homens de péé, delles não querião ajuntarse com ninguem, delles buscavão totalas destemperas do mundo, que nam havia gouta de sangue em mim que não fosse tudo peçonha, nem tinha outro remédio senão fazer andar os alferes a poder de pancadas e contoadas, a ajuntalos onde eu queria, e desta maneira hião os capitães com elles...»⁶⁴.

Escaramuçam os mouros, avançam os portugueses. «Com o senhor Duque nesta hida da tomada de Azamor», vai Francisco Peixoto de Carvalho, «com homens e Armas e cavallo, sendo acrescentado a Cavaleiro». Leva, como «em todos seus movimentos suas armas e espadas Escudos com estaques dentro»⁶⁵. 2.9.1513. Ao Sinal da Cruz do Duque de Bragança começa o combate. Troa a artilharia. Chegam-se as pesadas mantas às muralhas. Galgam-se escadas. Setas e bocas de fogo defendem a cidade. Estende-se o pânico por Azamor. Quase sem resistência, debanda a população pela porta livre. Entra Portugal com seus homens por mais uma praça em África. Regressa a Pousada Francisco Peixoto. Sentada no banco de pedra, banhada na doce luz a entrar pela janela geminada, braço pousado no peitoril, aguarda-o sua esposa, Maria Dias de Castro. Nas góticas paredes, a circundar a ogiva da outra janela. gravados na pedra, os escudos dos Peixotos. Gira nos gonzos a pesada porta. Sai a correr a nova geração que desponta: Gonçalo Vaz, Inês,

⁶⁴ Nota 62.

⁶⁵ Nota 44.

Ana e Guiomar, filhos de Francisco Peixoto de Carvalho. Apaga-se a outra no Outeiro Levado: a 4.4.1527 faz sua manda sua mãe Inês de Carvalho⁶⁶. Passa a recordação de Catarina Peixoto, a filha que tem na Ilha e «a servira de muitos serviços asi a ella como a seus filhos e Levava muito trabalho em a servir e mais por ser pobre», passa o apelo à Casa da India pelo soldo de Lançarote, as dividas que tem, os objectos que empenhara: a taça de um marco, os sete tochoes de prata. Passa, entre orações, mais uma folha da história dos Peixotos.

Quase nada quebra o silêncio, estendido entre os penedos e carvalhas das terras de Pousada. Passos levam «todos os dias da semana ou todos os mezes», o azeite para a capela em Pombeiro: duas léguas, de poeirada escaldante, no verão; as mesmas, enlameadas, nas escuras invernias, quantas vezes «dobradas por os frades não acharem o azeite suficiente». Galopa alvoraçado o mensageiro, portador do Breve Papal alcançado por Francisco Peixoto de Carvalho, a 2.3.1541, em Roma; reduzem os legados dos Peixotos no Mosteiro do Pombeiro⁶⁷. Sussuram, inquietos, as filhas e genros de Francisco Peixoto: Ana Peixoto e marido Manuel Francisco⁶⁸; Inês Peixoto

⁶⁶ Documento citado na nota 44.

⁶⁷ «428 sobre as Missas de Pmbr.º — Auto daceptação de huma Letra Appostolica impetrada a instancia do Sr. Francisco Peixoto Administrador da Capella de Gonçallo Gonçalves Peixoto syta no Mosteiro de Pombeiro». arq. part. da Casa de Pousada. Francisco Peixoto «nobre clerici casado» apresenta a petição em Guimarães, a 28.6.1540. A sentença é «dada em Roma em S. Pedro debaixo do selo da Penitenciária no sexto dia das Nonas de março no anno 6.º do Pontificado do S.^{mo} P.^o». Diz o Catálogo dos Pergaminhos de Pousada: «21 — Escripto apostolico acerca das missas que segundo a instituição de Gonçalo Peixoto devem celebrar-se na capella do mosteiro de Pombeiro, alcançado a requerimento de Francisco Peixoto em Roma a 2 de Março de 1541».

⁶⁸ Segundo Felgueiras Gayo, Ana Peixoto x com Manuel Francisco, senhor da Quinta do Hospital, em Fareja, Fafe. No Mostrador da Casa de Pousada chamam-lhe Mestre Francisco. No M 1 de Fareja, no Arq. Dist. de Braga, vem a 4.9.1625 o † da Ana Peixoto da quinta do Hospital era x com João Fernandes que † pouco depois. Penso que seja filha da 1.^a Ana, a julgar pela data em que viveu. Ana Peixoto e João Fernandes tiveram: António Peixoto morador na mesma quinta e que a 17.12.1655 a doou a sua sobrinha Helena (12-4-21 do Arquivo Municipal A. Pimenta); o Reverendo Cristóvão Peixoto, Capelão da Miz.^a de G.es, que fez a mesma doação que seu irmão António e † poucos dias depois a 25.12 (M 2 S. Pajo), pai de dois filhos naturais: Jerónimo, * a 13.1.1616 (M 2 Olv.) e Ana Peixoto, que cedeu a nomeação que seu pai lhe fizera da quinta do Hospital a sua

casada com Diogo de Sá ⁶⁹ e Guiomar Peixoto e esposo, o Licenciado Tristão de Moura Coutinho ⁷⁰, obtêm de seu pai e sogro

prima Helena (12-4-21), Pedro Peixoto e Francisco Peixoto de Carvalho * na dita quinta a 27.4.1590 (M 1) e † em G.es com vômitos a 27.7.1633 (M 2 S. Pa'ó), Tabelaio de notas na vila de G.es, cujos livros foram fontes preciosas para este trabalho, x com Damásia Machado de Magalhães e tiveram: João Peixoto de Carvalho, † com o mesmo mal e no dia a seguir a seu pai (M 2 S. Paio), D. Maria Peixoto de Carvalho, terceira mulher de Francisco da Costa da Grã de Mesquita, senhor do vínculo dos Costa Mesquitas, etc. (nota 51) s. g., tendo levado em dote as quintas do Hospital e Ribeira em Mesãozinho (nas notas do Tab. D.os da Cunha (12-4-21) a 21.2.1655) Ana Machado de Magalhães que a 20.10.1641 fez dote para x com o Dr. Pero de Sousa da Cunha, Lente da Universidade de Coimbra e D. Helena Machado de Magalhães, † na quinta da Ribeira a 15.2.1669 (M 2 Mesãozinho) x com Francisco da Costa de Mesquita, filho de seu cunhado, † no Cano a 18.12.1692 (mesmo l.º) e tiv.: Fernão Rebelo de Mesquita, suc., que segue; Luís Rebelo da Costa, B. em Braga a 24.4.1660 «*Verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo*», título de Grãs) e António Peixoto da Costa, * na Quinta da Ribeira a 29.6.1664 (M 2 S. Romão de Mesãozinho). — Fernão Rebelo de Mesquita, B. em Braga a 18.2.1658 (obra citada) x 1.º com D. Guiomar Leite de Miranda c. g. onde segue a representação deste ramo na nota 51. x 2.º, como também aí se diz, com D. Helena Maria de Meireles Pereira e tiv.: António, * a 19.5.1691; Josefa, b. a 19.5.1692; João Peixoto de Carvalho e Mesquita (nota 51); Manuel, B. a 24.4.1702 e D. Maria Madalena (Ov. N 4).

⁶⁹ Inês Peixoto x com Diogo de Sá, natural de Matosinhos. Deram origem aos Sás Peixoto da Rua da Caldeiroa (Gayo, Peixotos, § 9, 19 e 21 e «*Pedatura Lusitana*», 5.º vol. 1.ª parte, pág. 293). Tiv.: Paulo de Sá Peixoto, Francisco Peixoto de Sá, António Peixoto de Sá, Domingos Peixoto de Sá, dos quais nos ocuparemos nos parágrafos seguintes, e duas filhas solteiras.

Paulo de Sá Peixoto x com Brites Lopes da Rocha, filha herdeira de Rui Lopes de Morgade e tiv.: o Licenciado Francisco Peixoto de Sá, Letrado que teve disputas com seus primos, os senhores de Pousada, † solteiro; D. Inês Peixoto; D. Catarina Peixoto de Sá, senhora em 1626, dum prazo em S. Miguel das Caldas, solteiras, e Cosme de Sá Peixoto, x na Baía, a 26.3.1602, com Maria de Novaes, residentes na Baía, (e ele em Abril de 1638 «foi morto pelos inimigos olandezes em Maré»), filha de Pero de Novaes e de sua mulher Águeda Sodrê e senhora em G.es do Morgadio que instituiu seu bisavô Baltazar Fernandes Sodrê ao mandar edificar, por voto, a capela ermida do Campo da Feira, a ela doada por seu tio avô Francisco Sodrê de Pineda, Cavaleiro Fidalgo, estando ela na Baía, a 30.6.1632 (Tab. João de Abreu (12-3-8)). Tiv.: Cosme de Sá Peixoto; Catarina de Sá, x Luís Álvares Montarroio, s. g.; Paulo de Sá Peixoto, q. segue e Joana de Sá Peixoto, x na Baía (onde nasceu e seus irmãos) a 12.6.1650 com João Peixoto Viegas (descendente, por bastardia, da Casa da Calçada, Penafiel, no Gayo, Vilarinho § 24) e tiv.: a) José de Sá Peixoto, b) José Peixoto Viegas que sendo já de maior idade se ordenou sacerdote e passou

avultadas doações «com grande fraude e dano do morgadio»⁷¹. Cego, doente, escuta suas vozes o senhor de Pousada. Por fim,

ao sertão por visitador e também por vigário, tendo sido morto por um seu escravo»; c) Fernão Peixoto de Sá, B. em Igoape a 30.9.1661 † solteiro; d) Cosme de Sá Peixoto «que tendo ordens foi assassinado pelos sobrinhos»; e) D. Apolónia, B. em Igoape em dez. 1662 «x no Reino com F. Vanique que dizem era secretário do Duque de Cadaval e teve filhos lá»; f) g) h) três filhas que foram freiras no Reino e i) Francisco de Sá Peixoto «que fugio a seu pai e foi ter a Pernambuco e lá o prendeu o Governo no ano de 1689 em uma fortaleza, da qual sahio a casar com D. Angela Bezerra e tiv.: o Coronel João Peixoto Viegas, x no Arraial com D. Rita Cardoso, s. g., José de Sá Bezerra † solteiro, «de um tiro como havia feito a seu tio Cosme», D. Maria que viveu solteira em S. José de Taporocas fazenda de seus pais e avós e D. Joana, recolhida no Convento das Mercês da Baía (V «Catálogo Genealógico» de Fr. António Maria Jaboatão, pág. 293, Peixoto Viegas e «Nobiliarchia Pernambucana», de Borges de Fonseca, vol. I, pág. 69). — Paulo de Sá Peixoto, suc, veio para Portugal, † em Guimarães a 22.9.1683 (M 3 S. Seb.), x na Igreja de Mascotelos a 13.9.1634 (M 1 S. Seb.) com sua prima D. Mariana da Mota (ver paragrafo seguinte) † a 2.12.1688 (M 3 S. Seb.) e tiv: D. Catarina de Sá; D. Maria; Francisco Peixoto de Sá, Cónego da Colegiada em Guimarães (as «provanças» foram feitas a 25.5.1657, in «Boletim de Trabalhos Históricas», vol. IV, pág. 56); D. Inês; D. Francisca; D. Brites, Cosme Peixoto de Sá, que segue; Mateus † m; João id.; D. Isabel, Mateus e João Peixoto Guilherme, cónego da Colegiada em G.es por renúncia que ele fez seu irmão Cosme Inq. a 17.11.1670 in *Boletim de Trabalhos Históricas*, vol. VII, pág. 24), todos nascidos em G.es na Rua da Caldeira (M 2 e N. 2 S. Seb.). — Cosme Peixoto de Sá, suc., fez a 8.2.1666 as Inq. para cónego da Colegiada de G.es (*Bol. de Trab. Hist.*, vol. VI, p. 41), «diz uma memória que vimos viera de Guimarães para a Bahia chamado por seu tio Cosme de Sá Peixoto que era senhor do Engenho de Santa Catarina e S. Cosme, o qual engenho deixou por sua morte a este seu sobrinho Cosme» (*Jaboatão*, pág. 359), Marechal de Campo de um Terço de Auxl.^a em G.es, Fid. da C. R., Comendador da Ordem de Cristo, † em G.es a 1.11.1700, x na Baía com D. Mariana de Aguilár Goes e tiv.: Francisco Peixoto de Sá; D. Luísa Catarina de Sá Peixoto, Toucadoura da Inf.^a D. Francisca e depois da Rainha da Grã-Bretanha, D. Catarina, x com Alexandre de Palhares e Brito, s. g. (V. Casa do Costeado, Crexomil) e D. Mariana da Mota e Sá, Toucadoura no Paço, solteira.

Francisco Peixoto de Sá, Moço de Câmara d'el Rei Dom João III, Mamposteiro Mor dos Cativos, x no Porto com D. Mécia Paes e tiv.: Mateus Peixoto de Sá, que serviu a Casa de Bragança, que segue, Paulo Peixoto, abade da Campeã; Padre Tomé do Espírito Santo; Padre Francisco d'Assunção, ambos loios, e seis filhas sem estado. — Mateus Peixoto de Sá, Agente do Duque D. Teodósio, secretário do Senhor Dom Felipe de Bragança, † em G.es a 3.11.1637 (M 3 S. Seb.) x em Badajoz com

«achando-se induzido e enganado», lavra novo testamento ⁷². Rompe o silêncio o pregão lançado em 1557, pelas ruas de Gui-

D. Maria da Mota Guilherme † em G.es a 10.4.1637 (mesmo 1.º), moraram em Vila Viçosa e tiv.: Gaspar Peixoto da Mota, abade de Rande, cónego em Ourém e na Colegiada de Barcelos † em G.es a 19.10.1670 (mesmo 1.º); D. Brásia, freira no Porto; D. Mariana da Mota x com seu primo Paulo de Sá Peixoto, c. g., acima; João Peixoto de Sá, que segue; Francisco Peixoto, abade de Tendaes e Tomé Peixoto, Deputado do Santo Ofício, Lente em Coimbra, cónego Doutorral na sua Sé, colegial de S. Paulo. — João Peixoto de Sá, suc., Ouvidor em Vila Viçosa, Dzor no Porto e na Suplicação, x em Évora com D. Luísa de Madureira, filha Herdeira de Francisco de Madureira Falcão e tiv.: D. Micaela Teresa de Sá Peixoto, x com Paulo Pinto de Albuquerque, de Santarém, c. g. — Peixotos de Albuquerque de Santarém. V. «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», de Felgueiras Gayo, Tomo II de Costados, Costado 69 v.º.

António Peixoto de Sá, Tabelião † a 27.1.1603 (M 1 Olv.º) x com Jerónima de Andrade † a 1.1.1638 (M 2 Olv.º). Tiv.: Mateus Peixoto de Andrade, Chantre na Colegiada de G.es, † a 19.7.1623 (M 2 Olv.º) e que teve quatro filhas naturais: Damiana Peixoto, Catarina Peixoto, Jerónima Peixoto e Maria Peixoto. A 1.ª e 3.ª foram herdeiras de sua avó, como tais, em 1639, compõe-se com Manuel Pereira da Silva e D. Maria Peixoto de Carvalho sobre um litígio (12-3-40) e em 1642 chegam a um acordo sobre a Quinta de Cerviais, em Mesão-frio (12-3-45).

Domingos Peixoto, x em Bragança com D. Antónia de Figueiredo Novaes, tiv. pelo menos a Mateus Peixoto de Sá x em Bragança com D. Maria Leitão, pais de Domingos Peixoto, Cavaleiro da Ordem de Cristo, † solteiro, estudante em Coimbra, e três senhoras, freiras, em Chelas.

⁷⁰ Guiomar Peixoto e marido, o Licenciado Tristão de Moura, são mencionados no testamento de seu pai e sogro, v. nota seguinte. Tiv. três filhos: Jácome de Moura Coutinho, s. g.; D. Joana de Moura Coutinho † a 13.4.1624 (M 2 Olv.º), mulher de Cosme Machado Miranda (no Gayo, Machados, § 62) que a 21.7.1614 doam a quinta do Outeiro Levado, em S. Cristóvão de Riba Selho, e o casal da Aveleira, em Pencilo, a seu filho Jerónimo Machado de Miranda «por lhe ser muito obediente e no terem outro» (12-3-22) que depois «morreo da queda de hum cavallo» (papel avulso no arq. de Pousada) e António Peixoto de Moura, q. seg. — António Peixoto de Moura, natural de G.es, cidadão de Braga onde † a 10.2.1599, aí x a 20.11.1570 com Joana de Azevedo e tiv. três filhos: Isabel da Silva de Moura, x 1.º com Gonçalo de Sousa Guedes, s. g., e 2.º, a 24.4.1624, em Braga, freguesia de S. João do Souto, com Sebastião Pereira do Lago, s. g.; Filipa de Moura Coutinho, que segue e Jácome de Moura Peixoto, B. em S. João do Souto a 24.12.1575 (V. «*Da verdadeira origem de algumas famílias illustres de Braga e seu termo*», de Domingos de Araújo Afonso, LVIII, Silvas). — Filipa de Moura Coutinho, B. a 7.5.1553, † na Casa do Sobrado, Santa Senhorinha de Basto, a 18.12.1642, x com António Machado Barbosa (v. obra citada), que viveu

marães, por dous quartos da quinta de Pousada e «assy o casal que se chama de Briteiros que está em Riba Selho, para quem por eles mais desse no empraçamento em vidas»⁷³. Então parte

em Viana e na Baía (Gayo, Machados § 43 N 62). Tiv.: «Pedro de Basto Jesuíta e Venerável pelas suas virtudes cuja vida anda impressa» e quatro filhas. Foram elas: a) D. Joana de Azevedo Machado, mulher de João Machado Soares, de Viana do Castelo que tiv.; António Machado Barbosa, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, † solteiro; Fernão Machado, morto sendo Cavaleiro de Infantaria, um Capelão no Exército, e Diogo Machado que foi para o Brasil x c. g.; b) D. Guiomar Pereira, x em Santa Senhorinha de Basto, a 2.4.1621, com Heitor de Moura Coutinho, e tiveram vários filhos mas só duas c. g.: uma foi D. Jerónima da Silva Peixoto, x com Domingos da Costa de Mesquita, donde descendem, entre outros, os Costas, da Quinta do Pomar, Taíde, Póvoa de Lanhoso; os Paivas Brandões (v. «*Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo*», Paivas Brandões, XII); os Barbosa Pinheiro, da Quinta da Costa, em Geraz, Póvoa de Lanhoso, e os Melo Tinoco da Casa da Comenda, em Geraz; a outra foi D. Helena de Barbosa Coutinho, x João da Costa e Vasconcelos, de quem descendem os Barbosa Pinheiro da Quinta de Passos, em Geraz, os Rocha Tinocos, de Braga (v. obra citada, LII, Rocha Tinocos), etc.; c) D. Isabel Pereira, x no mesmo dia que sua irmã com Manuel de Moura Coutinho (irmão de seu cunhado), senhor do Paço de Freixieiro, freguesia de S. João de Arnóia, Celorico de Basto, e tiveram: José de Moura, na Índia; Lourenço de Moura, idem; seis senhoras solteiras em 1667; D. Isabel de Eça, senhora do Paço de Freixieiro, x com seu primo Pedro Guedes Alcoforado c. g. (Mouras Coutinhos, do Paço de Freixieiro) e Martim Pereira de Eça, clérigo, c. g. estudada por Domingos de Araújo Afonso em «*Pereira de Eça, o costado Eça de José Maria Eça de Queirós e de outros escritores seus agnados*». O genial romancista é 10.º neto de Francisco Peixoto de Carvalho, senhor de Pousada. Por este mesmo ramo descendem dos Peixotos os escritores Maria O'Neil, Júlio Dantas, Tomaz d'Aquino d'Eça Leal, Olavo d'Eça Leal, e, claro, os filhos e o neto de Eça de Queirós; d) D. Genebra Barbosa, x com Lourenço Pedro Guedes Alcoforado, c. g. (Casa das Eiras, Pedralva).

⁷¹ Em seu testamento, feito a 15.9.1557, Francisco Peixoto de Carvalho ordena que seu filho o Licenciado Gonçalo Vaz Peixoto dê quinhão a suas irmãs da quinta de Galegos, desde que elas não o contradigam nem a seus herdeiros. Declara ter empraçado «a suas filhas Ana, Guiomar e Inez a metade da quinta de Pousada e do Casal de Briteiros q são de meu morgado por empurtunança de meus genros que sinto em Deus e em minha consciencia serem em grande prejuizo da dita minha capella e morgado...». Encomenda a seu genro o Licenciado Tristão de Moura «que dê a metade duma venda que fiz de um quinhão do outeiro levado». Revoga por este, outro, testamento feito anteriormente, a seu mando, por Francisco Luís «mestre de insignar mossos», confessa ter prejudicado o filho e «ser enganado por esta maneira me induzirão a fazer os ditos prazos com a

para Deus Francisco Peixoto de Carvalho, Cavaleiro Fidalgo, Senhor de Pousada, combatente das praias de África.

É preciso uma pena, uma esvoaçante pluma a correr pelo papel. A desenhar em letras, em palavras, pedaços da existência do Licenciado Gonçalo Vaz Peixoto, primogénito e sucessor de Francisco Peixoto de Carvalho. Ei-la. Pela mão do tabelião Jerónimo Pires, lavrou a 3.2.1551, o seu dote com Madalena de Carvalho⁷⁴. Falou-nos da correspondência de seu sogro, João Afonso dos Quintos «a quem El Rey D. M.el m.t.º honrava e quando lhe escrevia o nomeava por fidalgo da sua casa, e assim se vio em hũa carta sua escripta hum anno antes q̃ vasco da gama partisse p.a a India, na qual lhe pedia emprestados doze mil cruzados de ouro»⁷⁵. Deixou-nos a lembrança das suas

sobredita condição e se assim fizerão foi por me ver assim sego em artigo de morte em que então estava». Testamento de Francisco Peixoto de Carvalho, aprov. na Quinta de Pousada a 19.9.1557, por «Bernardo da Silva, Tab. nesta villa G.es e seus termos pella Infanta Donna Isabel Nossa Senhora». Doc. n.º 20 do arq. part. da Casa de Pousada.

⁷² V. nota anterior.

⁷³ «Cert.am da p. tam e Desp.º de Certidão porque consta anda a valanços na praça desta villa de G.es a quinta de Pousada e quebrada de Briteiros». Foi este pregão lançado pelas ruas da vila em 1557 a mando de Francisco Peixoto de Carvalho, Cav.º Fid.º, mais tarde seu filho, o Licenciado Gonçalo Vaz Peixoto, requer licença para o mesmo. Doc. n.º 190 do arq. part. da Casa de Pousada.

⁷⁴ Dotte do D.or Gonçallo Vaz Peixoto p.ª casar com Magdalena de Carvalho, feito em Guimarães nas pousadas de João Afonso dos Quintos, escudeiro fidalgo a 3.2.1551, pelo Tab. Jer.º Pires». Doc. N.º 38 do arq. part. da Casa de Pousada. Madalena de Carvalho era filha de João Afonso dos Quintos e de sua mulher Ana de Carvalho, neta materna de Gonçalo Dias Patagana e de sua mulher Brites Lopes de Carvalho (Gayo, tomo IX, Carvalhos § 25 e § 26). Seu irmão, o Dr. Gonçalo Dias de Carvalho, Dz.or dos Agravos, Deputado da Mesa da Consciência e Ordens, instituiu em G.es o Morgadio dos Carvalhos, com capela de S. João Baptista no claustro de S. Francisco, que mais tarde passou aos descendentes de D. Madalena de Carvalho, unindo-se ao de Pousada. Há outro morgadio de Carvalhos, instituído por Diogo Lopes de Carvalho, tio de sua mãe; este seguiu na geração de seu tio materno, o Dr. Gaspar de Carvalho, Chanceler Mor do Reino, Embaixador a Castela, os Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões, senhores de Abadim e Negrelos, (v. Quinta do Paço, Creixomil).

⁷⁵ «Nobiliário» do Padre Torcato Peixoto de Azevedo, título de Carvalhos, Capítulo II, D'z mais: «... e consta do Testamento com que morreo o dito João A. dos quintos, emprestar a ElRey D. M.el o dito dr.º, porq encomenda nelle a seus herdeiros, cobrem do dito Rey a demazia delle, quando por Sua vontade elle lho queira pagar, e de outra maneira não,

demandas com sua irmã Inês Peixoto «por hir a Pousada cortar madeira e coubrar outras couzas por o dtº seu irmão lhe faltar ao contrato que entre si tinham feito»⁷⁶. Em que páginas de estranhos perfumes relatou os feitos do Dr. Gonçalo Vaz Peixoto, Dezembargador na India? ⁷⁷. Esvoaçaram, perderam-se no tempo, sem evocar as viagens, os estudos, a vida de mais este senhor de Pousada. Escreveu ainda, nas folhas do primeiro livro da freguesia de São Pedro de Azurem, o assento do baptismo duma das suas filhas, possivelmente a mais nova. «a 29.1.1569 baptisou-se Inês f.a de Gonçalo Vaz Peixoto e de sua m.er m.ores na quinta...»⁷⁸.

porq tinha recebido delle m.tas mercês e m.tas honrras». João Afonso dos Quintos foi confirmado por Letra Apostólica do Papa Paulo 3.º no cargo de Prebendeiro da Colegiada de Guimarães, para o qual tinha sido nomeado a 15.10.1544, dada em Roma a 24.2.1547 (Doc.º citado sob o n.º 41 do Catálogo dos Pergaminhos de Pousada, do Abade de Tagilde). Comprou, juntamente com a mulher, a 16.1.1531, um casal na freguesia de Gondar; morava então na Rua de Santa Maria (mesmo Cat.º). No arq. part. da Casa de Pousada existe uma «Sentença de part.as do quinhão que coube a Isabel Carv.º por morte de seu pai João Aff.º dos Quintos», é de 6.7.1556. Inventariam-se dois contos e três mil e novecentos e setenta e três reis; à viúva, Ana de Carvalho, cabe a metade da dita soma; o resto divide-se pelos seguintes filhos: o Dr. Gonçalo Dias de Carvalho (acima), s. g.; Simão Afonso de Carvalho, cônego da Colegiada c. g. ext.º; Jerónimo de Carvalho, † na Índia, Isabel de Carvalho, x com Simão de Sousa, s. g.; Margarida de Carvalho, x com Manuel Pereira da Silva, c. g.; Filipa de Carvalho x com Gaspar Lopes da Rocha, c. g. ext.º, e Madalena de Carvalho, x com Gonçalo Vaz Peixoto, no texto.

⁷⁶ «Smça de força que deu gonçalo Vaz Peixoto contra sua Irmã Ignês Pxt.ª por hir à q.ta de Pousada cortar madeira e outras cousas mais» e «Autos de Execução da sentença em q era executante Ignês Peixoto contra seu irmão Gonçalo Vaz Peixoto sobre hua força que deu contra a dita sua Irmã». Docs. de difícil leitura, (são de 1559), arq. part. da Casa de Pousada. Nos vários emprazamentos existentes no Mostrador da Casa de Pousada, vemos que o Licenciado Gonçalo Vaz Peixoto recebeu em 1553, por doação de seu pai, a quinta da Aceição e o Casal do Souto, em S. Torcato, e em 1557 empraza o casal de Briteiros a seu cunhado, o Licenciado Tristão de Moura.

⁷⁷ «...Dz.or na Índia por cujo serviço alcançou o Foro de Fidalgo (alcançou uma sentença inibitória sobre a sucessão do Morgadio, Sent.ªs, tomo I, n.º 420). Está sep. em D.os de Guim.es como se vê no seu testamento, em 1568. Test.os, tomo I, pág. 83...» in «Mostrador da Casa de Pousada», arq. part. da Casa de Pousada. Madalena de Carvalho, em seu testamento, fala nos serviços prestados «por seu marido que Deos tem na feitoria de Diade». É tudo que vimos sobre os feitos do Dz.or Gonçalo Vaz.

⁷⁸ M 1 da freguesia de São Pedro de Azurém, Arq. Mun. A. Pimenta.

Para contar a história dos filhos do Dr. Gonçalo Vaz Peixoto seguimos a rota das naus, dos galeões, das caravelas da Cruz de Cristo. Vemos velas desfraldadas a envolverem terras remotas, o mundo quase inteiro sob a Bandeira das Quinas. Chamamos por todos esses humildes braços, ainda sujos da faina da terra, pelos valentes fidalgos e nautas que os conduziram, por todo um povo a lançar-se cheio de fé e heroísmo nas páginas da História. Vivemos cinco séculos gravados na Alma, na Raça, nas Pedras, nas Ondas do Mar Imenso. E também, ao conta-la agóra, choramos pela Pátria, a nossa, Portugal d'aquem e d'alem Mar, Terra de Santa Maria.

O mais velho foi Ambrósio Peixoto de Carvalho. Nasceu em 1554⁷⁹. Em 1570, como administrador do Morgadio, toma posse de metade da quinta de Pousada, emprazada em três vidas, então findas⁸⁰. Criança, brincou por estes penedos. Rapaz, galgou por estes montes. Seguiram-no os pagens, os cães, outros fidalgos. Cresceu a gerir as terras; em seu nome sucedem-se os emprazamentos. A 14.3.1587, já Corregedor em Castelo Branco, passa o Licenciado Ambrósio Peixoto de Carvalho procuração para um prazo em Pencilo⁸¹. Está a corôa portuguesa unida à de Espanha. Ao serviço de «Dom Felipe por graça de Deos Rei de Portugal e dos algarves daquem e dalem mar em

No mesmo livro está, a 7.2.1630, o † de Inês Gonçalves moradora em Pousada, mãe de Madalena Peixoto. Como esta senhora viveu solteira em Pousada e nos documentos consultados vem como sobrinha dos irmãos de Inês, supomos que a filha do Dz.or Gonçalo Vaz Peixoto seja mãe de Madalena Peixoto; desconhecemos, se o houve, o nome de seu marido e também ignoramos se teve ma's filhos.

⁷⁹ Tinha 37. anos em 1591 como declara no doc. da nota 85.

⁸⁰ «Diz Ambrosio Peixoto de Carv.º q elle tẽ hua quita cabeça de seu morgado q chama de pousada freiguesia de são pedro de asurei termo desta vila da qual quita hua metade andava emprazada em praso de três vidas q af expirarão e porq. elle suplicante ten necessidade da dita ametade da quinta pº sy e sua may pede a V. M. the mande dar a posse da dita ametade...». Autos da apresentação de petição por donde se mostra que a metade da quinta de Pousada andava emprazada, e por serem findas as três vidas do Prazo tomou Ambrósio Peixoto de Carvalho posse como administrador do Morgadio dos Peixotos, Ano de 1570. Doc.º n.º 9 do arq. part. de Pousada.

⁸¹ «Prazo q fes o Licenciado Ambrosio Peixoto de Carv.º a Beatriz de Araujo», a 14.3.1587. Doc.º n.º 189 do arq. part. da Casa de Pousada. Para este emprazamento, como era Corregedor e Provedor em Castelo Branco, passa procuração a seu irmão Francisco.

africa sôr da Guiné», parte Ambrózio Peixoto de Carvalho, do Desembargo do Paço de Sua Magestade, senhor do Morgadio de Pousada, para as terras do Brasil.



Mergulhar um pincel numa tinta verde. Esbatê-la, torná-la luminosa, transparente, dar-lhe o movimento das ondas. Abrir «uma baía tão larga que tem na boca três léguas e no recôncavo muitas mais». Semear de ilhotas o seu litoral recortado, nele destacar os cursos d'água e coqueiros a bailarem ao vento. Encosta acima, fazer subir o casario, murar a cidade «de taipa e pilão», defendê-la com «três ou quatro peças de artilharia fortalezas de pedra e cal» e «quatorze peças de artilharia de grande calibre e 40 menores». Abençoa-la com muitas igrejas, em breve revestidas de marmores do Reino, de madeiras preciosas, de incrustações de oiro e tartaruga. Nas ruas, de casas de barro, cobertas de palmas ir pondo as sombras dos graves solares, de espaçosos sobrados. Dar brilho ao sol, fazer balouçar os barcos, mexer as gentes, fazer andar, apressar, os brancos, os índios, os mamelucos. Todos com os olhos no mar «sempre com o fato entrouxado, para se recolherem para o mato como fazem com a vista de qualquer nau grande, temendo serem corsários»⁸². Baía de Todos os Santos, sinos a repicarem, Portugal a nascer nos trópicos. Terra onde chega, por meados de 1580, Ambrózio Peixoto de Carvalho.

Do Desembargo do Paço, Provedor Maior dos Defuntos e Ausentes, instala-se na Baía o Senhor de Pousada. Casa com Dona Beatriz de Ataíde, filha de Fernão Cabral de Ataíde, senhor de Engenho nas margens do Jaguaribe, «português, cristão velho, de nobre estirpe na assonância do nome e na informação dos coevos»⁸³. Nas suas vastas e generosas terras, nesse recôncavo, a transbordar em dádivas e frutos, «mal aconselhado por ambição», Fernão Cabral de Ataíde, «permitiu que houvesse Santidade»⁸⁴, a nova seita a nascer nas matas. Rene-

⁸² «Fortificações da Baía», por J. da Silva Campos — Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional n.º 7 — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro, 1940.

⁸³ «Pernambuco e as Capitânicas do Norte do Brasil», por J. F. de Almeida Prado, 3.º tomo. Col.ª Brasileira.

⁸⁴ Seita surgida nas matas brasileiras entre os índios já cristianizados, nos finais do séc. XVI V. livro citado na nota anterior, págs. 88 a 94.

gavam a fé cristã os índios já convertidos, «apregoavam que se haviam de tornar senhores dos brancos... adoravam huma figura como de gentio de pé com cabelo feito ao modo de gentio chamavão-lhe Deus e faziam-lhe cerimónias». Assustado, manda o «manhoso Ataíde», um mestiço, por alcunha o Tomacauna, para o sertão «onde tinha começado o delírio dos fanáticos». Aí, durante oito ou nove mezes, vivendo nas tabas, por vezes pintado de índio faz Tomacauna, conforme as conveniências, ora o jogo dos brancos, ora a defesa dos gentios. Inquietos, os poderes públicos mandam uma companhia no encalço do mestiço. Em ratoeira armada na fazenda de Fernão Cabral, então apavorado com medo «das represálias do gentio sobre ele, e a Tomacauna e os homens brancos seus companheiros», cai o chefe da seita, a quem chamavam Papa. Atenta, da Baía, debruça-se sobre o caso a Inquisição. Anos depois, a 20 de Agosto de 1591, comparece no Tribunal do Santo Offício, o Desembargador Ambrósio Peixoto de Carvalho. Declara o nome dos pais, ter 37 anos e ser cristão velho. Contra ele deu denuncia «certo cristão novo, dizendo ter-lhe ouvido palavras de irreverência à fé apostólica». «Confessa-se o denunciado perante o Delegado do Santo Offício»⁸⁵. Também do Reino, em 1592, vêm inquiridores d'el Rei, a saber como serviu o cargo de Provedor, «dos outros cargos q serviu, do seu talento, e de sua vida e costumes, do bom acolhimento p^a as partes com o mais que achardes na enformação particular»⁸⁶. Por fim, com

⁸⁵ «*Vimaranenses na Baía*», por J. da Silva Campos in «*Revista de Guimarães*», vol. XLVII — n.º 3 e 4. Cita as declarações de Ambrósio Peixoto ao responder à denúncia contra ele feita, referida na «*Primeira Visitação do Santo Offício às partes do Brasil, Denúncias da Bahia*», S. Paulo, 1928, págs. 376, 377 e 383, e a sua confissão perante o Delegado do Santo Offício, transcrita das «*Cartas Jesuíticas*», III (Anchieta), ed. da Academia, Rio, 1933, pág. 287, nota 331. Silva Campos também diz que Fernão Cabral de Ataíde era natural de Sines, casado com Margarida da Costa e parente do descobridor do Brasil, sendo uma das maiores fortunas da Baía do seu tempo. Luís de Mello Vaz de Sampayo, nos seus «*Subsídios para uma biografia de Pedro Álvares Cabral*», ao falar da dispersão do apelido Cabral através do território português não menciona esse parentesco dizendo apenas a pág. CXXXV, parágrafo 306: «... a 10 de Março de 1595 D. Filipe I mandava passar alvará de moratória a mais um Fernão Cabral, fidalgo da sua Casa e morador na Capitania da cidade do Salvador, partes do Brasil».

⁸⁶ «Autos da Residencia q se tomou ao Licenciado Ambrosio Peixoto de Carvalho, Provedor Mor q foi dos Defuntos no Estado do Brasil». Certidão passada a 8.II.1596, constante dos documentos citados na nota 89.

o mesmo pincel que esboçou a Baía, em sinfonia colorida, vai-se aos ricos tons das matas, ao negro das salas inquisitoriais, e em exuberantes traços roubados a uma natureza pujante, cobre-se a vida de Ambrósio Peixoto de Carvalho, senhor de Pousada, em terras da Vera Cruz.

Ao Reino volta. Embarca com sua mulher, seus três filhos, os criados, os bens numa urca⁸⁷. Navegam com bons ventos. Ainda nas costas do Brasil, entre o Rio Real e a enseada de Vaza Barris, são assaltados por uma armada de corsários franceses «luteranos da Rochella». A angústia, o pavor, o espanto espalham-se pela «urca faramenga». «Certos dias com suas noites» é «Bombardada» a embarcação. Não pode fugir. Dá-se a abordagem. «No convez com hum montante nas mãos e tendo com elles batalha por espaço de oras», é morto à espada, Ambrósio Peixoto de Carvalho. Caiem os corpos dos homens a lutarem desesperados, rezam em prantos, enlouquecidas pelo medo, as mulheres agarradas aos filhos. Incendiada, lambida pelas chamas, desaparece nas águas a embarcação. O corpo de Ambrósio Peixoto, dois dos seus filhos, a sua gente e toda a sua fazenda engolidos pelo mar, desaparecem com a restante tripulação e passageiros na apavorante voragem das ondas. Assim relatam os duma nau «que vinha na mesma companhia q tornou desbaratada ter à dita bahia onde os q nela hião logo contarão da perdição do dito Ambrósio Peixoto, e do navio em q vinha, e como o matarão».

Muitos⁸⁸ contaram estes horrores. Apenas Dona Beatriz de Ataíde, sua mulher, o primogénito Fernão Peixoto de Ataíde

⁸⁷ Em «*Naufrágios e Combates no Mar*», textos anotados e estudados por António Sérgio, a pág. 47: «Urca. Navio de três mastros, de grande porão, destinado a transporte de tropas, mantimentos, munições, etc..., e que podia ser armado em guerra». Andavam devagar.

⁸⁸ Foram estes: Valentim de Barros, Cav.^o Fid. da C. R., Francisco Dias da Índia, Cav.^o confirmado da C. R., Fernão Afonso Leborão, Diogo de Freitas do Amaral, parente de Ambrósio Peixoto, Pedro Coelho, Cav.^o Prof. na Ordem de Cristo, Francisco Álvares do Canto, Pedro Álvares do Canto e Fernão Vaz Feo, este parente de Ambrósio Peixoto, todos moradores em G.es em 1598, e que debaixo do juramento dos Santos Evangelhos confirmam estes factos, os primeiros e último «por serem públicos e notórios», os penúltimo e ante penúltimo por estarem no Brasil na ocasião do desastre, o conhecerem bem, o virem embarcar, e ouvirem o relato da boca dos que estavam «numa nao q vinha na mesma companhia e tornou desbaratada» à Baía. — Instrumento dado por mandado e autoridade da

e um criado por nome Francisco Vilela, «escapao a nado» daquele inferno. Para quê? perguntam as ondas a rolarem mansas. «Tomados ao lume d'água» pelo inimigo, logo adiante falece no mar a viúva de Ambrózio Peixoto. Porquê? sussurram as águas traiçoeiras ao engolirem o corpo da filha de Fernão Cabral de Ataíde, morta às mãos dos corsários. Entre gente estranha, sózinho, fica o pequeno orfão, senhor de Pousada. Para quê? rugem as ondas, tão altas, tão fortes, elevadas por ventos tempestuosos. Em poder dos piratas «segue até ao reino de biscaya» aí «fallece o dito menino». Porquê? ecoam nos seus negros abismos as águas do mar profundo. Porquê? Porquê? Porquê? Continuam as ondas, guiadas pela mão invisível de Deus, ao sabor das marés, o seu cantar heróico, indiferentes à dor, indiferentes à morte. E a mensagem brutal chega a Pousada, onde o sol ainda mais indiferente à vida, ao tempo, brinca entre rochas e carvalhas.

Aqui, nestas pedras enlutadas, uma senhora, Dona Madalena de Carvalho, avó paterna de Fernão Peixoto de Ataíde. Herda do neto «a satisfação dos servissos de seu pai»; seu filho Ambrózio Peixoto de Carvalho. Dela desiste em favor doutro filho, o mais novo, Francisco Peixoto de Carvalho, consigo assistente em Pousada. Nele renunciam os mais irmãos: Frei José Peixoto, professo no convento da Senhora da Graça em Lisboa, Dona Maria e Dona Inês, freiras em St^a Clara de Guimarães. No Brasil, cede os direitos à herança o avô materno, Fernão Cabral de Ataíde. Falta apenas, por andar ausente na Índia há mais de vinte anos, o assentimento do filho segundo, António Peixoto de Carvalho, Morgado de Pousada «sendo caso q seja vivo»⁸⁹. Enferma em Pousada está Dona Madalena de Carvalho. O seu testamento é aprovado a 5.1.1597⁹⁰. Descan-

Justiça com theor de hua petição e ditos de testemunhas em Guimarães a 9 de Maio de 1598 com o Despacho do Juiz de Fora com Alçada e escrito pelo Tab. Jerónimo de Barnos. Arq. part. da Casa de Pousada.

⁸⁹ «Certidão pela qual se mostra ser Francisco Peixoto de Carvalho senhor da satisfação dos serviços de seu irmão Ambrósio Peixoto por apresentar quitações de todos os demais co-herdeiros, excepto dum só por andar auzente na Índia», passada em Lisboa a 8.11.1597. Arq. part. de Pousada.

⁹⁰ «Certidão do Testam.to com que faleceu Magdalena de Carvalho dona v.^a do Dior Dez.or Gonçalo Vaz Peixoto», escrito em Pousada, a rogo de D. Madalena, por João Castelão Peixoto a 17.12.1596 e aprovado a 5.1.1597 pelo Tab. Cristóvão de Azeredo. Arq. part. da Casa de Pousada.

sam as mãos que abençoaram os filhos ao partirem, desgarrados, para Deus, para a Índia, para o Brasil. Procuram Francisco. Recomenda-lhe «que se for vivo voltar a este Reino que uze com ele como bom Irmão e que faça o que eu por palavras lhe deixo encarregado». Ao fechar os olhos, já com a felicidade do Céu, aonde o pensamento de Dona Madalena de Carvalho? Nos claustros dos mosteiros, nos mares do Brasil, na rota da Índia?

Para a Índia grita a Raça, bole o sangue nas veias qual barco agitado ao vento, cresce a História. E o Tejo abre-se às naus, às caravelas, aos galeões. Para a Índia gemem os pinheiros, canta a Glória, sorri a pequenez duma courela. E surgem mapas ricos de colorido: casas, peixes exóticos, montes e barcos com cruces de Cristo. Para a Índia beijam as noivas, prontas a esperarem anos, vidas, sempre, exortam os conventos, rezam as igrejas. E há um século a luz portuguesa irradia por todo o Oriente ao tomar novos costumes, ao dar com Génio e Alma o nome de Português a outros povos. Para a Índia foi também, há mais de vinte anos, António Peixoto de Carvalho, Morgado de Pousada, «se vivo for». Ali, um entre tantos, viveu a epopeia do Portugal conquistador: por vezes cruel nos seus incêndios devastadores, outras enorme em sacrifícios e grandeza, sempre magnífica na sua imortalidade. Paramos. Nas páginas seguintes falam apenas os feitos de António Peixoto.

Como soldado, partiu da barra de Goa. Levava a armada uma galé e cinco fustas. Correram a costa, «dando guarda a muitos navios de mercadores». Frente a Seitapor tomam «huma galiota de traquete e um paro de esporão⁹¹ com gente artilharia e recheio» e «dão cassa» a outra. «Correm e visitam as fortalezas da costa», chegam a Damão, armam mais duas fustas, vão até à ponta de Diu. Recolhem-se, trazem «alguns navios de d'el Rey nosso Senhor que em Damão estavam varados e das mais fortalezas outros muitos de califa com manti-

⁹¹ Galé era uma embarcação da segunda metade do século XVI e princípios do XVII, de vela e remos, comprida, armada de esporão e muito afilada. Fustas eram navios de remos com um só mastro e uma única vela. As galiotas eram pequenas galés e o traquete a vela grande do mastro da proa e a que cruzava debaixo dos gurupés. Os parós eram uma espécie de fustas grandes, habitualmente movidas a remos mas tendo mastreação e cordame para eventual navegação à vela, muito usados no Índico. Obra citada na nota 87.

mentos». Entram em Goa a 18.12.1577 ⁹². Agora trôa a artilharia: «está de guerra o Joalião» ⁹³. Armam-se onze fustas e uma galé; com elas vai para a costa norte o soldado António Peixoto. Escoltam mercadores até Chaul ⁹⁴. Travam combate «com um navio que os malavares tinham tomado e lho tornei a tomar, com doze ou treze mouros e com mais dois q encontrei dei costa e provendome em Baçaim ⁹⁵ de mantimentos do q hya falto». Param? Como, se há novas que da barra de Dabul ⁹⁶ «se faziam prestes cinco naos para partirem para Meca, e q tinham muitos navios ligeros com q determinavam fazer dano aos nossos que pera hua e outra parte navegavão»? De Outubro a Dezembro de 1578 guardam a entrada de Dabul «com muita vigia e cuidado bebendo sempre por regra e fazendo as agoadas na costa do inimigo com muito perigo e trabalho». Por duas vezes,

⁹² Certifica esta atestação Dom Simão da Silveira, capitão-mor do Norte E enseada de Cambaya, em Goa, a 14.11.1578; a pública forma dela, por Dom Simão então ser já morto, é dada debaixo de juramento em Goa, a 15.11.1598, por Rui Vaz Peixoto (certamente parente dos de Pousada), capitão que foi na dita Armada. Estes documentos, como os que se seguem, fazem parte do «Treslado de Justificação de Atestaçoins de serviços do Snr. António Peixoto de Carvalho feitos nas partes da India», dada em Goa a 23.11.1600. Todas estas certidões, atestações e testemunhos ditados nas notas referentes a estes acontecimentos foram incorporadas e tresladas em Goa sob o selo das Armas Reais da Coroa de Portugal a 5.1.1633. (Arq. part. da Casa de Pousada).

⁹³ Nome genérico dado pelos navegadores portugueses a turcos e maometanos.

⁹⁴ Nesta época era Chaul uma importante cidade portuguesa, cheia de movimento; a construção da fortaleza datava de 1521. A sua história está muito ligada à nossa epopeia marítima: em 1508 ao largo de Chaul foi morto o filho do nosso 1.º Vice-Rei e em 1528 tivemos aí perto um grande combate naval. Sofreu Chaul dois fortes cercos (1571 e 1594) defendendo-se com muito brilho. Formava, com Damão, Surrate, Taná, etc., a chamada Província do Norte; em 1739, sendo esta província invadida pelo Marata, tivemos que entregar Chaul para salvar Goa. Hoje chama-se Revadanda, pequena aldeia da União Indiana, a 39 milhas de Bombaim.

⁹⁵ Fica na costa ocidental da Índia, a norte de Chaul. Era Baçaim um importante centro de lusitanidade, portuguesa desde 1530. A sua posse tinha sido oferecida pelo Sultão de Cambaia, Badahur Xá. Em 1739 os maratas e ingleses inflingiram-lhe um terrível bloqueio destruindo com m'nas os seus muros. Rendeu-se a cidade depois da morte gloriosa de muitos dos seus defensores. O marata perdoou a vida aos seus habitantes, que foram transferidos para Goa.

⁹⁶ Pertencia ao Reino de Bijapur. Em 1509 foi conquistada e saqueada pelos portugueses para vingar a morte do filho do 1.º Vice-Rei.

em furia, «lançam-se os do Hidalção⁹⁷ na peleja demandando os portugueses». Atiram-se «com vinte e duas fustas e galiotas muito bem concertadas», trinta embarcações e muita gente por terra. Acometidas «de maneira as pôr em desbarate até as meter dentro do seu Rio», entram pela terra adentro António Peixoto, «fazendo sempre como dele se esperava», e mais soldados. Queimam as povoações de Rio de Mar, Bencim e Damjurbe⁹⁸, matam capitães e gente de guerra, destroem mesquitas, hortas, lugares, palmeiras e arequeiras. Os reforços só chegam em fins de Dezembro; reconhecem debaixo de fogo a fortaleza de Dabul, saiem depois «com muito perigo de bombardadas e espingardadas». Até Abril de 1579 guardam a barra «com muito trabalho de fome e sedes», «não concentindo q lhe lançasse nenhum navio pera Meca e receberam grave dano e lhe tolhi os seus navios»⁹⁹. Quatro galiotas, oito fustas e uma nau de alto bordo¹⁰⁰ correm a costa «forçando o mar e ventos com grandes tempestades», saindo de Chaul, «sempre q o tempo permite», fazem grandes estragos no inimigo. Afundam naus¹⁰¹: uma «dá a costa em terras de imiza Maluco»¹⁰², outra

⁹⁷ Nome dado pelos portugueses de então aos soberanos de Bijapur, descendentes de Abdul Muzafar luçufe, Ali Xá, príncipe turco que em pequeno esteve para ser assassinado pelo sultão, seu irmão; salvou-o a mãe, que às escondidas o entregou a um comerciante persa. Vendido a um ministro do Império Muçulmano da Índia Meridional, de soldado subiu a comandante da Guarda Imperial. Adoptado pelo ministro, teve o título de Adil Kan. Em 1498 foi aclamado Rei de Bijapur, reino onde estava incluída Goa. Em 1510 tentou a defesa dessa cidade contra Afonso de Albuquerque, seu conquistador. Seus descendentes, os Adil Can de Bijapur, eram tratados pelos portugueses por Hidalção.

⁹⁸ Na ocasião eram importantes povoações nas margens do rio que desagua em Dabul.

⁹⁹ Atestação certificada por D. Pedro de Menezes, que, a mando do Vice-Rei, Conde da Atouguia, comandou esta armada. Foi passada em Goa a 3.10.1579. Também em Goa, a 20.12.1598, é assinada por Lourenço Pires Botelho, um dos capitães da dita armada, por D. Pedro ser já falecido. Citam-se neste documento a Rui Gomes da Grã, Jorge Pereira Coutinho e Alexandre de Sousa, que também tomaram parte nestes acontecimentos.

¹⁰⁰ A nau de alto bordo é também conhecida por nau grossa.

¹⁰¹ D. Pedro de Menezes, capitão mor da Costa Norte, manda passar esta atestação em Goa, a 10.9.1579. Assina-a, debaixo de juramento, por D. Pedro ser morto, o capitão Lourenço Pires Botelho, a 20.12.1598. O sinal é reconhecido pelo Licenciado Francisco de Campos Tavares.

¹⁰² Nizam-ul-Mulk quere dizer primeiro ministro. O sultão de Amednagar, que em tempos ocupara esse cargo e conservara a designação,

é queimada debaixo dos muros da Fortaleza de Danda ¹⁰³, para o fundo vai também a terceira, a caminho de Surrate ¹⁰⁴.

Num dos navios a vigiar no passo da Fortaleza de Borim, «franqueando o dito passo às embarcações q para a fortaleza de Rachol ¹⁰⁵ hiam e às q della vinham para a cidade de Goa», encontra-se António Peixoto de Carvalho de fins de Abril até 31.8.1579 ¹⁰⁶. À noticia que «os capitães de Idalxe» que viviam em Salcete ¹⁰⁷ «aviam de correr os campos desta fortaleza de Rachol», arma-se-lhes uma emboscada. Com outros, «deitado em hum mato», espera os mouros António Peixoto: «há briga e com o favor e socorro dos mais portugueses foram rotos e desbaratados os inimigos indose-lhe no alcance perto de hua légua» ¹⁰⁸. Parte noutra armada para visitar «Cananor, Barselor, Mangalor ¹⁰⁹ e as mais fortalezas do sul»: são 23 fus-

era chamado pelos portugueses por Imiza Maluco. Foi quem deu autorização para, em 1521, os nossos construírem uma tranqueira na barra de Chaul, e já em 1508 tinha mantido a neutralidade no grande combate naval que aí teve lugar. As suas possessões eram conhecidas, entre os portugueses, por terras de Imiza Maluco, cognome que continuaram a dar aos seus sucessores.

¹⁰³ Não localizo esta fortaleza.

¹⁰⁴ «Surrate porto e cidade marítima na Costa Ocidental da Índia, à entrada do Golfo de Cambaia, ao norte de Damão, fronteira do território ao S. do qual está Dio» (in livro citado na nota 87). A feitoria portuguesa data de 1572. Aí estabeleceram os ingleses, em 1712, a sede da sua Companhia das Índias Orientais.

¹⁰⁵ São freguesias do distrito de Goa; uma no concelho de Pondá, outra no de Salsete.

¹⁰⁶ Martim Afonso de Mello, capitão mor da Guarda e Ilha e Cidade de Goa e seus rios, mandou seu escrivão, Francisco Dias, passar esta certidão em Goa a 14.11.1579; Lourenço Pires Botelho certifica-a a 20.12.1598 também em Goa, reconhecendo o sinal o Licenciado Francisco Campos Tavares.

¹⁰⁷ Concelho no distrito de Goa, fica numa península a sueste dessa cidade. Margão é o seu principal porto. Idalxe também faz parte.

¹⁰⁸ Lourenço Pires Botelho, que tomou parte nestes sucessos, assina esta atestação a 20.12.1598, por Agostinho Nunes, que a passou em Rachol a 12.8.1579, ser então morto. Reconhece o sinal Francisco de Campos Tavares.

¹⁰⁹ Toda a costa do Malabar regorgitava de cidades, fortalezas e feitorias debaixo do domínio português. Cananor era um importante centro, uma das bases do nosso comércio no Oriente. Logo na segunda viagem que os portugueses fizeram à Índia, o seu rei esperou-os com navios carregados de gengibre e canela para lhes oferecer. A feitoria data de 1501. Bracelor foi tomada pelo Vice-Rei D. Luís de Ataíde, em 1568, à frente

tas e 3 galés. Em Cochim ¹¹⁰ assistem «à carrega das naos e por ter novas q a pimenta com q se aviam de carregar estava impedida pelo Samorim ¹¹¹ estar a duas léguas com todo o seu poder fazendo guerra a El-Rei de Cochim, a requerimento deste entrei no Rio com toda a minha Armada na barra de Cranganor». Travam combate com o Samorim, saiem vencedores. «Provy com as munições q pude» várias fortalezas. Em Cochim deixam «dous mil pardaus ¹¹² em dr^o», pelejam, são «bombardados», trazem para Goa «sem navios de mantimentos q estavam em Barcelor e Mangalor», socorrem o «cerco de Raguu» ¹¹³, voltam a Goa, trazendo «todos os navios q quizerem vir», em Março de 1580. Toda esta viagem fez António Peixoto de Carvalho «sempre prestes pera o serviço» ¹¹⁴.

A 14.11.1581 partiu de Goa numa «das armadas mais ligeiras e bem apetrechadas», a castigar os «muitos navios de malavares q por sua ligeireza e esp'ias traziam grandes difficulda-

duma armada de remo, vestido de gala, cheio de rópia, a ouvir o tanger da harpa e o canto dum celebrado artista, indiferente às bombardas inimigas. Mangalor caiu em nosso poder em 1527. Cranganor, que logo adiante citamos no texto, foi, desde o princípio, um fulcro de cristianismo.

¹¹⁰ Era uma grande cidade, muito portuguesa, e fica também na Costa do Malabar, distrito de Madrasta. Quando da chegada de Vasco da Gama era um pequeno reino, que o recebeu amistosamente. Em 1501 já lá hav'a uma feitoria. Foi a primeira fortaleza e a primeira igreja que os portugueses construíram no Oriente. Em 1663 foi-nos arrebatada pelos holandeses.

¹¹¹ Título dos rajás de Calecute, vassallos dos Reis de Cochim, enriquecidos pela muita pimenta que tinham e negociações com os árabes. A sua capital, Calecute, foi o primeiro porto onde aportou Vasco da Gama quando da descoberta do caminho marítimo para a Índia. Os samorins combateram, desde o princípio, os portugueses, embora, no decorrer da história, houvesse algumas tréguas e alianças.

¹¹² Moeda indiana que já corria antes da chegada dos portugueses.

¹¹³ Raju, Rei de Ceilão, cercou em 1587 a Ilha de Colombo, portuguesa desde 1518, cerco que durou mais dum ano. Para a sua libertação acorreram, a uma só voz, com todos os meios disponíveis, todos os portugueses espalhados pelo Indico.

¹¹⁴ Documento certificado por Alexandre de Sousa «capitão malavar», que a mando do Vice-Rei Dom Luís de Ataíde, partiu de Goa com a armada. Em Baçarim, por Alexandre de Sousa estar ausente, assina-o a 3.2 (não se lê o ano), António Colaço Lobo, um dos capitães da companhia. Mencionam-se D. Jorge de Meneses, o capitão João Peixoto da Silva e Diogo Lopes Coutinho. Reconhecido pelo mesmo licenciado citado nos outros documentos.

des aos nossos». Sabe-se o acontecimento, deserta o inimigo dos mares da Costa do Malabar. «Paçarao alguns mezes q nenhum appareceu no mar», vai a armada embuscá-los, lançam-se na «enseada a impedir a navegação a seis naos q estavam em surrate pera se irem a mequa sem cartazes»¹¹⁵. Foi grande o combate: aconteceu-lhes tal desaire q todos os outros parós desistirão das suas pertençaes e voltaram para o malavar». Houve paz. navegavam com calma os de Portugal e «demais gente debaixo da protecção deste estado». Depois, já em 1582, os de «Equabar»¹¹⁶, por vingança e para quebrarem a paz que os sugitava, armam uma cilada aos portugueses: 70 cavaleiros caem sobre alguns soldados «os acometerao e houve dano de parte a parte». «Puzeram à vista da Armada hua nao q era de Equabar pera eu a queimar o q eu não o quiz fazer», para não haver guerra, «mas queimeilhe duas aldeas do rey Equabar». Daí por diante, «ao fazerem agoada», são atacados os portugueses. Marcham «quinhentos de pé», galopam «trezentos cavalos e alguns alifantes», «varejam a armada portuguesa» com seis peças de artilharia; com poucos danos matam os portugueses 80 homens a esse vistoso exército. Também há combates no mar: ao socorrerem os mercadores que de Surrate iam para Diu, luta a armada de Portugal com a gente do Grão-Mongol. «Pelejando ao tomar uma galiota», fere-se António Peixoto de Carvalho «um dos três q ajudou a Render a briga». Sofre hua Lançada na perna esquerda e huma frechada na virilha direita e foi queimado com panelas de polvora dos inimigos na parte esquerda e braço esquerdo». Tudo «faz como valeroso soldado e cavaleiro assi nesta dita briga de malavares como nas q em terra tivemos com os magores»¹¹⁷.

Mudazar II, Sultão de Cambaia, fôra destronado pelo Grão Mongol Akbar, Conquistador do Guzarate¹¹⁸. Em guerra aberta

¹¹⁵ Salvos condutos que a troco de vassalagem e certas quantias entregavam os portugueses aos de qualquer outra nação que quisessem navegar pelo Indico; capturavam quem não os apresentasse e casos houve de, apesar de terem os cartazes, terem sido apresados e postos a pique.

¹¹⁶ Súditos do Grão-Mongol Akbar.

¹¹⁷ Atesta este feito Diogo Lopes Coutinho «Capitão Mor da Costa Norte e da Armada dos Aventureiros em todo o Mar da Índia por El-Rei Nosso Senhor». António Colaço Lobo, por Diogo Lopes ser falecido, certifica-o em Mayim a 3.7.1603. Reconhece o sinal Francisco Campos Tavares e cita-se o Conde Vice-Rei Dom Francisco de Mascarenhas.

¹¹⁸ O Grão Mongol, Akbar, o Grande, ao conquistar todo o Guze-

recupera muitas terras e fortalezas. A ele se entrega «sob seguro», «Eutubedição», Capitão de Barocha e de todo o Guzate «e o principal d'el Rey Equabar». Corta-lhe a cabeça o rei de Cambaia. Alerta «pera vigiar as ocasiões que se oferecessem», levanta ferro em Goa, uma armada a 16.11.1583. Detem-se em Damão «pera tomar lingoas e parvus¹¹⁹ pelos quais pudesse tratar o negócio a q hia». De vitória em vitória marcha o sultão de Cambaia sobre Barocha com um exército de 15 a 18 mil cavalos. Navegam os portugueses entre Surate, Barocha e Mira¹²⁰, mandam uma «almadia»¹²¹ «oferecendo a minha armada» à família do Capitão de Barocha «por me parecer pello escandalo da morte do dito eutadição quererião elles antes valerse da minha ajuda que não fiarse do Rey inimigo sem fé e palavra». Engana-se, fica Barocha do Rei de Cambaia. Pouco depois «Mudazar e Equabar fazem outros termos diferentes»,

rate tentou expulsar de Damão os portugueses. Sitiou-o com um exército de 40 000 homens, havendo apenas em Damão 600 defensores. Conta-se que os portugueses, pela calada da noite, queimaram panelas de pólvora junto aos cavalos e elefantes do inimigo. Estes, em pânico, irromperam pelas tropas de Akbar, que acordando sobressaltadas desbarataram-se entre si. Reconhecendo as vantagens que havia em manter boas relações com os portugueses, soube, depois, o Grão Mongol cultivá-las, sendo então atraído pela fé católica. Ao conquistar o Guzerate, destronara e submetera vários reis, entre estes os de Cambaia que já em 1508 tinham entrado na batalha de Diu, de triste memória para os nossos inimigos. Dos reis de Cambaia, o mais conhecido e falado pelos nossos cronistas foi Badahur Xá, que combatendo-nos, depois de alguns reveses achou mais proveitoso fazer um tratado. Em 1535 deu licença para se edificar em Diu uma fortaleza, e em 1538 cedeu ao Vice-Rei, Nuno da Cunha, a terra de Baçaim onde estavam incluídas Bombaim, Taná, Diu, ilha de Salsete e Elefanta. Logo arrependido do gesto, envolveu-se em luta contra os forçados aliados, morrendo numa escaramuça. Apesar destas guerras, do que foi a principal vítima Badahur, deu-se bem com os portugueses, era consumidor de hachiche (mangue) o que Garcia da Orta julgava serem bebedeiras («Colóquios dos Simples e Drogas da Índia», de Garcia da Orta, anotadas pelo Conde de Ficalho, nota 3 do Colóquio 8). Sucedeu-lhe seu sobrinho Mahmud, que já tinha morrido quando Akbar conquistou Cambaia.

¹¹⁹ Lingoas eram os intérpretes.

¹²⁰ Surrate está situado na foz do Rio Tapti no Guzerate, entre Baroda e Damão. Foi um dos pontos da resistência contra o poder marítimo dos portugueses, sendo por vezes assaltada e bombardeada pelas nossas armadas. Em 1572 o Grão Mongol convidou os portugueses a abrirem uma feitoria, lucrando muito Surrate com o domínio português em termos de desenvolvimento e comércio. Mira e Barocha são portos da mesma costa.

¹²¹ Piroga.

desbaratam-se as forças de Mudazar, e «parecendo-lhes que as couzas ficariam dispostas para darem de si noutra ocasião», recebem os navios portugueses ordens para recolherem a Gôa, onde ficam até fins de Abril de 1584. Em Março, ao vir parte da Armada na volta do Rio, correrá a notícia da chegada a Goga ¹²² duma nau do Grão Mongol. Por «se achar alevantado o Reino de Cambaya», viera rogar aos portugueses licença para seus mercadores «levantarem suas fazenda e percelenas e queirão pagar os direitos a Sua Magestade na Alfandega de Dio pedindo-seLhe mandasse armada e poder q os livrasse do Rey Mudafar por estarem no porto de goga q ao tal tempo estava pelo dito Rey». Para «proveito de Sua Magestade», partem então com brevidade os portuguezes. Encontram a nau de Akbar «desemmasteado sem mastro e verga e vella e exercias e tanques tudo posto em terra». Dentro estão 50 espingardeiros do Sultão de Cambaia; chegam de Barocha mais 300 homens «pera dela se senhorearem». Em vingança «Três ou quatro mil homens a cavallo afora mt^a gente de pe pera se embarcarem em taurins ¹²³ e noutras embarcações», vão atacar Diu. Defendem a portuguesa cidade algumas «fustas e hua manchua ¹²⁴». À chegada da armada, «tudo se segurou». «Despojada a nao delles», descarregada «na dita armada, taurins e fustas dos christãos», rende «Catorze mil pardaus para a fazenda d'el Rey nosso Senhor». Nestes sucessos, durante todo o verão, encontra-se António Peixoto ¹²⁵.

Contra Portugal rebelam-se, em 1586, alguns soberanos da Costa de Melinde. Protegem uma nau turca «q fez algumas cousas de desserviço de Sua Magestade», constroiem galés em Xués e Moca ¹²⁶. Para tomá-las e castigar a revolta dos chefes

¹²² Gogá foi destruída por Nuno da Cunha, numa das tentativas para tomar Diu.

¹²³ Embarcações muito usadas na Asia.

¹²⁴ Embarcação asiática, pequena e a remos, adoptada pelos portugueses.

¹²⁵ Fernão de Miranda de Azevedo, comandante desta armada, certifica esta atestação. Por ele ser já morto é assinada por António de Lima, que também andou nesta companhia, a 21.10.1660 em Goa. O sinal é reconhecido pelo Licenciado Campos Tavares depois do escrivão Pedro Pinto de Almeida ter tomado juramento. Mencionam-se, o Conde Vice-Rei, D. Francisco de Mascarenhas, Manuel de Miranda, capitão de Diu, e Baltazar de Sequeira, feitor da mesma praça.

¹²⁶ Moka é uma vila fortificada e porto da Arábia na Costa S. E. do Mar Vermelho, centro exportador de café.

mussulmanos, deixam a barra de Goa, a 9.1.1587, dois galeões, três galés e treze fustas. Demandam para Ampaza ¹²⁷, «muito bem guarnecida na defesa e a principal na liga com os turcos e offensas que fez a este estado». Tinha «assi de gente de guerra na qual avia de passante de quatro mil homens como de muros, o qual estava cercada, e trincheiras dentro das ruas com tanta soberba q nenhuma desculpa o Rey della teve pera comigo nos três dias, q gastei em reconhecer o lugar mais comodo para a desembarcação». Ampaza é subjugada. «Entrey e tomey metendo a espada nella mais de duas mil almas entre as quais morreo o Rey della chamado Estambul q valerosamente defendeo sua pessoa e estado, morrerão tambem com ele muitas pessoas nobres de sua casa, e Reino, e o principe seo sobrinho e foram cativos muitos mouros q mandei por banco nas galés da minha companhia». A cidade é destruida: «derrubei os muros todos», cortam «10 a 12 mil palmeiras», queimam uma nau e umas 20 grandes embarcações. Passam a Pate ¹²⁸ «fiz o Rey della vassalo e tributário de Sua Mag.de», encontram despovoado Lamo ¹²⁹, assim como o resto da Ilha «tambem participante nas culpas passadas». Ouvem a antiga soberana destas paragens «q em todos os tempos atraz fez muitos servissos a este estado e não tem culpa nos desserviços do anno passado por estar desapossada pelo Rey q agazalhou os turcos», «em nome d'El Rey aclamam-na Raynha». Descansam 5 dias em Melinde ¹³⁰ «visitando e fazendo muitas honrras ao rey della por elle merecer a sua magestade e a este estado». Em sua

¹²⁷ Povoação na foz do Rio Pata, na Tanzânia, onde existiu uma fortaleza portuguesa. O castigo infligido a Ampaza, por estar submetida ao sultão turco Mir Alebet, em 1587, successo narrado no texto, vem descrito na «*História de Portugal*», ed. monumental, direcção literária de Damião Peres, vol. V, pág. 349.

t ¹²⁸ Ilha da Tanzânia. Em 1586 caiu em poder de Mir Alebet; quando da destruição de Ampaza, o seu rei voltou à vassalagem portuguesa. Em 1729 foi tomada pelos árabes.

¹²⁹ «Povoação insular perto de Melinde, ocupada pelos turcos e muçulmanos, reconquistada pelos portugueses nas campanhas de 1586 e 1590».

¹³⁰ Povoação perto de Zanzibar, Tanzânia. Era capital dum pequeno estado mourisco, odiado pelos vizinhos. Os seus reis foram sempre muito amigos dos portugueses, desde a nossa chegada a África. Teve grande esplendor debaixo da protecção portuguesa.

companhia atacam Mombaça ¹³¹. Ganham dois fortes com artilharia, «batem-lhe» os muros durante dois dias. Foge o rei de Mombaça, levando «seis mil homes da guarnição, dous mil naturais della e quatro mil da terra firme». «Com pouco custo foi esta cidade ganhada, saqueada e queimada por quatro vezes em vinte dias que nella estive». Não se fecha «o negócio do pedido de vassalagem de seu rei por a monção se ir gastando e levar em minha companhia a nau Salvador q hia pera o Reino». Partem a «invernar» no estreito de Ormuz ¹³², com «o mastro grande quebrado e vindo aberta fazendo tanta água», arrastam a nau Salvador. Passam «Cacatora» ¹³³, cumprimentam o Rei de Caxem ¹³⁴, recebem novas dos movimentos dos turcos, «no caminho encontrao duas gelvas ¹³⁵ que por serem de inimigos nossos lhes demos cassa». Juntamente com os mercadores que os esperavam em Mascate ¹³⁶ e toda a Armada, António Peixoto de Carvalho «q se achou em todo o acima dito», entra no porto e fortaleza de Ormuz a 10.6.1587 ¹³⁷.

¹³¹ Cidade muito antiga, cheia de relíquias portuguesas, fica no Quênia. Vasco da Gama chegou ali a 7.4.1498; em 1501 o 1.º Vice-Rei da Índia impôs-lhe pesado tributo. Por o não querer pagar foi atacada em 1528. Em 1580, com a ajuda dos turcos, livrou-se do domínio português, que voltou a ser restabelecido em 1588. Revoltou-se outra vez em 1630, ficando outra vez dos portugueses de 1634 a fins de seiscentos. Voltou então aos árabes, e, em 1727, foi temporariamente nossa.

¹³² À entrada do Golfo Pérsico, Ormuz foi tomada pelos portugueses em 1507 começando-se a construção da sua fortaleza. Foi sempre sultanato autónomo, sujeito à jurisdição dum Capitão e com alfândegas portuguesas. Foi várias vezes atacada pelas esquadras turcas, opondo sempre resistência. Em 1662 um traidor, Simão Melo, entregou-a aos ingleses sendo o seu Sultão, fiel a Portugal, encarcerado numa gaiola e entregue aos turcos. Ainda existe a fortaleza portuguesa; hoje é uma pequena povoação.

¹³³ É a ilha de Socotorá, tomada por Albuquerque em 1506. Fica no Golfo de Ádem.

¹³⁴ Serão os sultões de Caxemira?

¹³⁵ Barco pequeno usado no Mar Roxo.

¹³⁶ Fica na Arábia Saudita, sobre o Golfo de Omam. Tomada por Afonso de Albuquerque, logo tomou uma feição portuguesa. As suas fortalezas são de 1552. Tinha muito movimento e ainda hoje tem muitas relíquias nossas. Em 1659 entrou nela, à traição, o Imam que assassinou todos os portugueses que lá estavam estabelecidos.

¹³⁷ Certifica Martim Afonso de Mello, Capitão Mor e General do Mar e Empresa da Costa de Melinde e dos Estreitos do Mar Roxo e Baçorá, em Ormuz a 27. ?.1598. Passa-o, por Martim Afonso de Melo ser morto, Miguel Coelho de Sousa, capitão da dita armada debaixo de jura-

«Ao «vir a nova certa» que os turcos tornavam a Melinde, juntam-se gente e navios «pera os esperar e pelejar com elles e junt.mte avizar as fortalezas de Moçabiq¹³⁸ e Ormuz». Capitão dum destes navios foi António Peixoto. «Sabendo não virem os turcos» começam «a entender nas couzas da costa ao serviço de Sua Magestade, pondo-as todas a caminho, tirando os maos costumes aos Reis, castigando os culpados q achei e cumprindo com El Rey de Melinde nosso antigo amigo e leal vassalo e Irmão de sua Mag.de em armas». Em 1588 invernam com o de Melinde «por respeito de muitos mil cafres chamados gimbas que deliberadamente o vinham comer e quebrar a terra como já tinham feito a outros Reys mais poderosos». Estes «sabendo da minha detreminação deixaram o caminho q traziam», ficando livre do flagelo o «leal reino amigo»¹³⁹. Um galeão, dez galiotas e navios bem apetrechados saiem da barra de Goa a 9.1.1593; na travessia do «Golfão»¹⁴⁰, agarra-as «hua rija tormenta de tp^o e chuva que deu a todos grande trabalho e tomado o porto de Brava¹⁴¹ e sabendo nele não terem passado galés de turcos», seguem adiante. Entregam Mombaça ao Rei de Melinde, assentam a traça duma nova fortaleza «e pela terra não ser disposta a se fundar nada nela sem primeiro se cortar nela o mato, o cortei com toda a gente da minha armada com grande trabalho de todos por ser intratavel». «Supertendente» da fortaleza fica o capitão do galeão, vai a armada de remo até a Ilha de Pemba¹⁴², encontram «o Rei que achei cansado fora della e o Principe seu sucessor alevantado». Ao verem a che-

mento, em Ormuz, a 27.5.1598. Reconhece-o em Ormuz o Licenciado Francisco Monteiro de Vilar e em Goa o Licenciado Francisco de Campos Tavares. São mencionados o Vice-Rei D. Duarte de Meneses e Mateus Mendes de Vasconcelos, capitão da dita Companhia.

¹³⁸ É uma ilha de Coral. Vasco da Gama quando lá chegou trocou presentes com seu sultão. Em 1502 principiaram os portugueses a sua colonização, construíram em 1505 a fortaleza e passaram depois ao continente.

¹³⁹ Em Mombaça, a 15.4.1594, Mateus Mendes de Vasconcelos, Capitão Mor da Costa de Melinde, certifica este documento. Escreve-o Inocêncio Gomes, escrivão da Fortaleza de Mombaça; reconhece o sinal o licenciado Francisco Campos Tavares, em Goa. É citado o Vice-Rei D. Duarte de Meneses.

¹⁴⁰ Oceano Índico, travessia que levava meses sem verem terra.

¹⁴¹ Porto na Somália.

¹⁴² Frente a Mombaça, Quênia.

gada dos portugueses, os insurrectos incendeiam «a fortaleza e cidade de Chage-Chage principal da mesma Ilha e recolherao a um lugar forte com tranqueira e artilharia». «Mandei 200 homens dar neles»; pelejam com os 5.000 entrincheirados, entram na tranqueira, matam muitos. Para o mato fogem os restantes. Durante nove dias corre-se «a costa de mar a mar», fazem-se alguns cativos «q mandei enforcar», para terra foge o principe rebelde. Aquieta-se toda a Ilha «e todos vierao botarse aos pés d'el Rei e em minha presença o jurarao por Rey natural». Numa destas galiotas vinha António Peixoto de Carvalho. Enquanto alguns faziam a guerra por terra, foi ele, como capitão de pangaios¹⁴³, «serear» a Ilha de Pemba, cumprindo sempre como bom soldado e capitão¹⁴⁴.

A 10.4.1593 despede-se a Armada da Índia da nova Fortaleza do Nome de Jesus de Mombaça¹⁴⁵. Ficam «coatro cōtancias», um galeão e «duas fustas mais». Lançam a primeira pedra «trabalhando de dia aos quartos nella com pad'ola emxada acarretando pedra mate e lenha as costas ordinariamente», acabam-na «em sua perfeição» a 30.3.-594. E Mombaça vigia os mares, protege a navegação e vassallos de Sua Magestade, «oprime os inimigos à nossa obediência». Em socorro de Pemba, «onde se torna a meter o principe alevantado», vão um navio e outras embarcações ligeiras. Desfazem as defesas, matam o principe, queimam barcos. Unem-se ao Rei de Melinde, a castigar «Chone»¹⁴⁶, cidade que não lhe obedecia «por cuidar estaria segura dez léguas pela terra adentro». Com a «nossa ajuda», põe-na, o de Melinde, «a ferro e a fogo». Morrem muitos dos

¹⁴³ Embarcação do Oceano Índico.

¹⁴⁴ Escrito pelo mesmo escrivão e reconhecido pelo mesmo notário da nota 139 é certificado em Mombaça a 15.4.1594 por Mateus Mendes de Vasconcelos, Capitão Mor na Armada, da Costa de Melinde e Empresa de Mombaça. Mencionam-se o Vice-Rei, Matias de Albuquerque, e Fernão Vaz, capitão do Galeão, que ficou por superintendente da Fortaleza de Mombaça.

¹⁴⁵ No «*Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*» vem uma fotografia da Fortaleza de Mombaça, tirada há relativamente poucos anos. Foi, como se diz no documento, acabada «a dita fortaleza de muros em sua perfeição em fins de Março de quinhentos e noventa e quatro ficando de dezoito palmos dalto, tendo em Roda duzentas e secenta e sete braças craveiras quatro baluartes hua couraça a borda dagoa de que em menos de humano dey menagem».

¹⁴⁶ Perto de Melinde.

seus moradores, arrazam-se os seus palmeirais. Tem a vitória o Rei de Melinde; ficam «os nossos com o crédito de chegarem aonde nunca chegaram portugueses». Depois vão a Monfia¹⁴⁷, levam a sua rainha para Quiloa¹⁴⁸, «por ser muito prejudicial com os seus folazes na dita Ilha». Em todos estes trabalhos, António Peixoto de Carvalho, capitão de «huma das estâncias», cumpriu como sempre e «deu meza a trinta soldados durante um ano», gastando muito da sua fazenda¹⁴⁹. Só então, depois de «cumprir em tudo como dele e de seu sangue se esperava», regressa a Taná¹⁵⁰, onde vive. Aí, em seus filhos, no longínquo Oriente, segue a linha dos Peixotos de Pousada.

Com ele, ao Reino voltamos em 1602. Em Pousada encontramos Francisco Peixoto de Carvalho e conhecemos sua mulher Catarina de Almada Malafaya, da Casa de Azenha¹⁵¹. Vejamos os dois irmãos. O mais velho curtido pelos mares, a «querer regressar às partes da Índia onde é casado e morador, ansioso por não perder a sua viagem deste ano». O mais novo, que durante anos administrou Pousada¹⁵² e a encheu de ben-

¹⁴⁷ Ilha ao litoral de Mombaça (Quênia), onde no séc. XVI fundamos uma feitoria.

¹⁴⁸ Esta ilha fica a 314 Km. a SE de Zanzibar (Tanzânia). Sujeitado em 1502 o seu rei, iniciou-se em 1505 a construção da fortaleza.

¹⁴⁹ Atestação certificada em Ormuz a 15.4.1594 por Mateus Mendes de Vasconcelos, Capitão Mor da Fortaleza do Nome de Jesus de Mombaça e Costa de Melinde, escrita pelo mesmo escrivão e reconhecida pelo mesmo notário citados na nota 139. Fala-se no Vice-Rei Matias de Albuquerque.

¹⁵⁰ Foi cedida a Portugal pelo Rei de Cambaia (nota 117), quando da razia feita pelos portugueses ao seu reino. Ficou uma cidade muito portuguesa, cheia de Igrejas e palacetes. Para ela vieram as famílias reinós de Baçaim, tendo Taná florescido imenso. Com a cedência de Bombaim à Inglaterra (dote da princesa D. Catarina, Rainha da Grã-Bretanha) começou a sua agonia. Tomada pelo Marata, em 1737, deu-se a emigração para Goa das suas antigas famílias. Hoje, não passa duma pequena povoação na União Indiana, não longe de Bombaim.

¹⁵¹ Filha de Inácio da Costa de Almada, senhor do Morgado de Azenha, em Guimarães, e de sua mulher D. Brites Malafaya, † em Pousada a 12.1611 (M 1 Azurém), s. g. Seu viúvo, Francisco Peixoto de Carvalho, foi seu herdeiro; a 12.7.1614 concerta-se com seu cunhado (irmão dela), Cristóvão da Costa de Almada, senhor da Casa de Azenha, sobre essa herança e rectificam a doação que haviam feito às freiras de Santa Clara para o dote de sua irmã e cunhada Helena de Malafaya (12-3-22). Tinham também bens na Ilha da Made'ra (12-2-58).

¹⁵² Francisco Peixoto de Carvalho, administrador de Pousada na ausência dos irmãos, fez vários emprazamentos (Mostrador da Casa de

feitorias ¹⁵³, a «entregar a sucessão do Morgado dos Peixotos que ficou de seus avós». Chamam seus primos, Gaspar Lopes

Pousada). Há dele também algumas procurações onde vem como Fidalgo da Casa Real (12-2-45). Teve uma demanda com seu irmão António sobre a sucessão do Morgadio dos Peixotos e no final declararam: «q ele Francisco Peixoto largaria o Morgado ao dito António Peixoto para ele e seus descendentes ficando ele Francisco Peixoto com a reserva da metade em sua vida e da outra metade hum quarto... e do que hoje rendem os casais do Morgado avera elle Francisco Peixoto em cada hum anno emcoanto for vivo 237 medidas de pam meado, 49 de trigo, 3 marras, 1 leitão, dez carros de lenha, 4 carros de palha, 17 galinhas, 1 canada de manteiga, dous dias de Bois e dous homens de geira». Quanto à partilha do «corpo de Pousada», «elle Francisco Peixoto estará nas casas as quaes com a terra que foi vinha e oje he pomar com as ortas lhe ficarao em conta de vinte razas de pão meado e estas juntas ao mais pão que a dita quinta render ficarão cinco medidas para Francisco três para seu irmão mais velho assim se fará com o vinho, landres e castanha emquanto António não vier morar para esta terra». Se um dia vier, partirão a quinta por quartos, sendo a escolha do mais velho, indo Francisco Peixoto morar para a vila, para as casas da Rua de Val de Donas. Repartem também os restantes bens, guardando Francisco Peixoto, para toda a vida «toda a lenha de Pousada para seu queimar». «Escritura de declarasam divisão e repartição e dezistim.to de Posse entre Francisco Peixoto de Carvalho e seu Irmão António Peixoto de Carvalho sobre o Morgado dos Peixotos». Foi feito na Quinta de Pousada a 15.2.1603. Documento n.º 208 do arq. part. da Casa de Pousada.

¹⁵³ Francisco Peixoto de Carvalho fez muitas benfeitorias na quinta de Pousada como se vê na demanda entre seus herdeiros (Dc.º n.º 224 do arq. part. de Pousada). Por esse motivo pode testar cem mil reis dos rendimentos da quinta em sua mulher, caso ela o sobrevivesse. Quais foram essas obras? Não o dizem os documentos consultados. Teria sido em vida de Francisco Peixoto que se fizeram as citadas pelo Dr. Moura Machado em «A Casa dos Peixotos de S. Pedro de Azurém»? Passemos-lhe a palavra: «... Uma das primeiras transformações da Casa dos Peixotos deve ter sido operada no séc. XVII, quando lhe fizeram o acrescento do corpo a Norte, hoje sala de entrada, ligada à parte medieval por uma porta em ogiva que, até essa data, seria uma porta para o exterior. O acesso a esta, pensamos que deveria ser pela escada ainda hoje existente, do cimo da qual partiria uma plataforma apoiada sobre as rochas e, possivelmente munida de qualquer dispositivo de defesa. O acréscimo veio, segundo julgamos, ocupar o lugar dessa passarela e do restante espaço sobre os penedos; mas verifica-se que toda esta área não era de molde à execução da parede a Norte com aquela espessura em uso na época, para não comprometer o espaço útil do compartimento. E assim aparece-nos uma parede muito delgada rasgada por duas janelas cujos gonzos nas portadas, dada a exígua espessura da parede, funcionam numas saliências de pedra, habilmente concebidas». E mais adiante: «... Parece-nos ter sido o momento

de Carvalho e António Pereira da Silva de Carvalho¹⁵⁴; apressadamente dividem as terras. A 15.2.1603, em Pousada, António Peixoto «abriu e fechou as portas da dita quinta e janellas della e por ella panceu de hua parte para a outra e tomou terra pao e telha e dali se foi pela sahida da dita quinta e por alguns campos della tomando as folhas das arvores e das ervas». Nos três dias a seguir, repete o mesmo pelos casais, pelos campos, pelas casas, pertenças do seu morgadio¹⁵⁵. Em outubro, justifica na praça da vila de Guimarães ser, de seus pais, «o filho mais velho dos que ao presente estão vivos», e a sua, ser «humã antiga e nobre gerassam»¹⁵⁶. Senhor de Pousada, provada a sua ascendência, à Índia volta. Deixa desta vez para sempre, as terras, cuja posse veio tomar.

em que a parte medieval com forma de torre sofreu sensível alteração». Depois de explicar que a torre ainda é mencionada na «*Corografia Portuguesa*» do Padre Carvalho da Costa, mas que no século XIX «nada sugeria tratar-se duma edificação em forma de torre», acrescenta: «... Afigura-se-nos que a parte superior desta, deve ter sido por qualquer razão apeada, substituindo-a pelo acrescento a Norte, de que falamos». Seriam essas as benfeitorias de Francisco Peixoto? Apenas uma dúvida. Se de facto existia a torre na altura em que a «*Corografia*» foi escrita (o seu autor nasceu em 1650), não foi Francisco Peixoto de Carvalho, mas sim um dos seus sucessores, quem mandou fazer estas obras em Pousada. Ou não teria o Padre Carvalho, ao escrever a sua obra, conhecimento que a torre estava apeada há alguns anos?

¹⁵⁴ Gaspar Lopes de Carvalho foi Prebendeiro da Colegiada de 1590 a 1591 e Provedor da Misericórdia de Guimarães em 1606 (*Boletim de Trabalhos Históricos*). Foi casado s. g. com Leonor de Maçoulas, que a 20.2.1616, como herdeira do marido, chega a um acordo sobre uns empréstimos (Escriptura de transação e composição q fizeram Manuel Pr.^a da Silva com Leonor de Maçoulas v.^a de Gaspar Lopes de Carvalho, no arq. part. da Casa de Pousada). Era primo dos Peixotos de Pousada, provavelmente filho de Gaspar Lopes da Rocha e de sua mulher Filipa de Carvalho (nota 74). Sobre António Pereira da Silva v. nota 157.

¹⁵⁵ Documento citado na nota 152. A 17.2 tomou posse do Casal da Aceição, em Azurém, dos moinhos de Covas, em Pencilo e do Casal do Carvalhal na mesma freguesia. A 18.2 das casas grandes da Rua de Val de Donas, em G.es, e nos dias seguintes do Casal do Bairro, em Atães, Casal do Souto, em S. Torcato, e da Quinta de Gominhães, em Guminhães. No dia 22, da capela dos Peixotos, junto à sacristia do Mosteiro de Pombeiro. Depois, do casal de Espindro, três casas na Rua das Flores, 2 na Rua de Santa Luzia, 7 na Rua da Fonte Nova, todas na vila dos Casais do Mourisco, Ronfe, e campos da Poça do Rique, em Fermentões.

¹⁵⁶ «Autos de Justificação que se fes a requerimento de António Peixoto de Carvalho em que se mostra que elle he filho legítimo e ma's

Falar do mais novo dos filhos do Desembargador Gonçalo Vaz Peixoto é tocar uma música leve, a da quietude das coisas simples. Para Francisco Peixoto de Carvalho, que em Pousada vive e morre, a reserva da metade e um quarto do outro meio da quinta. O verde fresco das hortas, o cantar do vinho, o suave aconchego do crepitar da lenha. As castanhas, as landes, os bichos nos currais. O poder testar em sua mulher cem mil reis dos rendimentos de Pousada, caso ela o sobreviva. Também em sons mais graves, mais cheios de grandeza, receber em herança o morgadio dos Carvalhos¹⁵⁷. E depois, entre as árvo-

velho do D.or Gonçalo Vaz Peixoto Desembargador que foi da Casa da Suplicação e de sua mulher Magdalena de Carvalho». (Doc. n.º I do arq. part. de Pousada). São testemunhas neste documento, Artur de Barros Coelho, Cav.º Fid.º; Afonso Anes de Freitas de Castro, também Cav.º Fid.º; Gonçalo Fernandes Escaramenta, tabelião; Pero Novais de Faria... fidalgo e capitão de Infantaria; Francisco Barroso, o Velho, Cav.º Fid.º, parente, por afinidade, de António Peixoto; Heitor de Meyra, Cav.º Fid.º e Francisco Enes Forte, cônego prebendado.

¹⁵⁷O Morgadio dos Carvalhos foi instituído pelo Dr. Gonçalo Dias de Carvalho (nota 74), a 21.I.1593. Por desejar ser enterrado no Mosteiro de S. Francisco em Ges, doaram-lhe os frades uma capela no claustro «pera elle ordenar e reparar». Esta capela, a de S. João Baptista, fora em 1552 de Isabel de Lima e seu marido, Rui Besteiros, que estavam nela enterados, assim, como um filho que tiveram. Morrendo s. g., Isabel de Lima entregara a capela aos frades para dispoem dela, o que foi confirmado por seus parentes mais chegados, os Abreus de Ponte de Lima, antes da doação ao Dr. Gonçalo Dias de Carvalho. Foi esta capela a cabeça do opulento Morgadio dos Carvalhos, composto de muitas casas e terras em Guimaraes e noutros lugares. Herdeiro do Dr. Gonçalo Dias de Carvalho foi seu sobrinho António Pereira da Silva, que esteve cativo em Alcácer-Quibir, filho de sua irmã Margarida de Carvalho e marido, Manuel Pereira da Silva, a quem deixou «toda a minha fazenda e bens depois de compridas as obrigações ordeno de meus Bens e dos que se comprarem do dinheiro que deixo athe ao fim do mundo tudo junto e comesse no dito António Pereira pera q venha sempre dum parente em outro sem se poder alhear nem escambar ainda que seja pera Resgate do pessuidor do Morgadio ou d seu filho». Entre outras cláusulas, diz que se António Pereira da Silva não tiver filhos legítimos sucederá no Morgadio outro sobrinho, Ambrósio Peixoto de Carvalho, filho de sua irmã Magdalena. António Pereira da Silva, como administrador do Morgadio, «mandou de seu próprio dinheiro fazer dous cadros na crausta de baixo do mosteiro de Sam Fr.co athe o sobrado da Baranda, sendo Mestre da dita obra» o famoso Gonçalo Lopes «... e num dos ditos cadros (na capela de S. João Baptista) mandou pôr as armas dos Carvalhos». Ali estiveram 18 anos, até que em 1616, «sem razão alguma», os frades as mandaram picar e substituir pelas armas da Ordem. Provocou isso «notavel agravo» ao filho de António Pereira e «deu



Capela Tumular dos Carvalhos no Claustro de S. Francisco, em Guimarães. Sepultura do instituidor e dos seus sucessores. (Nota 157).



Os filhos de João Pacheco Pereira de Sousa Peixoto
de Carvalho e de D. Margarida Teles da Sylva

(Quadro de Roquemont existente no
Museu Soares dos Reis)

res e as rochas, divagar nos mistérios da morte, buscar, ele, triste outono sem frutos para o suceder, outro ramo do mesmo tronco, que longe, tão longe, sob os ventos da monção, floresça em flores de cores vivas, desconhecidas, a alegrarem o vínculo instituído pelo seu remoto tio-avô¹⁵⁸.

muito escandaloso em todas as pessoas», escasseando as esmolas para o convento. Correu um processo, chegando-se por fim a acordo: as armas dos Carvalhos continuariam como estavam antes da desfeita e «na outra quadra defronte ficariam as armas de S. Francisco para constar que os altos e baixos da Baranda forão feitos pela Ordem porque só as duas quadras é que pertencem aos herdeiros dos Carvalhos», sendo o resto feito à custa dos Frades. (Tombo do Morgado dos Carvalhos, Arq. Mun. A. Pimenta). António Pereira da Silva † a 18.1.1614 e declarou em seu testamento: «Tenho dous filhos naturaes e legitimados que sam Manuel Pereira da Silva e Maria de Samtiago (teve mais dois: Salvador da Silva Pereira, Cap.º da Armada, Mestre de Campo em Ceilão, e Jerónimo Pereira da Silva, ambos falecidos na Índia, s. g.) a quem deixo todos os meus bens livres». Como Ambrósio Peixoto, a quem o tio deixou o morgadio no caso dele António não ter filhos legítimos era já falecido, nomeia então o vínculo em Francisco Peixoto de Carvalho, que assim ficou senhor do Morgadio dos Carvalhos. (Cert.am da Escripura de Nomeaçam do Morg.º dos Carvalhos de Dona Maria Peixoto de Carv.º, doc.º n.º 137 do arq. part. da Casa de Pousada). Anexo a este vínculo está também a capela da Nossa Senhora da Madre de Deus, na freguesia de S. Pedro de Azurém. Foi seu padroeiro o cônego Gonçalo Anes, da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira que † a 8.9.1540 e que diz em seu testamento feito a 21.2. do mesmo ano «deixar a Capela da Madre de Deos em Azurém como cabeça do vínculo que institue em seu sobrinho João Afonso dos Quintos e querer ser enterrado na Colegiada na sepultura da capela onde mandou fazer o sacrário para o Santíssimo Sacramento. A seu sobrinho Gonçalo Dias de Carvalho, filho de João Afonso dos Quintos, deixa as casas da Rua de Santa Maria «para seus pais as lograrem em vida», «e os meus panos de armas que sam 3 panos p.º servirem na sua casa». Há também muitos legados a outros familiares. Ficou assim incorporado no Morgado dos Carvalhos a capela de Nossa Senhora da Madre de Deus. Esta casa da Rua de Santa Maria, que desde então foi a casa destes senhores, fazia esquina do Terreiro das Freiras para a viela do Pingalho (Trav. da Senhora Aninhas) e é hoje a Tesouraria das Finanças. Em 1732 tinha ainda uma torre que dava para a viela. Tinha grandes salões, pátios, picadeiro e jardins muito bonitos (Tombo do Morgado dos Carvalhos). Actualmente está, pelo menos exteriormente, muito bem conservada e guarda ainda algum do seu encanto.

¹⁵⁸ Francisco Peixoto de Carvalho, senhor do Morgado dos Carvalhos, faleceu na casa acima descrita, na Rua de Santa Maria, a 11.2.1627 (M 2 Oliv.º). Dias antes, a 6, emprazou o Casal de Antemil, Pencilo, que fazia parte do seu morgadio, em sua sobrinha Madalena Peixoto. Entre as testas está seu irmão, o Padre Frei José Peixoto, da Ordem de Santo Agostinho, que assinou por ele não poder assinar, por estar doente (12-3-6). Diz

Três quadros. A mesma moldura. Rendilhada com figuras, com tremidos. Madeiras preciosas trabalhadas, marfins incrustados, obra indo-portuguesa, formam estes caixilhos imaginários. Nas telas, leremos relatos de viagens, evocaremos terras remotas, tão chegadas a Portugal, roubando cores, compondo perfumes.

Taná, princípios do século XVII. Nas ruas movimentada-se muita gente, todos «muito cheirosos, untados com sandalo branco, aloes, canfor, almisquar e acafram tudo muido e delido em água rosada»¹⁵⁹. Em esplendido cavalo persa, passa António Peixoto de Carvalho. Atraz «num palanquim alcatifado com tapetes riquissimos da Persia e almofadas de veludo ou brocado de ouro e prata para a cabeça e pés», sua primeira mulher, Dona Catarina de Sousa e Menezes, filha do Governador da Fortaleza de Ormuz¹⁶⁰. Seguem-se, noutros palanquins, seus filhos: Dona Maria Peixoto de Carvalho, Gonçalo Peixoto,

em seu testamento: «... sobre o meu Morgadio dos Carvalhos como não tenho filhos e sou obrigado a nomear um parente ou parenta da geração dos Carvalhos do primeiro instituidor e porquanto meu sobrinho Gonçalo Peixoto, filho do Senhor António Peixoto de Carvalho meu irmão, que tinha escolhido para este Morgado hera falecido, nomeio a f.ª mais velha do dito meo irmão, que por nome não perca com obrigação que case com Manoel Pereira da Silva Fidalgo da Casa de Sua Magestade e Cavaleiro da Ordem de Cristo, f.º mais velho do Senhor António Pereira da Silva, meu primo, por ser pessoa de muitas partes e merecimentos e isto contanto que dispense com elle o sumo pontifice por serem parentes ao terceiro grao o qual costumam dispensar facilmente e nesta condição a nomeio e noutra maneira não». No caso da nomeação não ser aceite chama então a outra filha de seu irmão António, e depois «a f.ª do Doutor Luis Lopes de Carv.º meu primo donzella que está com sua May Dona Maria de Essa»; segue-se-lhe a «f.ª mais velha de Diogo Lopes de Carv.º meu primo f.º doutro Luis Lopes de Carvalho, depois a 2.ª e por fim a 3.ª filha deste. Se forem todas falecidas nomeio o morgado em meu irmão Frei José Peixoto, Religioso da Ordem da Correyra de Santo Agostinho para ele nomiar a pessoa que lhe parecer». Escriptura de Nomeação do Morg.º dos Carvalhos de Dona Maria Peixoto de Carvalho, Auto de Posse das Casas e Cabeça do Mesmo, Doc. n.º 137 do arq. part. de Pousada.

¹⁵⁹ Frase do cronista Duarte Barbosa citada na nota 4 ao Colóquio Sexto da Árvore Triste, nos «Colóquios dos Simples e Drogas da India» de Garcia da Orta, anotados pelo Conde de Ficalho, vol. I, pág. 73.

¹⁶⁰ Segundo o Mostrador da Casa de Pousada era natural de Ormuz, filha de João de Sousa de Menezes, Governador da mesma praça, e de sua mulher D. Catarina de Castro. Julgo que nunca veio ao Reino e sabemos ser viva em 1603. Foi seu irmão Frei Luís de Sousa, a quem os sobrinhos passaram várias procurações.

Dona Ana de Sousa, Dona Francisca e Manuel Peixoto de Carvalho, alguns ainda ao colo das amas, das criadas. À volta, a pé, os pagens, e os escravos «de muitas raças e povos». É um cortejo vistoso «de grandes panos de sedas coloridas», de «finos veus ondulantes» a envolverem as raparigas, de objectos transportados em almofadas para servir a senhora: o leque, os coxins, as tinturas, as esteiras para o caminhar, «o livro de missa em saquinha de veludo, a cadeirinha da China de laca e ouro». Passa o séquito pelas ruas, casas, «balcões fechados como estufas, por detras das gelosias de escamas de ostras transparentes», grupos de homens. Antigos capitães e mareantes conversam às portas, ao calor, ao ar pesado das tardes, «um escravo sacudia as moscas a cada um dos senhores, outro coçava-lhes a cabeça ou os pés descalços, sacados das babuchas de veludo»¹⁶¹...

Passemos ao segundo quadro. Matriz de São João de Taná, Arcebisado de Goa, Primaz da Índia e das partes Orientais. 10.10.1620. Recebem-se Manuel de Miranda e Azevedo com Dona Maria Peixoto de Carvalho, filha mais velha de António Peixoto de Carvalho e de sua primeira mulher¹⁶². Testemunhas são o pai da noiva e seu irmão, o primogénito Gonçalo Pei-

¹⁶¹ As frases entre aspas são tiradas da «*História de Portugal*», ed. monumental, terceira parte, Domínio Ultramarino, por Jaime Cortesão, cap. I, O Império Português no Oriente, pág. 364.

¹⁶² Ignoro quem foi a segunda mulher de António Peixoto de Carvalho; sei apenas que ele, na Índia, passou a segundas núpcias e que os filhos de que tenho notícia eram do primeiro casamento.

¹⁶³ O assento deste casamento está transcrito na «Certidão de justificação q se mostra ser D. M.^a Peixoto de Carvalho f.^a legítima de Ant.^o Peixoto de Carvalho p.^a suceder no Morgado dos Carvalhos», doc.^o n.^o 144 do arq. part. da Casa de Pousada. Diz o texto: «Certidão do P.^o Vigário da Vara — Certifico eu o padre gonçalo fernandes de Saa prior e Vigário da Vara de Taná e sua justiça pello muito ilustre e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Sebastião de São Pedro por mercê de Deus e da Santa Madre Igreja de Roma Metropolitana Arcebispo de Goa Primaz e da Índia e partes Orientais em como he verdade por ver os livros de casamento desta Matriz num delles a folhas dezoito achei o assento de que a petição ac'ima faz menção do dito casamento cujo treslado he o seguinte: Aos dez dias do mes de outubro de mil e seiscentos e vinte anos eu o padre António Bernardes Vigairo da Igreja de São João, Recebi nella de licença do Reverendo Gonçalo Fernandes de Sá, prior e vigairo da vara, por palavras de presente conforme o Sagrado Concílio Tridentino e Constituição deste Arcebisado a Manoel de Miranda e Azevedo com dona Maria peixoto os quais comigo aqui assinarão // o Padre António Bernardes o qual assento

xoto¹⁶³. A esposada, e as poucas damas que a acompanham, como nos seus outros raros passeios, são ídolos «carregadas de joias, pérolas e pedrarias, na cabeça, nas mãos, nos pés e na cintura». Arrastam comprida cauda, rumorosa de sedas, envolve-as transparente véu, e, ao saírem, já com o palanquim dentro da Igreja, «para encurtar o difícil cerimonial da marcha», perfumadas e pintadas, são amparadas por familiares e servos. Andam com desajeito e pesadez, pois calçam fora de casa «chapins decorados de sola de cortiça de meio pé de altura recobertos de placas de prata e bordados de ouro, pérolas e pedras preciosas». Assim nas idas à Missa, assim em todas as bodas. Nestas, de Dona Maria Peixoto de Carvalho, nas de sua irmã Dona Ana de Souza com António Murzelo¹⁶⁴, e, passados alguns anos, nas de sua filha Dona Inês de Miranda Peixoto com seu tio materno Manuel Peixoto de Carvalho¹⁶⁵.

Terceiro painel. Um tríptico. Primeiro, uma sala de jantar. Comem-se manjares variados, carregados de especiarias, de carís, da doçura dos frutos. Toca uma orquestra. Bailam e cantam lindas escravas, escolhidas com cuidado nos mercados para «distrair suas Mercês». Ao meio, uma sala. Sentadas em almofadas, entre lacas, marfins e tapeçarias, damas vestidas de sedas leves e finas, à fresca, mascam sem descanso uma mistura de betel e areca, que lhes pinta os dentes e a boca de vermelho e preto, «coisa horrível de ver-se», conversam e riem. Por fim, um crepe negro, a dor, o luto. Em vida do pai, morre o primo-

vai aqui por mim feito e assinado e juro pelo juramento do meu officio passar na verdade e vai seliada... Tanná treze de novembro de mil e seiscentos e vinte e sete».

¹⁶⁴ Sobre esta filha de António Peixoto de Carvalho poucos dados temos: a filiação, o nome do marido e o terem vivido em Taná, donde desistiram dos direitos que teriam nos serviços prestados por seu pai e sogro em favor dum sobrinho (nota 193). Ignoro se tiveram geração. Um António Murzelo, que, dada a coincidência do nome, pode ser o marido de D. Ana de Sousa, é mencionado em «*Simão Botelho de Andrade*», de J. Mendes de Almeida, pág. 116: «... Também vay de quá (Cochim, 1552) António Murzelo, criado da Raynha nosa senhora, que servio de escrivão da fazenda d'ante mim: largou algum tempo de carreguo por ser de pouco proveito: he pesoa pera se poder encarregar em cousa de confiança...».

¹⁶⁵ Ignoramos a data. Quando em 1633 vieram para o Reino já estavam casados e ao desembarcarem em Lisboa já traziam dois filhos: D. Maria e Manuel. Possivelmente casaram em 1631 quando a mãe da noiva deixou a Índia, mas, a julgar pela data do casamento dos pais, em 1620, teria D. Inês, quando do seu matrimónio, uns dez ou onze anos.

gênito, Gonçalo Peixoto ¹⁶⁶, herdeiro de Pousada. Ficará a casa para o filho segundo, o único varão que resta, Manuel Peixoto de Carvalho.

Dificuldades em receber os dinheiros, notícias de estarem à deriva os cobigados bens de Pousada sem terem quem legitimamente os defenda, a partida para o Reino de Dona Maria Peixoto de Carvalho para tomar posse do Morgado dos Carvalhos que lhe deixou seu tio Francisco ¹⁶⁷, dão princípio aos preparativos de largada de Manuel Peixoto e de sua mulher e sobrinha Dona Inês de Miranda Peixoto. A 19.11.1627, justifica em casa do escrivão de Taná, ser, por morte do pai, senhor do morgadio em Guimarães ¹⁶⁸. Passa procuração aos tios, (Frei Ambró-

¹⁶⁶ Assim se diz no testamento de Francisco Peixoto de Carvalho, nota 158 e na procuração citada na nota 169.

¹⁶⁷ V. nota 158. Em Taná, ao receber a notícia que seu tio Francisco nela nomeara o Morgado dos Carvalhos, passa D. Maria Peixoto de Carvalho uma procuração para Jorge da Costa e seu tio Frei Ambrósio de Santa Mónica, moradores em Goa, e para o Padre Frei José Peixoto, irmão de seu pai e ao Padre Frei Luís de Sousa, irmão de sua mãe, para aceitarem o Morgadio como ela tinha direito, rejeitando apenas a condição do casamento por ser já casada há sete anos, apresentando também uma procuração de seu marido, Manuel de Miranda de Azevedo, passada em Baçaim, estando ele então ausente em Moçambique. No Reino, ao saber que D. Maria Peixoto já estava casada, entra em litígio sobre o Morgadio Diogo Lopes de Carvalho, pai das senhoras nomeadas em último lugar por Francisco Peixoto de Carvalho, dizendo mais que os procuradores dela não poderiam entrar em demandas por serem sacerdotes. Partiu Manuel de Miranda de Azevedo para «a Capitania de Moçambique que he na costa d'Africa depois de passado o cabo da boa esperança e dahy a Índia ha muitos centos de legoas e muito mar em meyo que passar e não se podia esperar sem perigo de se perder a ocasião para a citação». A Relação do Porto deu sentença em favor de Dona Maria Peixoto de Carvalho, que tomou posse do Morgadio dos Carvalhos em Taná a 1.12.1629. A 12.10.1630, seu tio, o Padre Frei Luís de Sousa, foi «a casa da Rua de Santa Maria em Guimarães onde viveo Francisco Peixoto de Carvalho e dela tomou posse como procurador de Dona Maria Peixoto de Carvalho, ausente». (Doc.º n.º 137 do arq. part. de Pousada, já citado na nota 158).

¹⁶⁸ «Pousada — Índia. Justificação de M.ª Peixoto de Carvalho, vinda da Índia, 1.ª via. António de Almeida e Vasconcelos, Cav.º Fid.º da Casa do Rey, ouvidor e corregedor da Comarca e juiz das justificações com alçada nesta povoação de Taná diz que Manuel Peixoto de Carvalho fez uma petição para transcrever por duas vias os autos de sua justificação e uma certidão do escrivão que esta subscreveo». (Arq. part. da Casa de Pousada). Foram testemunhas, Bento Soares, casado; Manuel Pereira, Tab. de notas, Nicolau de Brito de Mendonça, casado; António de Almeida, con-

sio de Santa Mónica, em Goa, Frei José Peixoto e Frei Luís de Souza, em Lisboa) «para arrecadarem em meu nome na villa de G.es e fora della assim nas partes da Índia como no Reino todos os bens de meu pai e Capella e Morgadio dos Peixotos q legitimamente me pertencem e q mandem os rendimentos nas Naos e Navios q bem lhes parecer q para estas partes da Índia vierem mandando tudo entregar na Misericórdia de Gôa por letra ou pessoa segura que cá vier»¹⁶⁹. No ano de graça de 1633, em Taná, deixam irmãos, amigos, hábitos. Espera-os, a ele, Manuel Peixoto de Carvalho, na força dos seus vinte e seis anos, a ela, Dona Inês de Miranda Peixoto, tão menina ainda, já com filhos no regaço¹⁷⁰, a vida, o mar, a terra que não conhecem e é sua.

No Reino corre Dona Inês para os braços de sua mãe, Dona Maria Peixoto de Carvalho. Ouçamos com ela os trabalhos dessa senhora pela posse do vínculo dos Carvalhos. Chegara a Lisboa na «Nao Capitania Nossa Senhora do Bom Despacho», com os dois filhos varões, um de cinco, outro de dois anos. Logo no dia seguinte, a 8.7.1631 «por não ter noticias das couzas e ser chegada a hum dia a esta cidade de Lisboa das partes da India e não ter conhecimento da importancia do seu morgadio, foi induzida e enganada por ser viuva, só, desamparada e estrangeira, mulher não vista nem atentada em caso de tanto importancia»¹⁷¹; assina papeis que comprometem os

tador e inquiridor, casado; Diogo Delgado, casado, António Soeiro, casado, escrivão do eclesiástico, e Fabião Peixoto da Silva, Capitão e Ouvidor, todos moradores em Taná.

¹⁶⁹ Procuração passada em Goa a 22.11.1627, acompanhada da justificação do Capitão e Ouvidor de Taná, Fabião Peixoto da Silva, assinada pelo Dr. Bento de Baena Sanches, Dez.or da Casa de Goa, a 14.2.1628 e justificada em Lisboa a 28.4.1629 por Francisco de Valadares e Sousa, do Desembargo da Casa Real «q ora serve de Juiz das Justificações de Juro da Guiné, Mina e Índias e Brasil». Faz parte da «Certidão da Sem.ça de Manuel Peixoto de Carvalho sobre a posse, frutos e Rendimentos do Morgado dos Peixotos», doc. n.º 117 no arq. part. da Casa de Pousada.

¹⁷⁰ Nota 165.

¹⁷¹ Depois de em Taná ter tomado posse do Morgado dos Carvalhos (nota 167), veio D. Maria Peixoto de Carvalho para o Reino na Nau Capitania Nossa Senhora do Bom Despacho. Vinha viúva, pois seu marido, Manuel de Miranda e Azevedo, «morrera neste presente ano de 1631 nas partes da Índia». Mal chegada, a 8.7.1631, por conselho de seu tio e procurador Frei Luís de Sousa, em Lisboa nas notas do Tab. Cristóvão de Sequeira Couceiro, nomeia o morgadio em seu filho varão primogénito

seus haveres. Finalmente, «viuva pobre e nobre», encontra amparo no esposo que desde sempre lhe destinou seu tio, Francisco Peixoto de Carvalho: em Guimarães, a 7.12.1632, Dona Maria Peixoto de Carvalho passa a 2.^{as} núpcias com seu primo Manuel Pereira da Silva, Fid. da C. R. ¹⁷². No dote, não

Antônio Peixoto de Carvalho, criança de cinco anos, e, na sua falta, no segundo, de dois anos de idade, Gonçalo de Sousa de Carvalho com reserva do usufruto. Estabelece para seu tio Frei Luís de Sousa «q tem tido muito trabalho com este Morgado dos Carvalhos todos estes anos e por ele tem grangeado» uma renda vitalícia de quarenta mil reis de juro, em cada ano. Escritura da nomeação do Morgado dos Carvalhos, Doc.º n.º 103 do arq. part. de Pousada. No mês seguinte, a 8.8., achando que a fez «com medo reverencial de seu tio», «pelas ditas razões (texto) e outras muito graves e urgentes revoga a nomeação do morgadio e doação ao tio». («Reclamação do Morg.º que fez Donna M.^a Pxt.º de Carv.º», doc.º 155 do arq. part. de Pousada). Continuam a demandá-la os Lopes de Carvalho e, em 1732, prova «q he irmã inteira de manonel peixoto de carvalho e tem obrigação de acudir por suas cousas e fazendas e sabendo da pouca noticia que pode ter em tão remotas paragens e do notório e irrecuperavel dano que nisso recebe, no mais tem ela legitima noticia de ser falecido o dito seu Irmão no qual caso he ela sucessora «exige umas certidões e recibos do tio Frei Luis de Sousa. Este responde com uma certidão passada em que se prova ter entregue «o morgado dos peixotos como dos carvalhos e a muita diligencia que fiz e o procedimento que tive sendo assim que não tive parente na terra nem amigo que fosse por mim e que tudo fiz com muita diligencia cuidado e trabalho infinito, pois meus males me não deixam perseguir, e que athe agora não tive hum real dos ditos morgados...». «Certidão q tirou o P.º Fr. Luis de Souza, doc.º n.º 171 do arq. part. de Pousada). Por fim, Dona Maria, já em Guimarães, na sua casa da Rua de Santa Maria, compõe-se com seu tio Frei Luís de Sousa que também representa Manuel Peixoto de Carvalho, seu irmão, ainda ausente mas vivo, e fazem contas uns com os outros, a 26.3.1632 nas notas do Tab. João Bertoles. («Composição que fez Dona Maria Peixoto de Carvalho com Manuel Peixoto de Carvalho e Frei Luís de Sousa», documento n.º 123 do arq. part. de Pousada).

¹⁷² M 2 Oliv.^a «Aos sette dias de dezembro de mil e seiscentos e trinta e dous anos eu Fr.co Leite fr.^a de comissam do R. d.º Gl.º de freitas conego cura desta igreja Recebi na hermidã de s. joam de figueiroa por licença do Senhor Superior a Manoel Pereira da Sylva filho de Ant.º Pereira de Sylva e de franc.^a Miz moradores nesta villa com Dona Maria Peixotta de Carvalho filha de Ant.º Peixotto de Carvalho e de sua molher D. Can.^a de Sousa defuntos mores que foram nas partes da India, a qual Dona Maria Peixotta de Carvalho foi casada prim.^a vez com Manoel de Miranda de Azevedo e por serem parentes em terceiro grao de consanguinidade impetraram dispensação de Sua Santidade que o dito conego cura vio, foram testemunhas Pero vieira da maia Sebastião affonso de Car-

desmerecendo da linhagem dos Peixotos, leva o padraço de Dona Inês «afortaleza de Dio que sua Magestade lhe tem feito mercê, o direito que tem na fortaleza de Chaul, e a promessa que S. Mag.de lhe tem feito de hua comenda e mais mercês que espera aver do dito S.nor pelos serviços de seu pai e irmãos»¹⁷³.

«Por este por mi feito e assinado faço meu procurador meu cunhado M.el pr^a da silva, p^a por mi procurar E por minhas cousas e morgado cuidar contra quem necessario for como minha própria pessoa ate heu hir para essa villa de Guimarães e porque fico de caminho e não poderei chegar mais cedo do que esta minha procuração lhe consedo todos os poderes em direito acostumados como fidalgo que sou da casa de sua Mag.de Lisboa oje seis de Agosto de mil e seiscentos e trinta e três anos¹⁷⁴». Giram nos gonços as portadas das janelas da sala nova, em Pousada. Pela posse dessa Casa bate-se Manuel Peixoto, acabado de chegar da Índia. Contra seu primo, o Lic.do Francisco Peixoto de Sá, perdido em interesseiras dúvidas quanto à sucessão do vínculo¹⁷⁵. Contra Pedro Machado da

valho da rua de Santa Maria e Joam de Andrade familiar do dito Seb.am a^o de Carvalho e outras pessoas. — Franc.^o Leite frr.^a

¹⁷³ «Dote entre Manoel Pereira da Silva e Dona Maria Pxt.^o de Carvalho», a 26.10.1631. Tab. João de Abreu (12-3-8), Arq. Mun. A. Pimenta. A noiva leva em dote o Morgadio dos Carvalhos.

¹⁷⁴ Procuração constante nos «Autos do Requerimento de Manoel Peixoto de Carvalho p.^a efeito de ser notificado Pedro Machado da Maya p.^a exhibir em Juizo todas as posses que tomara da quinta da Pousada e outras mais propriedades pertencentes ao Morgado dos Peixotos. (Doc.^o n.^o 4 do arq. part. de Pousada).

¹⁷⁵ O Licenciado Francisco Peixoto de Sá foi herdeiro dos bens livres de Francisco Peixoto de Carvalho. Era filho dum seu primo co-irmão (nota 69). Foi o curador dos morgadios enquanto os primos viviam na Índia e demandou-os na pessoa de seu procurador o Padre Frei Luís de Sousa (Certidão que tirou o Reverendo Padre Frei Luís de Sousa, papéis vários e sentenças, documento n.^o 398), fazendo este toda a diligência para a demanda não ir por diante. Depois de Manuel Peixoto de Carvalho ter provado ser o legitimo representante do Morgadio dos Peixotos «por ser único filho varão do último possuidor do morgadio o curador, Francisco Peixoto de Sá, apesar de na altura dizer que não tinha dúvidas em lhe dar a posse do morgadio, diz agora que a sucessão do dito Morgado não pertence a Manuel Peixoto de Carvalho por na instituição se dizer que o que ouver de suceder seja clerigo menor». Corre este processo até 6.5.1632, e foi o Licenciado condenado a pagar as custas, o que não fez, abrindo os procuradores novo processo. Perde Francisco Peixoto de Sá «porque se ao tempo da instituição se podiam obrigar os senhores do morgado a serem

Maya, que indevidamente se apossara das terras dos Peixotos ¹⁷⁶.
Contra Madalena Peixoto, donzela, que encontra em Pousada ¹⁷⁷.

clérigos menores, tal requisito se não guarda por incluir em si matéria de pecado em dizer que o que ouiver de suceder tenha ordens menores o que he contra o que está determinado pelo Sagrado Concilio Tridentino que dispõe que o que houver de tomar ordens menores ha de ter tenção de ser clérigo ou a elle estar indifferente para o ser e estas não devem tomar os successores do morgadio pois de força hão de ser clérigos e casados por onde o tal Requisito posto no dito Testamento que há duzentos e nove anos que foi feito antes do Sagrado Concilio Tridentino não deve ter efeito pois pelo dito Concilio se determinou o contrário». (Sentença de Manuel Peixoto de Carvalho sobre a posse, frutos e Rendimentos do Morg.^o dos Peixotos, doc.^o 117, arq. part. de Pousada). Depois de vir da India, continuam as demandas, exigindo Francisco Peixoto de Sá o seu direito nas benfeitorias feitas em Pousada por Francisco Peixoto de Carvalho (Cer.t^a dos papeis que tirou Manuel Peixoto de Carvalho, doc.^o 224), não tendo dúvidas «em dar conta e satisfação dos rendimentos e frutos de Manuel Peixoto de Carvalho dos quais é curador na forma que se lhe pede por parte do autor dos cinco anos passados de 1625-30 e requer averiguação de quanto importam os frutos e rendimentos e se ouçam pessoas idoneas... «Certidões que tirou o P.^o Luis de Sousa, doc.^o 171). O litígio ainda continuava em 1636 (doc.^o 298).

¹⁷⁶ Pedro Machado da Maya (v. no Gayo, Machados, & 134) foi, em 1629, nomeado por Fr. Luis de Sousa ecónomo do Morgadio dos Peixotos (doc.^o 204), vivia em Guimarães, na Rua do Gado. Tomou depois posse indevida da Quinta de Pousada e outras propriedades pertencentes aos Peixotos, pondo-lhe Manuel Peixoto de Carvalho, a 24.8.1633, demanda por seu procurador (doc. citado na nota 174). «Quando chegou da Índia com sua mulher e filhos e familia», a 9.9.1633, continuou Manuel Peixoto com a demanda e apresentou muitas pessoas gradas de Guimarães a testemunhar contra Pedro Machado (Autos da Inquirição de testemunhas do embargante Manuel Peixoto de Carvalho sobre o Morgado dos Peixotos, doc. 5). A 7.6.1641, no seguimento da causa, Manuel Peixoto acha suspeito o juiz que a vai julgar pela amizade que este tem com Pedro Machado. Confessa o juiz «ser verdade q emquanto assisti no Porto aconselhei e patrociniei todas as causas de P.^o Vieira da Maia com Breatis Lopes de Carvalho, as quais Pedro Machado agenciava, indo para esse efeito a minha casa, e daí procedeo o conhecimento q tenho com elle e no discurso do dito tempo nos tratamos como amigos. Outrossi he verdade q vivo nas casas do dito P.^o Machado pagando-lhe seu aluguel e ao tempo q entrei nelas as tinha seu irmão António Machado da Maia preparadas com cadeiras e hum bofete seu de que uzei emquanto me não veo o meu fato, isto he o q se passa na verdade pelo juramento do meu officio». O dito juiz foi dado por suspeito. (Autos de suspeições com que veio M.el Pxt.^o de Carv.^o ao Dr. Juiz de Fora, doc. 3). O doc.^o 4 constitue os Autos de Intimidação de

Contente, recebe de sua mulher mais uma filha: Dona Catarina, nascida na casa da rua de Santa Maria a 10.9.1634¹⁷⁸, a primeira Peixoto a nascer depois do regresso do Oriente. A 9.12.1639 justifica mais uma vez ser «o legítimo sucessor do Morgadio dos Peixotos que instituiu Gonçalo Gonçalves Peixoto e como é do dito Morgadio donde procedem os verdadei-

Agravo de Pedro Machado da Maja em que lhe he parte M.el Pxt.º de Carv.º, e está ilegível.

Quanto a Beatriz Lopes de Carvalho, acima citada, era filha de Gaspar Lopes da Rocha e de sua mulher Filipa de Carvalho (nota 74). Mandada pelo Rei à Índia lá casou, 1.º com João de Sousa e depois com Pedro Vieira da Maya, q também estava na Índia. Ao regressarem ao Reino instituíram um Morgadio em G.es no Mosteiro de S. Francisco. Não tendo geração, sucedeu-lhes no vínculo um sobrinho do marido, também chamado Pedro Vieira da Maya, que é o referido na causa que agenciava Pedro Machado. Em 1634 demandou a Manuel Peixoto sobre uns dinheiros entregues na Índia (autos entre partes Manuel Peixoto de Carvalho com Pedro Vieira da Maya, doc. n.º 8) e em 1643, por 30\$000 que Manuel Peixoto devia a seu tio falecido (Autos de Labello de Pero Vieira da Maya contra Manuel Peixoto, documento n.º 7). Beatriz Lopes de Carvalho † em G.es a 6.5.1642, com testamento (Livro de notas 12-3-42, Arq. Mun. A. Pimenta). Em vida tinha perdoado a Manuel Peixoto a dívida acima e «mais quatro mil reis para uns pendentes das orelhas» (Escritura da doação e quitação q fez Brites Lopes de Carvalho a M.el Pr.º da Silva seu sobrinho da quantia de 150 mil reis e a M.el Pxt.º de Carv.º também seu sobrinho de 34 mil reis e a seu primo Diogo Lopes de Carvalho de 15 mil reis, a 12.7.1636, doc.º n.º 87).

¹⁷⁷ Com Madalena Peixoto, sua prima, que vivia solteira em Pousada com seu tio Francisco Peixoto de Carvalho, chega a acordo depois de ela o querer demandar «por umas cazas e corte junto a elas e pelo campo que está pegado às casas e arvores que estão ao redor dele e pela Bouça que fica para o poente no canto no dito campo do Palheiro athe ao fim para a fonte que tudo fora emprazada pelo Rev.do P.º Frei Luis de Souza, procurador de M.el Pxt.º nas notas do Tab. Fr.c.º Vaz em Braga a 16.3.1632 e como ao tempo q fizera a dita procuração na povoação de Taná, India, era já casado com sua m.er Dona Inês de Miranda e ela não dera sua outorga, ficara nula, assim como o emprazamento atraz referido. E como os ditos bens faziam parte do Morgado de Pousada e não costumarem estarem emprazados e a May dela Madalena Peixoto estava paga dalgumas benfeitorias que fizera na dita quinta, disse ela Madalena Peixoto, que desistia do dito prazo e dá a posse a Manuel Peixoto. Escritura de Transação quitação e dezestim.t.º entre Manoel Peixoto de Carvalho com Madalena Peixoto, a 19.7.1649 na Quinta de Pousada, doc.º n.º 34 do arq. part. da Casa de Pousada. Madalena Peixoto era f.ª de Inês Gonçalves, (v. nota 78).

¹⁷⁸ Oly.ª N.º 1. Os padrinhos foram Manuel Pereira da Silva e Madalena Peixoto.

ros e mais antigos Peixotos deste Reino, e ser ele o chefe deles por linha masculina»¹⁷⁹.

1.12.1640. Sacode Portugal o jugo castelhano. Penso então que a raça dos Peixotos, o sangue que correu por África, nos Brasís, nos mares, na Índia, nas raias com Espanha, a alma de Pousada, a casa no cimo das rochas, a velha torre derruída, as suas vinhas, as grossas raizes das suas carvalhas, a geada a abençoar-lhe a fartura das terras, tudo rezou. E dos olhos de seu senhor Manuel Peixoto de Carvalho, nascido e criado em Taná, partes da Índia, caíram lágrimas, as mais santas e lindas, a deslizarem alegres pelas faces dum Homem.

Deve Manuel Peixoto «cento e cincoenta mil reis para gastos para as vezes q foi às fronteiras do Minho». «Depois que Sua Mag.de que Deos goarde foy aclamado por nosso Rey e S.nor», lá acode, por muitas vezes, Manuel Peixoto «com sua pessoa e criados à sua custa e dista esta villa da fronteira quinze ou dezoito léguas, gastando nisso mt^a da sua fazenda em rezam de assistir por espaço de m.tos dias na dita fronteira e nas entradas que se fizeram pella terra do Inimigo susten-

¹⁷⁹ «Justificação de M.el Peixoto de Carvalho por donde se mostra ser o legitimo sucessor e possuidor do Morgado dos Peixotos de que he cabeça a quinta de Pousada», a 9/12/1639. (Doc. 208 do arq. part. de Pousada). São testemunhas nesta justificação apresentadas por M.el Pxt.º: «seu tio primo segundo de seu pai Manoel Peixoto da Rocha, Fid. da Casa do Duque de Bragança, F. St.º Officio, ora estante em G.es» (nota 56,) António de Meira Peixoto «seu parente mas não sabe em que grau» (nota 27), seu cunhado e primo Manuel Pereira da Silva, Paulo de Barros de Azeredo «disse que os f.os d'elle e de sua 1.ª m.er são parentes de M.el Pxt.º mas não sabe o grau (nota 51, 3.º parágrafo), André Afonso Peixoto, Salvador Veloso de Araújo, Manuel Machado de Miranda, Capitão Mor de Guimarães, Fid. da C. R., parente de M.el Pxt.º no 4.º grau e por sua m.er D. Jerónima Ferreira de Eça no 3.º (descendem também, ele de Gonçalo Dias Patagana e ela uma geração mais abaixo de João Afonso dos Quintos, nota 74 e 75), os filhos desse casal, Gregório Ferreira de Eça, Fid. da C. R. e Estêvão Ferreira de Eça, abade de Santa Maria de Cossorado, o Reverendo Baltazar de Meira, Arcipreste da Colegiada «seu parente mas não sabe o grau» (nota 27), o Reverendo Rui Gomes Golias e Inácio Machado de Miranda «todos disserão q he verdade o dito supplicante (M.el Pxt.º) ser fidalgo da C. R. Snor e Legitimo sucessor do Morgado de Pousada que he o mais antigo que os Peixotos tem neste Reino q foi instituido por Gonçalo Gonçalves Peixoto no ano de tresentos e dous e da mesma Casa sahirão todos os fidalgos q são Peixotos neste Reino e assy os senhores da Calsada e seus descendentes os Condes de Serzedas, sendo o supplicante chefe dos Peixotos».

tando sua pessoa e os moços das cavalgadas». Não lhe chega o rendimento do Morgadio «para o sustentar conforme a sua qualidade em tempo de paz nem a meio ano quanto mais no tempo da guerra com os dobrados gastos que della resultam», pois o Senhor de Pousada «não tem faltado nem ha de faltar em todas as ocasiões que ordenarem os ministros e superiores na guerra». Em 1643 é nomeado capitão de Infantaria. Lá vai à conquista de Salvatierra. «À sua custa sustenta alguns soldados pobres da sua companhia e nisso e na sustentação propria e de seus criados faz gasto de m.t^a importancia por assistir na dita praça vinte e três dias». Tomam as tropas portuguesas a vila espanhola, repelem com energia os ataques inimigos, desenrolam-se os primeiros anos da guerra da Restauração. Mal pode Manuel Peixoto «remediar parte das suas necessidades e ajudar a sustentar sua pessoa, mulher e filhos que sam já crescidos e quada vez he necessario mais despeza para se sustentarem e tratarem conforme suas qualidades». Retiram-se todos para Pousada sem «ter de Renda o q he mister para gastos ordinários». Agora, vemos o Senhor de Pousada, sem «hua cavalgada em q ande e vem da sua quinta a esta Villa a pé para acudir aos seus negócios»¹⁸⁰.

Em Guimarães, a 29.11.1656, faz-se o «acto de sentimento edemonstrações pello fallesimento dellRey nosso Senhor dom João o coarto que Santo gloria aja». Forma-se o cortejo: «...em hua ala daCaza da Camera com suas Varas negras nas mãos e Capuzes vestidos cõ Carapusas de baeta nas Cabessas», o corregedor, o provedor, o juiz de fora, vereadores, procurador do concelho e escrivão da Camara. Entre eles, Manuel Peixoto de Carvalho, vereador. Logo atraz os «dous misteres da meza tãobem com Varas negras Capuzes e Carapusas; Adiante os Almotageis cõ o meirinho e Alcaide cõ varas negras e Capuzes». Vamos acompanhá-los. Entremos primeiro na Colegiada para assistir às solenes exéquias. Acabadas estas, passemos entre as Companhias, formadas em sentido, com seu capitão

¹⁸⁰ Estes feitos de Manuel Peixoto constam dos «Autos sem principio nem fim em que se mostra demandar Manoel Peixoto de Carvalho, a Pedro de Almeida e Barbosa sobre o Casal de Covas, doc.^o do ano de 1643 do arq. part. de Pousada, onde Manuel Peixoto justifica com os gastos das suas ações e os poucos rendimentos que possui a necessidade que tem em que lhe restituam o Casal de Covas, desmembrado do vínculo. Rende-lhe o morgadio «em quada hum anno Escassadamente cem mil reis».

a fazer «as cortezias requezittas». No meio da praça da Oliveira quebraram-se os escudos com as cerimónias da praxe. Corramos ao Tournal para assistirmos à sua repetição. É tarde. Vamos então, apressadamente, pela «Porta da Villa, Rua Sapaiteira, rua escura e Rua de Santiago acima», ao Terreiro das Freiras. Preparemo-nos para ver o espectáculo do luto por morte d'el Rei dom João IV.

A meio, um estrado, igual ao da Oliveira e ao do Tournal, todo coberto de baeta. É baixo, tem uma escadinha de dois degraus, e «hum escabello» em cima. A ele sobe, como fez nas outras praças, com a vara na mão e capêlo na cabeça, o procurador do concelho. Virado para o povo grita. — «Ouvi, ouvi, ouvi». Agora, no Largo de Santa Clara, quem sobe ao palco é o «vereador terceiro», Manuel Peixoto de Carvalho. Tira o capêlo, esbarreta-se e diz, repetindo as palavras do vereador mais velho «ditas de sima do cavallo»: «— Choray nobres choray povo pello nosso muito Alttº e poderoso Rey Dom João o Coarto q nos governou dezaceis anos com Justª». Cai de joelhos o senhor de Pousada «quebrou o escudo no escabello e se lançou de brusos no escabello dando mostras de sentimento e deixou cair o escudo», logo levantado pelo esbarretado porteiro da câmara «pegando nelle com hum veo de tafeta negro». Arrasta o escudo um cavalo coberto de baeta. Entregam a vara a Manuel Peixoto que volta ao seu lugar. Atenção! que barulho é este? Ministros, officiais, vereadores, toda a camara quebra «as varas e as lansarão por terra». O mesmo fazem os almotaçês, os dois Misteres, o meir'inho e por fim o alcaide. Sem varas, tiram os capelos, cobrem-se com as carapuças, seguem entre alas de tropa «as Lansas com as pontas no chão e Arcabuzes virados às Avestas». Reparemos no luto da maior parte dos soldados «de baeta curta do Avesso» e no dos officiais «com suas bandas negras». Recolhem-se à Câmara. «As caixas se tocarão destemperadas e cubertas todas de Baeta e os sinos se estiverão dobrando durante todo este acto»¹⁸¹. Pela última vez perpassa por estas páginas Manuel Peixoto de Carvalho. Mas só a 4.12.1672 é que fecha os seus olhos em Pou-

¹⁸¹ «Livro da Camera para nelle se escrever os Assentos Acordãos e mais couzas q nella se fizerão e ordenaram deste anno de 1656 para diante» — «Forma em q se dispos osentim.t.º delRey nosso Snr Dom João IV» (A-4-6-7, fls. 22 a 24, Arq. Mun. A. Pimenta), transcrito no «Boletim de Trabalhos Históricos», vol. XXIV, págs. 70 a 73.

sada. Segue-o, a 1.3.1673, sua mulher e sobrinha Dona Inês de Miranda Peixoto. Dobram os sinos. Ambos são sepultados em Guimarães, no convento de Santo António dos Capuchos¹⁸².

Cerca de quarenta anos tem Gonçalo Gomes Peixoto ao receber, por morte do pai, a Casa e o Morgado de Pousada. Já o vimos nestas folhas, muito pequeno, acabado de chegar da Índia um dormir plácido de menino envolto em folhos e rendas; junto a ele, a irmãzita Dona Maria Peixoto, que em Pousada viverá solteira¹⁸³. A 4.2.1651 ressoam os passos de Gonçalo Gomes na paroquial de S. Pedro de Azurém, para, sem banhos e sem impedimento, receber por esposa a Maria de Miranda¹⁸⁴, herdeira, por morte de seus irmãos, de todos os bens de seus pais. Filha de Cristovão Machado Recunado, e de sua mulher e prima a Senhora Beatriz Machado de Miranda, recebe por dote o casal das Quintãs, em Azurém, onde vive, e o da Arruela, em Prazins¹⁸⁵. Por ela, entram para os Peixotos os fóros de Vieira, as quintas de Pousada e Massarico, em S. Romão de Mesãozinho, o casal da Fraga, os de Silveiras e a casa da Rua de St^a Maria, junto ao Priorado¹⁸⁶. Lembremos seus irmãos mortos na Índia e na Guerra da Restauração, sua tia, a infeliz mulher de Salvador Pinto de Mariz¹⁸⁷, desenhemos

¹⁸² M 2 Azurém.

¹⁸³ D. Maria Peixoto que * na Índia ou durante a viagem de seus pais, † solteira em Pousada a 31.3.1673. M 2 Azurém.

¹⁸⁴ M. I. Azurém.

¹⁸⁵ Está nas notas do Tab. Bento da Cruz Lobato (12-3-51), pág. 22 no Arq. Mun. A. Pimenta. Tem este livro as folhas todas desfeitas em baixo, o que torna por vezes impossível a sua leitura.

¹⁸⁶ Isto consta do Mostrador da Casa de Pousada.

¹⁸⁷ Foram seus irmãos: Sebastião Machado † na Índia; Manuel, frade loio; Jerónimo Machado † no Alentejo, na Guerra da Aclamação, e Pedro Machado Coelho da Maya, sucessor a seus Pais (Gayo, Machados, § 16), senhor do casal da Pousada, em Mesãozinho, e da Casa da Rua de Santa Maria, junto ao Priorado, herdada, quando ele morreu, pela irmã. Teve este, pelo menos, dois filhos naturais: João Coelho de Miranda, casado na freguesia de S. Lourenço do Selho, e José Machado de Miranda, morador no Brasil; cada um por sua vez demandou D. Maria de Miranda pela posse destes bens, o que não conseguiram. (Libelo que deu João Coelho de Miranda contra D. Maria de Miranda de Reivindicação de bens», doc.º n.º 2-401 do arq. de Pousada). Quanto aos casais do Assento, em Azurém, Paraíso, na Costa, e Arruela, em Prazins, tinham sido dados em dote ao pai de D. Maria por sua tia paterna Beatriz Machado na altura de seu casamento. (Dote de casamento de Cristovão Machado a 29.5.1610, doc.º n.º 2-401, arq. part. de Pousada). Beatriz Machado era mulher de Salvador

a árvore de seus costados: os Recunados «homens honrrados de Guimarães», as insignias da Ordem de Cristo dos Coelhos, e por seu pai e por sua mãe a linha dos Machados de Miranda a entroncá-la nas melhores linhagens ¹⁸⁸.

Com Gonçalo Gomes Peixoto e sua mulher vamos até à rua de Santa Maria onde lhes nascem os filhos: Dona Beatriz, baptizada a 4.2.1652; Manuel a 19.2.1654, logo falecido; outro Manuel, sucessor da Casa, a 15.11.1656 ¹⁸⁹. Aí assistiremos ao vendaval que desaba: Gonçalo Gomes Peixoto, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real ¹⁹⁰, é réu no juízo de Guimarães «por certa quanthia de dinheiros e juros d'elle que deve a seu pai por uns assinados». Inflexível, a 6.6.1669, obtém o pai sentença contra o filho e põe-lhe penhora nos frutos dos casais da Quintã e

Pinto de Mariz, escrivão da Correcção e «estando debaixo do pátrio poder do dito seu marido por ele tinha sido muitas vezes induzida a que renunciasse nelle e lhe fizesse doação de seus casais e por ela não querer lhe dava muito má vida e uzava muito diferentemente do que uzavão os homens honrrados com mulheres de sua qualidade, chegando a extremos muito grandes, com os quais ela receara chegar ao da morte, e por ele seu marido ser homem muito costumaz e pouco temente a Deus e executivo de suas mãos e prepósitos e juntamente com as importunações de tantos tempos forçada e obrigada com os ditos medos e contra a sua vontade», doara-lhe a 25.6.1594 os seus bens. De nada lhe valera, «privara-a da sua liberdade em todo o tempo que rezidiu nesta villa por não consentir que ella comunique com seus parentes nem parentas nem amigas assaquando-lhe muitas cousas que nella não há contra sua honrra e de muita infamia». Renegou Beatriz Machado esta doação a 18.8.1602, pois «as fizera forçada pelo dito seu marido com medo das sevicias e crueldades hirem por diante e crescimento como elle fazia vendo se por essa via o podia persuadir a lhe dar melhor vida e tratamento, e por outrossim ser mulher fraca, e se ver só em seu poder sem poder comunicar...» (Escritura da reclamação que fez Beatriz Machado do Casal do Assento e da Quinta do Paraíso». Doc. n.º 12-257 do arq. part. de Pousada).

¹⁸⁸ Seu bisavô paterno «foi hum homem honrrado de Guimarães» in «*Pedatura Lusitana*», Recunados, vol. VI, 2.ª parte, pág. 239. A bisavó era f.ª de Diogo Machado da Maya. O avô paterno foi Mateus Machado Recunado, x em Braga com Margarida Pacheco e que entre outros f.ºs tiv. a Cristóvão Machado Recunado, pai de D. Maria. A mãe, Brites Machado de Miranda, era filha de Pedro Coelho de Sousa, Cav.º na Ordem de Cristo, senhor do Morgado de Mouriz, e de sua mulher Antónia de Miranda de Azevedo; Diogo Machado da Maya era filho de Lopo Machado de Goes, senhor da Quinta de S. Clemente de Sande, de quem também era bisneto Antónia de Miranda de Azevedo. (Gayo, Machados, §§ 1, 2 e 3).

¹⁸⁹ Oliv.ª N 1.

¹⁹⁰ O alvará é de 7.12.1637; in *Mostrador da Casa de Pousada*.

Arruela ¹⁹¹. Em Pousada, a 14.10.1676, «duma ora para as duas da meia noute», morre Gonçalo Gomes Peixoto ¹⁹², senhor da Casa apenas por quatro anos. Logo sua filha, Dona Brites Peixoto, e sua irmã, Dona Catarina Peixoto, moradora em Alvim, freguesia da Costa, apressam-se a doar ao novo senhor de Pousada o que lhes tocava nos direitos que seu pai e irmão tinha nos serviços prestados a Sua Magestade pelo bisavô António Peixoto de Carvalho na longínqua Índia ¹⁹³. Então o vento empurra as núvens, as tormentas e deixa-nos um grande claro, um céu azul muito limpo, uma ligeira aberta, sem factos, sem datas, sem história.

«...no século XVIII, quando os fidalgos construíram uma nova moradia, em frente, ao gosto da época», «com alcovas ao geito seiscentista», «porções de estuque decoradas com filetes dourados», brasão pintado em madeira numa das salas ¹⁹⁴, quem são? o que fazem os Peixotos de Pousada? Faleceu a 15.9.1704 Dona Maria de Miranda ¹⁹⁵. Sozinha, na Rua de Santa Maria, sua filha, Dona Brites Peixoto, senhora por doação da mãe de todos os bens por ela vindos ¹⁹⁶, por sua vez a dar a seu irmão Manuel, pelas muitas obrigações que lhe devia, as quintas

¹⁹¹ «Sñca de m.el peixoto de Carvalho contra seu filho Gl.º Gomes peixoto m.or nesta villa», doc.º n.º 60. Arq. part. de Pousada.

¹⁹² M 2, Azurém.

¹⁹³ Em 1678, na rua de Santa Maria, junto ao Priorado, casas de seu tio Pedro Machado Coelho da Maya, fizeram D. Brites Peixoto e sua tia, D. Catarina, esta escritura. Estes direitos eram pertença de seu pai e irmão Manuel Peixoto de Carvalho, pois nele tinham desistido do que lhes tocava, por doação feita na Índia, António Murzelo e sua mulher D. Ana de Sousa, e D. Francisca Peixoto, filhas e genro de seu pai António Peixoto de Carvalho, a favor de seu irmão e cunhado. «escritura de Doação de serviços feitos nas partes da India a Manoel Peixoto de Carvalho», doc.º 152 do arq. part. de Pousada.

¹⁹⁴ «A Casa dos Peixotos de S. Pedro de Azurém», de José de Moura Machado, págs. 15 e 16.

¹⁹⁵ Foi sepultada em S. Pedro, † em Pousada (Ob 1, Azurém). No arq. part. de Pousada estão os papéis pertencentes ao funeral desta senhora: recibos, despesas com o enterro, bens de alma, etc.

¹⁹⁶ «Escritura de Doação q fez D. M.ª de Miranda a sua f.ª Dona Brites de Carvalho», feita a 17.2.1695, doc.º n.º 164 do arq. part. de Pousada. D. Brites tomou posse das casas da Rua de Santa Maria, dos casais do Assento, em Azurém, e da Pousada, em S. Romão de Mesão-frio, por um seu procurador a 4.9.1704, e do Casal do Paraíso, ao qual havia embargos «Posses q tomou D. Brites de Carvalho», doc.º n.º 5-176.

JOÃO GONÇALO FRANCISCO DE BORJA PACHECO PEREIRA DE SOUSA PEIXOTO DE CARVALHO, Suc. F. C. R., M. F. C. R., Bach. em direito, x c. g. 1856-1947

JOÃO PACHECO PEREIRA, Suc. F. C. R. Com or O de X^o e da Conceição 1827

sua prima co-irmã

D. MARIA ANGELINA PEREIRA DA SILVA DE SOUSA E MENEZES 1829-1910

JOÃO PACHECO PEREIRA DE SOUSA PEIXOTO DE CARVALHO, Suc. a seu Pai e sua tia mat F. C. R. Cap. dos Voluntários Realistas 1801-31

D. MARGARIDA TELLES DA SYLVA

GONÇALO PEREIRA DA SILVA DE SOUSA E MENEZES, Suc. I.^o Conde de Bertandos, Par do Reino, Gov. Civil de Braga

A Condessa
D. TERESA TELLES DA SYLVA

PEDRO PACHECO PEREIRA Suc. F. C. R., Ten.te Coronel de Milicias 1777-1824

D. MARIANA RITA DE SOUSA PEIXOTO DE CARVALHO 1773-1803

FERNANDO TELLES DA SYLVA CAMINHA E MENEZES, Suc. 3.^o Marquês de Penalva 7.^o Conde de Tarouca -1818

A Marquiza
D. JOANA DE ALMEIDA

DAMIÃO PEREIRA DA SILVA DE SOUSA E MENEZES Suc. M. R. F. C.

sua prima
D. MARIA ANGELINA SENHORINHA JOSÉ JUSTA PEREIRA FORJAZ DE EÇA MONTENEGRO Herd.

FERNANDO TELLES DA SYLVA CAMINHA E MENEZES (acima)

D. JOANA DE ALMEIDA (acima)

IOÃO PACHECO PEREIRA F. C. R., Cav. de X.^o Juiz de Alfândega do Porto
D. ISABEL JOANA PAMPLONA RANGEL -1815

JOSÉ FILIPE DE SOUSA DE CARVALHO Suc. F. C. R. 1753-99

D. MARIA LUISA PEIXOTO DE CARVALHO Herd.^a 1753-83

MANUEL TELLES DA SYLVA, Suc. 6.^o Conde de Vilar Maior.
sua prima
D. EUGÊNIA DE MENEZES, Herd.^a
2.^a Marquiza de Penalva
6.^a Condessa de Tarouca

D. LUIZ DE ALMEIDA SOARES E PORTUGAL Suc., 2.^o Marquez de Lavradio, 5.^o Conde de Avintes, Vice Rei do Brasil

A Marquiza
D. MARIANA TERESA DA CUNHA

GONÇALO PEREIRA DA SILVA DE SOUSA E MENEZES, Suc. M. F. C. R.
sua prima

D. INÊS LUISA DE LANCASTRE, Herd.^a

D. JOÃO PEREIRA FORJAZ COUTINHO M. F. C. R.

D. CATARINA TERESA FORTUNATA PEREIRA PINTO MONTENEGRO Herd.^a

MANUEL TELES DA SYLVA (acima)

D. EUGÊNIA DE MENEZES (acima)

D. LUIS DE ALMEIDA SOARES E PORTUGAL (acima)

D. MARIANA TERESA DA CUNHA

PEDRO PACHECO PEREIRA F. C. R., Juiz de Alfândega do Porto

D. CLARA JOSEFA MARIA ELDRÉS BELENS

JOÃO ALVARES PAMPLONA CARNEIRO RANGEL F. C. R. Sr. do Morg.^o de Beire
D. MARIA CLARA BALDAIA DE TOVAR E VASCONCELOS, Herd.^a

CAETANO BALTAZAR DE SOUSA DE CARVALHO, F. C. R. Sr. dos Morg.^{os} dos Carvalhos e vinc. da Madre de Deus 1693-1736
D. MARIANA LUISA INÁCIA DE CARVALHO E MENEZES

GONÇALO PEIXOTO DE CARVALHO; F. C. R. Sr. do Morgado de Pousada 1708-63
D. LEONOR MARIA DE MELLO PEREIRA DE SAMPAYO

FERNANDO TELLES DA SYLVA 4.^o Marquês de Alegrete 5.^o Conde de Vilar Maior
sua prima a Marquesa
D. MARIA DE MENEZES

D. ESTEVÃO DE MENEZES FARO E CAMINHA 1.^o Marquês de Penalva, 5.^o Conde de Tarouca
A Marquiza
D. MARGARIDA DE LORENA

D. ANTÔNIO DE ALMEIDA SOARES E PORTUGAL 1.^o Marquês de Lavradio, Conde de Avintes, A Marquiza
D. FRANCISCA DAS CHAGAS MASCARENHAS

MIGUEL CARLOS DA CUNHA E TÁVORA 5.^o Conde de S. Vicente
A Condessa
D. ROSA LEONOR DE ATAÍDE

DAMIÃO PEREIRA DA SILVA DE SOUSA E MENEZES 8.^o Sr. do Morg.^o de Bertandos F. C. R.
sua prima
D. LUISA JOANA DE SOUSA E MENEZES

SEBASTIÃO CORREA DE SÁ M. F. C. R.
D. CLARA DE AMORIM PEREIRA DE BRITO, Sr.^a dos Morg.^{os} Agrela, Pontes e Rua Escuro

D. MIGUEL PEREIRA FORJAZ COUTINHO, Sr. dos Coutos de Freiriz e Penagate, M. F. C. R.
D. ANGELINA JOANA DE LANCASTRE

ANTÔNIO PEREIRA PINTO Sr. do 2.^o Morg.^o de Bertandos
D. ANTÔNIA MARIA DE SOUSA Sr.^a da Casa dos Biscinhos em Braga

FERNANDO TELLES DA SYLVA (acima)

D. MARIA DE MENEZES (acima)

D. ESTEVÃO DE MENEZES FARO E CAMINHA (acima)
D. MARGARIDA DE LORENA (acima)

D. ANTÔNIO DE ALMEIDA SOARES E PORTUGAL (acima)
D. FRANCISCA DAS CHAGAS MASCARENHAS (acima)

MIGUEL CARLOS DA CUNHA E TÁVORA (acima)
D. ROSA LEONOR ATAÍDE (acima)

que possuía em São Pedro ¹⁹⁷. Em Pousada, casa solar de Manuel Peixoto de Carvalho, único varão de Gonçalo Gomes Peixoto, vozes, muitas vozes. Parada, a mergulhar nos longos trinta e tal anos «onde se achou simples de juízo», sua mulher, Dona Luísa Maria de Abreu e Lima, da Casa do Outeiro, em Ponte de Lima ¹⁹⁸. À volta, os filhos: Dona Jacinta Rosa Maria, Dona Maria Benta, Gonçalo Peixoto de Carvalho, Gregório Peixoto de Carvalho, Dona Brites e a lembrança dum pequeno Gonçalo, morto menino ¹⁹⁹. Também se encontram os bastardos de Manuel Peixoto: o Padre Francisco Peixoto de Carvalho, legitimado em 1701, e sua irmã, Jerónima Peixoto ²⁰⁰. Acolá, onde estarão escondidas? «a sentença do livramento crime de Gonçalo Peixoto de Carvalho» e as inquirições para o mesmo poder ser frade de São Francisco ²⁰¹. Mais clara e nítida a

¹⁹⁷ «Doação q fez Dona Brites de Carvalho em seu Irmão M. el Peixoto de Carvalho da sua quinta na freg.^a de Sam P.^o de Azurei», a 13.2.1704, nas notas do Tab. Braz Lopes (13-2-55), pág. 42 v.^o Arq. Mun. A. Pimenta. Dona Brites † solteira, em Pousada, a 18.11.1728 (O. 1, Azurém).

¹⁹⁸ D. Luísa Maria de Abreu Lima fez a escritura de seu dote em Braga, nas notas do Tab. Manuel de Faria, a 6.2.1702; dota-lhe o noivo, Manuel Peixoto de Carvalho, 600\$000 para ela se meter freira no caso de ficar viúva sem f.os. «Escritura quando casei feita em Braga», doc.^o n.^o 48 do arq. part. de Pousada. Era filha de António de Abreu Lima, Moço-Fid. da C. R., mior na sua quinta do Vivar, em Souto, comarca de Viana, senhor da casa de Anquião, Ponte de Lima, e de sua mulher D. Antónia de Mello Pereira de Sampayo, neta materna de João Gomes de Abreu, Fid. da C. R., senhor da Casa da Anquião, e de sua primeira mulher Joana Pimenta, neta materna de Paulo de Mello Pereira de Sampayo, senhor da Casa do Paço de Pombeiro, e de sua mulher D. Francisca de Almeida Jácome. A carta do formal de partilhas dos pais de D. Luísa existe no arq. de Pousada; é o n.^o 315. Sobre a doença de D. Luísa, a referência que temos é do seu assento de óbito.

¹⁹⁹ Gonçalo, b. a 23.4.1703 (M 2 Olv.^o) † m.; D. Jacinta Rosa Maria, * em Pousada, foi B. a 18.3.1704; D. Maria Benta, a 15.7.1705; Gonçalo Peixoto de Carvalho, * a 10.1.1709; Gregório Peixoto de Carvalho, * a 21.11.1710, e D. Brites, a 29.5.1714. M 2 Azurém e N 1 Azurém.

²⁰⁰ No Catálogo dos Pergaminhos de Pousada, sob o n.^o 17 vem: «Carta d'El Rei D. Pedro, dada em Lisboa a 11 de junho de 1701, confirmando a legitimação de Francisco Peixoto de Carvalho, feita por seu pai Manuel Peixoto de Carvalho, que o tivera de Ana, solteira, de S. João de Pencelo, a 16 de Abril do mesmo ano». Sua mãe chamava-se Ana de Revoreda; desconheço se Jerónima teria a mesma mãe.

²⁰¹ No arq. part. da Casa de Pousada há um catálogo manuscrito onde se citam muitos documentos existentes no arquivo e alguns que não encontrei. Tanto a sentença do livramento crime como as inquirições não se acham entre os mais documentos.

citação dos padres do Real Mosteiro de Pombeiro contra Manuel Peixoto de Carvalho: a 18.7.1724 vai seu filho, o Padre Francisco, a Pombeiro, tratar dos quatro mil reis anuais que deve como administrador da capela de Nossa Senhora da Piedade ²⁰². Depois, as partilhas por óbito de Manuel Peixoto, em 1731 ²⁰³. Finalmente, o sopro da morte a arrebatá-los. Um a um, entre 1744 e 1774, todos partem para Deus ²⁰⁴. O único a casar e a ter descendência é Gonçalo Peixoto de Carvalho, senhor de Pousada, ao morrer o pai.

Terras dos Peixotos, campos, matos, águas... Quem te viu Rio Herdeiro correr entre o Selho e o norte da vila, folgazão, a receber na tua alegre correria de menino, todos os ribeirinhos que a ti vinham? Saltitavas entre campos, desde o berço «afastado desta vila dous tiros de mosquete», na Fonte do Bom Nome, no casal de Entre Vinhas, em Azurém, cantavas nas brancas pedras, sorrias a refrescar os campos. Quem te viu voar, levezinho, pelos prados, no inverno a crescer, a ficar «tão poderoso que para não impedir a passagem de quem quizer ir para Braga se lhe fez por cima uma ponte, a de Santa Luzia, cerca da devota ermida» ²⁰⁵? Quem seguiu o teu brincar pela

²⁰² «Titulo do Reconhecimento q fez Francisco Peixoto de Carvalho procurador de Manuel Peixoto de Carvalho, administrador da Capela de Nossa Senhora da Piedade deste Convento», doc.º n.º 305, arq. part. da Casa de Pousada.

²⁰³ Não encontrei o assento de óbito de Manuel Peixoto de Carvalho. Os filhos legítimos que ficaram por sua morte: D. Jacinta Maria, de 28 anos, D. Maria Benta, de 26, Gonçalo, de 22, e Gregório, de 21, fazem as partilhas a 18.3.1731. D. Brites não é mencionada, naturalmente por ser menor. «Carta de partilhas p.ª os filhos q ficarão de M.el Pxt.º de Carv.º, Fidalgo da Casa de Sua Mg.de de que lhe toca da sua Legitimax», doc. n.º 162 do arq. part. da Casa de Pousada.

²⁰⁴ Faleceram: a 29.11.1744, o P.º Francisco Peixoto de Carvalho, sep.º na Colegiada; a 11.2.1755 e «Dum acidente de puplexia», Gregório Peixoto de Carvalho, sep.º em S. Francisco; a 14.3.1755 D. Jacinta Maria, sep.º em Azurém; a 4.3.1758 D. Luísa Maria de Abreu e Lima, também sepultada em Azurém; a 3.9.1762 Jerónima Peixoto, filha bastarda de Manuel Peixoto de Carv.º; a 4.3.1765 D. Maria Benta (todos no O. 1. Azurém) e a 10.6.1774 D. Brites Peixoto de Carvalho (O. 2. Azurém), todos em Pousada.

²⁰⁵ «Memórias Resuscitadas da Antiga Guimarães», do P.º Torcato Peixoto de Azevedo, Cap. 139, Do Rio Herdeiro, pág. 498. Nasce este rio em Azurém, no casal de Entre as Vinhas; ao passar pela Burnaria chamam-lhe rio dos Castanheiros. Das Quintãs segue até à ponte de Santa Luzia, recebendo alguns regatos no seu curso. Aí por exigências da urba-

vila de Guimarães até dares vida ao Selhinho, junto à capela de S. Lázaro? Rio Herdeiro, rio menino, hoje um fio seco, «ponte sem rio», assassinado pelos homens, prédios construídos em cima do seu leito, charco lamacento da miséria das gentes. Banhava esse riacho, morto sem uma lágrima de saudade a engrossar-lhe as águas, terras na freguesia de Azurém. Ainda entra pelos dois casais da Burnaria, ainda passa pelos dois casais das Quintãs. Um deles era de Gonçalo Peixoto de Carvalho. Dos Lavadouros de Cima ia para a Lameira do mortório, pertencas dos Senhores da Casa do Cano, Gaspar Leite de Azevedo Vieira Carvalhaes e Vale, Mestre de Campo de Infantaria, e de sua mulher Dona Leonor Maria de Távora Menezes e Aragão, terra inculta onde brotam ervas, «pella umidade e agoa que em sy produz». Daí para baixo todo o rio era aproveitado por Gonçalo Peixoto e pelos senhores das outras três quintas. Manda Gaspar Leite «huns homens cavar a d.^a terra ou Lameyro do Mortório cortando a prumo toda a terra q de tempo imomerial se achava sua tentando o dito Rego, deixando a dita terra mais baixa em p.te dous palmos, em p.te três, em p.te quatro, em p.te cinco...». As terras das Burnarias e das Quintãs «não estando como estiveram sempre, quaisquer bichos ou Toupeiras lhas furão por ser muito brandas a terra, por ficar lameirenta». Começa a 28.6.1745 o longo processo; arrasta-se até 6.5.1762. Dum lado, como autores, o Senhor de Pousada e mais consócios; doutro, como réus, os Senhores do Cano. Nem com a morte de Joaquim Leite pára este libelo; continúa com seu filho e sucessor²⁰⁶. E o Rio Herdeiro, veloz, ligeirinho, saltitava contente entre brancas pedras e areias...

É na igreja de S. Sebastião, a 26.5.1750, que Gonçalo Peixoto de Carvalho, Fidalgo Cavaleiro de Sua Magestade, Senhor de Pousada, recebe por esposa a Dona Leonor Maria de Mello Pereira de Sampayo, «veuba que ficou de João de Freitas Castro,

nização e para se construírem prédios sobre o seu leito, encanaram o pobre rio. Contorna, quase desapercibido, a cidade, ao chegar à capela de S. Lázaro, junta-se com o rio da vila (também conhecido por rio de Couros). Ambos, debaixo do nome de Selhinho, sujos do muito lixo e resíduos que recebem, atravessam o vale de Creixomil e desaguam no Rio Selho, no lugar do Reboto, Candoso.

²⁰⁶ «Libelo de Bens de Raiz de Gonçalo Peixoto de Carvalho e outros com Gaspar Leite de Azevedo». Começa o processo a 28.6.1745, vai até 1762, Arq. part. da Casa de Pousada.

Fid. da C. R.»²⁰⁷, nascida em Ponte de Lima, na Casa do Saba-dão, a 1.4.1709, filha de João de Mello Pereira de Sampayo, Senhor e Morgado de Pombeiro de Riba Vizela, e de sua mulher Dona Ana Maria de Sousa e Castro, Senhora da Casa do Saba-dão. Seis filhos tem a noiva do seu primeiro casamento, tendo já dezanove anos o mais velho²⁰⁸. Dois filhos dará a seu segundo marido: Manuel Peixoto, logo falecido, e Dona Maria Luísa, herdeira de Pousada²⁰⁹.

²⁰⁷ C. I. S. Sebastião. A noiva era filha de João de Mello Pereira de Sampayo, senhor da Casa e Paço de Pombeiro, Moço Fidalgo da C. R., e de sua mulher D. Ana Maria de Sousa e Castro, neta pat. de Paulo de Mello Pereira de Sampayo, senhor do Paço de Pombeiro, Moço Fidalgo, e de sua mulher D. Francisca de Almeida Jácome (pais da avó mat. do noivo); neta mat. de Gaspar de Goes e Castro, Mestre de Campo e Governador de Castro Laboreiro, e de sua mulher e prima D. Ventura da Costa Calheiros. As testemunhas deste matrimónio foram o cônego de S. João Evangelista, João de S. Bernardo Teixeira, tio do primeiro marido da noiva; Cipriano de Abreu e Lima, «escudeiro da noiva»; Manuel de Abreu, ferrador, e António de Melo, alfaiate. O primeiro marido de D. Leonor Maria foi João de Freitas Castro, Fidalgo da Casa Real, Sr. do Morgadio de Nossa Senhora do Ó, em Guimarães, e da Casa de Subribas em S. Paio de Vizela, bap. no Rio de Janeiro, freguesia de Nossa Senhora da Candelária, a 27.8.1704, filho de Rodrigo de Freitas Castro, senhor da Casa de Subribas, e de sua mulher D. Petronilha Fagundes de Meneses, natural do Rio de Janeiro, neto pat. de Bernardo de Freitas de Carvalho e de sua mulher Joana de Carvalho Teixeira, neto materno de Manuel Teles Barreto, natural do Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Isabel Fagundes, natural da mesma cidade, senhora do Engenho da Lagoa, que hoje, integrada na cidade do Rio de Janeiro, é conhecida por Lagoa Rodrigo de Freitas, nome de seu genro. V. «Primeiras Famílias do Rio de Janeiro», de Carlos G. Rheingantz, — Fagundes e Muniz. —

²⁰⁸ Foram eles: Rodrigo António de Freitas Castro e Mello, suc. a seu pai, * em S. Paio de Vizela, na Casa de Subribas, a 22.7.1731, x com sua prima D. Josefa Margarida de Melo e Meneses, dos Morgados de Sezim c. g. (herdeira foi sua filha D. Ana Maria Leonor de Freitas de Melo e Castro, citada na «Casa de Caneiros», freguesia de Fermentões, p. 37), D. Maria, * a 5.8.1734, António José, * a 20.6.1735, D. Antónia, * a 28.11.1736, Francisco, a 1.3.1738 e João de Freitas de Melo e Castro x com D. Catarina Luísa Coelho da Mota e Vasconcelos (v. «Casa do Paço», freguesia de Creixomil) c. g.

²⁰⁹ D. Maria Luísa, que no Costado 86 das «Árvores de Costado das Famílias Nobres» de Barbosa Canaes e Figueiredo Castelo Branco vem como D. Maria das Neves, erro repetido por alguns genealogistas, * na Rua de Santa Maria, na casa dos Peixotos, junto ao Priorado, a 10.6.1753 e foi baptizada a 25. Foram padrinhos, seu tio, Paulo Luís de Mello Pereira de Sampayo, e Nossa Senhora da Oliveira. N. 7. Oliv.ª.

Dorme-se no castelo de Pousada o sono pesado como a terra lavrada de sol a sol, aquecido pelas mantas das lãs das ovelhas, protegido pelo enorme poder de Deus a velar por todos — dos passarinhos às estrelas. Aí vivem os caseiros. Entremos na casa em frente, a dos senhores, agora quase sempre em Guimarães. Está escuro. Cheguemos aqui uma luz. Entre as caixas, um grande guarda-roupa. Num quarto um «leyto de pao preto». Em cada alcova «dois catres de castanho velhos». Entremos na sala. Cuidado! Mais luz, senão esbarramos! Dois contadores de pau preto com seus pés, «um bufete», também em pau preto, com gavetas, outro sem elas. Encostadas à parede, solenes, «dez cadeiras e hum tamborete de sola lavrada com pregos em dourado». Na cozinha, a trempe grande de ferro, borralho já frio em baixo, o faíscar da grande caldeira de cobre, o baú velho a cheirar a mofo. As bacias quietas e sem préstimo, a ferrugem na sertã velha, as dúzias de pratos de estanho, o «almofariz com sua mão». Além, entre os cobertores de papa já usados, uma coberta «de damasco carmezim com sua franja e rotas as suas franjas torradas de nobreza azul». Varas de toalhas, de guardanapos, lençóis de renda fina, dois travesseiros. Abrimos as arcas: varas e varas de pano de linho a cheirar aos campos, varas e varas de forte estopa a cantar a terra e, a esvoaçar, ao ar que entra, a «saia de primavera azul com ramos brancos». Para ver os móveis bons, as pratas, as jóias, iremos até à casa da Rua de Santa Maria ²¹⁰. Aqui, em Pousada, dançam,

²¹⁰ Destacamos das peças do mobiliário da casa da Rua de Santa-Maria: 1 dúzia de cadeiras de estrado com almofadas de damasco carmezim, avaliadas em 72\$000, 6 tamborettes, também de estrado e almofadados, av.s em 30\$000, 1 «bofete de pao preto com 4 gavetas», av.º em 2\$000, outro da mesma madeira todo coberto, 1 contador pequeno também em pau preto, 1 papeleira de castanho, 1 catre «de pao argelim», outro velho em pau preto, 2 alcatifas, 1 guarda roupa grande, 1 «dancheiro velho de castanho», 1 meza redonda, 1 dúzia de cadeiras de estrado «q serão de palhinha e hoje se acham cobertas de brin velho» e 6 cadeiras de sala «Labradas». No «Tit.º das pessas de prata», são mencionadas: 1 «vacia coba toda Lavrada por dentro», que peza 29\$500, 1 bandeja de meias canas lisa p. 16\$590, 1 bandeja ou prato comprido lavrado por dentro com bastiais, p. 10\$930, 1 salva lisa com seu pé, p. 18\$060, 2 castiçais pequenos, lisos, p. 11\$700, 1 salva de palhas à roda com seu pé, p. 18\$720, 1 prato com seu pé, dourado por dentro com suas figuras, p. 7\$595, 1 gomit dourado em algumas partes, p. 22\$600, 1 saleiro, p. 6\$300, 1 garfo de trinchar p. 4\$200, 1 duzia de colheres e outra de garfos, p. 14\$750, 1 «dipeadam dourado e mais hu cartão de... angolla de prata labrado», p. 7\$435.

à luz do velho candeeiro de latão, as sombras dos móveis que ficaram ²¹¹, as lembranças fugídias dos Peixotos, a iluminarem, a fugirem entre os quartos e salas.

Para Deus parte, em 1763, Gonçalo Peixoto de Carvalho, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, morador que foi na Rua de Santa Maria ²¹², Senhor de Pousada. Juntam-se as Comunidades de S. Francisco, de S. Domingos, da Coraria para o enterro do fidalgo. Encarrega-se da música o Mestre da Capela, P.^o Manuel José Ramalho. Arma o carpinteiro os «tabolados e a hecia para o corpo presente», outro faz o caixão. Põe o oficial do Cabido os bancos para o officio de corpo presente. Forra-se o caixão com «oito cobados de nobreza preta», enfeitam-no cinco varas de galão amarelo e nove côvados de tafetá preto, leva «uma quarta de alfinetes para pregar as partes». Jaz Gonçalo Peixoto, vestido com um hábito de setim branco. Com tintas, pintam-lhe o lençol para embrulhar o corpo. Derrete a cera para as velas, abre-lhe o coveiro a cova fora das grades do altar do Santíssimo Sacramento da Colegiada. Despejam-lhe por cima um almude de vinagre e um alqueire de cal. Já partiram os correios com a triste nova. Rezam-se missas, muitas missas, a anunciarem, no meio da dor, a Fé e a Esperança na vida Eterna. Dão tristemente sinais os sinos, e os «vinte cobados de baeta baixa comprados no mercador Manuel de Castro» cobrem aqui e além as armas dos Peixotos ²¹³. Com a morte de Gonçalo Peixoto, que-

No «Tit.^o de pessão de ouro» temos: 11 fulrão de diamantes assentado em prata, p. 170\$000, 1 fita de diamantes assentada em prata, p. 70\$000, 1 par de brincos e laço de diamantes assentados em prata, p. 9\$600, 1 «replique» de ouro com seus diamantes, p. 7\$280 e 1 par de brincos com seus diamantes e «penduras de ouro», p. 6\$000. Curioso é também o rol dos vestidos: 11 de «camelão q foi do defunto, branco no assento com vestia de setim carmezim», 11 de «limeste preto», 1 de seda cor de pérola, um de melania de seda branca com seus matizes de pregas tortas e um inglês de chita. Encontravam-se na cocheira: 1 liteira velha já quebrada, 1 «pacabote com as rodas quebradas», q. valia 20\$000, 1 parelha de velhos machos sendo um cego dum olho e 1 rocim galego. Neste rol só entram dois escravos: 1 preto e 1 mulata, doentes, valiam 60\$000. V. nota 215.

²¹¹ Nota 211.

²¹² Foi a 12.1.1763 «e do matrimónio lhe ficou uma filha e tem um filho ilegítimo, o testamento acha-se na nota geral desta villa», Olv.^a O. 3.

²¹³ «Despeza do dia do bitus e corpo presente que se fez com o marido da inventariante», v. nota 215. Além dos gastos citados no texto há mais: o dos «floribulos», o dinheiro para as várias comunidades (sinais, capas, acólitos, etc.), as varas, os sapatos do defunto que custaram 480 rs. Soma tudo, despesa completa do funeral de Gonçalo Peixoto: 72\$320.

bra-se uma antiga varonia, acaba uma nobre raça. A não ser que, ao longo dos séculos, pelas aldeias, pelos Brasis, pela Índia, por alguma das suas muitas bastardias, por um ramo mais humilde e por estudar, o sangue destes Peixotos continue a correr, «de varão em varão sem quebra alguma».

Tem dez anos a única filha de Gonçalo Peixoto de Carvalho. «É das pessoas mais distintas da provincia», orgulha-se sua mãe, ao pedir para a filha uma pensão «para seu decente tratamento criados e criadas, vestir e obrigação de alimentar seu irmão Gonçalo Manuel Peixoto²¹⁴», arbitram-lhe os juizes 200\$000 mil reis anuais. Peza no seu mundo de bonecas e sonhos, já carregados de saudades, a herança duma grande Casa, a esperança duma velha linhagem. Pede também sua mãe licença para a casar com seu primo José Filipe de Sousa Carvalho, «por ser muito conveniente este casamento»²¹⁵. Num canto, esquecidos, o caderno dos primeiros desenhos, as pétalas das flores para um jantarinho, o deslumbramento da menina que brinca.

Um sorriso aberto de rapazito, criado na gravidade de velhos mestres, no respeito e disciplina. O futuro noivo, José Filipe de Sousa de Carvalho, também com os dez anos já feitos²¹⁶ e, desde os três, senhor, por morte de seu pai, Caetano

²¹⁴ Tirando o testamento do Pai e esta referência, nada mais sei deste filho natural de Gonçalo Peixoto.

²¹⁵ «Sertidão do Inventr.º que se fes por falecimento de Gonçalo Peixoto de Carvalho, a pedido de José Felipe de Souza de Carvalho, genro do falecido», Inv.º feito a 9.2.1763 perante o escrivão Francisco José Teixeira do Vale como procurador de Dona Leonor Maria de Mello Pereira de Sampayo, viúva de Gonçalo Peixoto de Carvalho, Fid. da Casa de S. Mag.de, m.or que foi na Rua de St.ª Maria, dizendo que «em nome dela queria dar principio ao inventário de seu marido por lhe ficar hua filha menor Dona Maria Luiza Peixoto de hidade de des annos pouco mais ou menos». Doc.º n.º 10, do arq. part., de Pousada, subscripto por André da Silva, escrivão dos orfãos. Além dos títulos já citados: Bens móveis da casa da Rua de Santa Maria e da quinta de Pousada, tit.º das peças de ouro e prata e das despesas do dia do enterro, tem mais este documento a relação de todos os bens móveis nas diversas quintas e propriedades que tinham, o rol do pão e vinho que se achou em ser quando faleceu o defunto, as benfeitorias feitas nos vários bens, as dívidas que se devem ao casal, as dívidas que se estavam devendo quando o defunto faleceu (somam 2.368\$000) e a petição de D. Leonor Maria para a pensão e licença para casar a filha órfã.

²¹⁶ Nasceu na Casa do Terreiro das Freiras (Morgado dos Carvalhos) e foi b. a 22.4.1753 no oratório da Casa. Os padrinhos foram Dom Gregório de Noronha e Nossa Senhora da Madre de Deus, N. 7 Oliv.ª.

Baltazar de Sousa de Carvalho, do Morgadio dos Carvalhos, do vínculo da Senhora da Madre de Deus, da alcaidaria-mor de Vila Pouca de Aguiar ²¹⁷. Casam, por procuração a 4.9.1769 na

²¹⁷ V. notas 157, 158, 167 e 171. António Peixoto de Carvalho, que aos 5 anos veio da Índia com sua mãe, filho de D. Maria Peixoto de Carvalho e de seu 1.º marido Manuel de Miranda de Azevedo, x na Colegiada da Senhora da Oliveira a 16.5.1651 com D. Leonor de Miranda, filha de David de Miranda de Azevedo (M 2 Oliv.^a). Não tiveram geração. A 28.11.1651 «disse que demandara sua mãe por alimentos presentes e futuros pellos quais tinha intentado uma acção no Porto, para obrigar Manuel Pereira da Sylva seu padraсто a dar contas do que tinha empregado em bens q avião de andar avincullados no morgado dos Carvalhos». Chegaram a um acordo: desiste do processo e sua mãe cede-lhe, como já uma vez tinha feito, os direitos do morgadio e obriga-se a entregar-lhe 80\$000 anuais, e o padraсто a pagar as custas do processo. António Peixoto de Carvalho compromete-se a entregar a sua meia-irmã D. Isabel (única filha do 2.º matrimónio da mãe, * em Guimarães a 26.11.1634, Oliv.^a N 1) cem mil réis anualmente, nos 16 anos que se seguirem à morte da mãe. («Contrato de transação e amigavel composição de Manoel pr.^a da Sylva com António Peixoto de Carv.^o», L.º 12-4-17, Tab. Dos da Cunha). D. Maria Peixoto de Carvalho † no Terreiro das Freiras a 13.6.1675; sucedendo-lhe seu f.º António Peixoto de Carvalho, † logo a seguir, «estando 3 dias sem juizo», a 18.5.1676, sem test.º Sua m.er, D. Leonor de Miranda, † a 11.9.1677 (tudo Oliv.^a O 1). Ant.º Peixot.º nomeou o morgadio em seu sobrinho José, filho de sua meia-irmã D. Isabel, com pre-juizo dos filhos de sua irmã inteira D. Inês de Miranda Peixoto, os Peixotos de Pousada. O outro filho de D. Inês, Gonçalo de Sousa, tinha tomado o estado de religioso.

D. Isabel Peixoto de Carvalho (filha de M.el Pr.^a da Sylva e de D. M.^a Px.to de Carvalho), x em casa de seus pais, a 28.4.1657, com Baltazar de Sousa, alcaide-mor de Vila Pouca de Aguiar. Tiv.: José de Sousa de Carvalho, que sucedeu ao tio no Morgado dos Carvalhos, e em que o avô, M.el Pr.^a da Sylva, em 1664, nomeia a fortaleza de Diu «porque S. M. que Deos goarde lhe tinha feito mercê da fortaleza de Diu e dera licença para a poder nomear num dos seus netos, assim o faz, por ter 80 anos e não estar em estado de servir a dita fortaleza». Notas do Tab. Bento Lobato da Cruz (12.2.57). Em 1674 faz-lhe o tio dote para casar com D. Serafina, filha de João Pinheiro, Infanção, homem muito rico, e de sua mulher, Catarina Ferreira (12-3-63); João de Sousa † moço; Filipe de Sousa de Carvalho, que segue, e D. Catarina * a 22.7.1661. — Filipe de Sousa de Carvalho, com quem seguimos, Alcaide Mor de Vila Pouca de Aguiar, Fid. da C. R., Brig.º dos Reais Exércitos, x na Igreja de S. Miguel do Castelo em G.es a 18.3.1685 (M. 1 Cast.º) com sua prima D. Jerónima Ferreira de Eça, filha de João Machado de Eça e de sua mulher D. Inês Maria de Alarcão. Tiv.: D. Violante, freira; Baltazar * a 30.4.1687 (Olv.^a N 3); João, a 24.8.1688 (M 1 Cast.º); Bento, a 3.12.1689 (M 1 Cast.º); D. Inês de Alarcão x com António de Barros de Almeida, Morgado do Real, s. g.; D. Isabel Cecília de Sousa

Colegiada da Senhora da Olive'ra. Representa a esposada seu meio irmão Rodrigo de Freitas de Mello e Castro, e é seu primo direito João de Mello Pereira de Sampayo o procurador do noivo ²¹⁸. É um rapaz? Não, a primeira é uma menina: Dona Maria Leonor Mariana de Souza Peixoto de Carvalho,

Pereira de Carvalho, * a 8.12.1691 (M 1 Cast.), x com Francisco de Barros de Almeida, irmão de seu cunhado, Fid. da C. R., sr. do vínculo da Ribeira de Litem, e por morte do irmão, senhor do Morgado do Real, c. g. (Barba Alardo de Lancastre e Barros, Viscondes do Amparo; Albuquerque do Amaral Cardoso Barba, senhores da Casa do Arco, em Viseu; Condes de Avilez; Viscondes do Reguengo; Avilez Ferreira Pinto Basto; Condes das Galveias; Cunha e Meneses; Silva Araújo; Viscondes de Castelo Branco; Fonseca Ribeiro; Quevedo Pessanha; Laboreiro Vila-Lobos; Viscondes de Tavira; Queirós Vasconcelos Coimbra Camanho, senhores da Casa dos Coimbras, em Braga; Viscondes de Maiorca; Barões da Torre de Vila Cova da Lixa; Condes de Alentem; Pereira Leites; Farias e Lancastre; Garcez de Lancastre; Barões de Ancede; Senhores da Casa de Cabanelas; Lencastres Teixeira de Vasconcelos; Lencastres da Veiga; Viscondes de Vilarinho de S. Romão; Abreus Lima, da Casa do Outeiro, etc., etc.), Caetano Baltazar de Sousa de Carvalho, que segue, José de Sousa de Carvalho, abade, sem cura, da freguesia de Cambeses, * a 22.7.1694 (M 1 Cast.), Fr. Manuel de Guimarães, * a 31.1.1698 (Olv.^a N 1), P.^o António, Loio, * a 27.7.1699 e o cónego João Machado de Eça, Inquisidor do Santo Officio, * a 5.9.1703 (M 1 Cast.). — Caetano Baltazar de Sousa de Carvalho, suc. a seu pai, Fid. da C. R., Mestre de Campo de Infantaria, Alcaide Mor de Vila Pouca de Aguiar, Cav.^o Prof. na O. de Cristo, Familiar do St.^o Off.^o, Sr. do Morgado dos Carvalhos, capela de N. Sr.^a da Madre de Deus e do Reguengo das Cartas da Covilhã, * a 22.2.1693 (M 1 Cast.), † em Braga a 28.3.1756, sep.^o em S. Francisco em Guimarães, x com D. Mariana Luísa Inácia de Carvalho e Menezes, filha de Tadeu Luis António Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões, sr. de Abadim e Negrelos (V. «Casa do Paço», Creixomil) e de sua mulher D. Francisca Rosa de Menezes. Tiv. D. Jerónima Teresa de Carvalho e Menezes, * a 5.10.1749 (Olv N 7), x 15.8.1765 com Francisco Xavier de Alpoim de Silva e Abreu, sr. da Torre da Pousada em Calvelo, Ponte de Lima, e do Morg.^o de St.^a Eugénia com a capela dos Reis na Colegiada de Barcelos, etc. etc. c. g. (Alpoins; Alpoins d'Agorreta, srs. do Paço d'Anha; Soeiro de Amorim; Cerqueira de Alpoim, srs. da Casa da Rede, Mesão Frio; Osórios de Aragão; Monteiros de Azevedo e Vasconcelos; Azevedos Alpoim e Vaconcelos, srs. da Casa do Salgueiral; Costas Mimoso; Rochas Brito, srs. da Torre d'Aguiã; Mimosos Barros Alpoim, da Casa de Carcaveira, Ponte de Lima; Sousas Mendes; Rangeis de Quadros; Rangeis Barba de Menezes; Garridos, da Casa da Bouça; Vales de Sousa e Menezes; Vales Quintela; Teixeiras Coelho, srs. de Sergude e Bonjardim; Viscondes de Negrelos; etc. etc.), Filipe de Sousa * a 15.12.1750 (M 1 Cast.), † m., e José Filipe de Sousa Carvalho, sr. do Morgado dos Carvalhos, citado no texto.

²¹⁸ Olv.^a C 2, pág. 24.

nascida a 27.11.1771 e, por licença especial, baptizada no ano seguinte, com muita pompa, a 12 de Janeiro, no Convento de Santa Clara ²¹⁹. Agora, agora, vem o sucessor da Casa. Esperança logo desfeita ao primeiro vagido de Dona Mariana Rita de Sousa Peixoto de Carvalho, a filha segunda ²²⁰. É desta vez? Outra menina: Dona Ana Maria, levada para Deus em pequenina, nascida a 29.2.1774 ²²¹. O rapaz? Esse não vem, nunca chega a nascer. Na casa da rua de Santa Maria morre, de repente, a 7.1.1783 ²²², Dona Maria Luísa Peixoto de Carvalho; Senhora de Pousada fica sua filha mais velha, Dona Maria Leonor Mariana, com onze anos de idade.

«José Felipe de Sousa de Carvalho, Fidalgo da Casa de Sua Magestade e seu Alcaide Mor de Vila Pouca de Aguiar, Senhor do Morgado dos Carvalhos, como administrador de sua filha Dona Maria Leonor», organiza o cartório da Casa. Manda João Mendes Ribeiro, tabelião de notas, verificar, copiar, catalogar toda a documentação. Deste vasto e paciente trabalho, sem contar os pergaminhos mais antigos, escaparam, até hoje, seis maços, tendo quase todos os papéis, ao lado, o documento original ²²³. Com a Casa cada vez mais mergulhada em dívidas, José Filipe de Sousa de Carvalho, «por precisar e ser muito de seu interesse» canta à sua maneira, guardando os papeis do tempo, a história da sua Raça, a beleza das pedras de Pousada, de que, juntamente com o Morgado dos Carvalhos, fica, por sua morte, a 11.6.1799 ²²⁴, única senhora, sua filha, Dona Maria Leonor Mariana.

Ainda de luto, passado o ano da morte do pai, casa, por procuração, Dona Mariana Rita de Sousa Peixoto de Carvalho,

²¹⁹ Foram padrinhos Dom António de Lancastre, representado pelo tio da baptizada Rodrigo de Freitas de Melo e Castro, e N. Sr.^a da Madre de Deus. Ministrou o sacramento o P.^o José Maria de Melo, capelão de S. A. R. o Senhor Arcebispo de Braga.

²²⁰ Embora na certidão do seu casamento venha como nat. da Oliveira, não encontro o seu assento de baptismo nos livros desta freguesia.

²²¹ Oliv. N 9.

²²² Foi sep.^a em S. Francisco. Oiv. O 4.

²²³ Estes documentos, cujos treslados foram feitos pelo Tab. João Mendes Ribeiro nos anos de 1789-90, constituem o arquivo particular da Casa de Pousada. Os seus actuais proprietários, a quem mais uma vez agradeço, tiveram a amabilidade de o por à minha disposição, dando-me toda a ajuda e facilidades para este trabalho.

²²⁴ Oliv O 4, onde também se transcreve o testamento.

a filha mais nova, na Colegiada da Senhora da Oliveira, a 27.7.1700. Também se faz representar o noivo, Pedro Pacheco Pereira Pamplona²²⁵, Fidalgo da Casa Real. Entra Dona Mariana Rita para uma das famílias mais ricas do Porto: tantas quintas «bastavam só as que possuíam em todo o Massarellas e outros subúrbios desta cidade para encher um grande volume»²²⁶ e «a grande quinta da Pacheca em frente à Régua com mais seis só no Douro»²²⁷, tantas jóias, tanto esplendor. Vai para a cidade, para o palácio dos Pachecos Pereira, na Rua do Belomonte²²⁸, casa de seu marido, construída por mandado de seu sogro, João Pacheco Pereira, Fidalgo, Cavaleiro de Cristo, juiz da Alfândega e vereador da câmara do Porto. Recebe-a sua sogra, Dona Isabel Joana Pamplona, dos nobres senhores de Beire²²⁹. Ouve falar das que a antecederam, avós de seu marido, mulheres dos Pachecos Pereira, opulentos fidalgos, juizes da alfândega. Da avó, Dona Clara Josefa Maria Eldres Belens, «duma das boas famílias do Reyno da Dinamarca»; da bisavó, Dona Clara Jácome Nobre, natural de Matosinhos; da trisavó, Mariana Pacheco, senhora da Quinta da Pacheca.

²²⁵ Olv. C 2, Representa a noiva seu tio, meio irmão de sua mãe, Rodrigo de Freitas de Melo e Castro; procurador do noivo foi seu irmão, o Reverendo José Pacheco Pereira Eldres, abade de Perre.

²²⁶ «*Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto*», pelo P.º Agostinho Rebelo da Costa, Porto, 1788.

²²⁷ «*Portugal Antigo e Moderno*», de Pinho Leal, vol. VI, pág. 85, Pachecos Pereira, do Porto, ao tratar da freguesia de S. Nicolau.

²²⁸ É uma imponente casa descrita no «*Guia de Portugal*», ed. da Fundação Calouste Gulbenkian, vol. I — Douro Litoral, Porto, pág. 270: «Era a casa solarenga dos Pachecos Pereira (construção setecentista) que substituiu uma casa gótica construída por volta de 1530 por Mestre João da Paz, suposto envenenador do Rei D. João II... sacadas de resalto granítico gradeadas, cornija bem lavrada e arcadura joanina a envolver a pedra de armas». O grande brasão: Pacheco, plenas.

²²⁹ D. Isabel Joana Pamplona † na sua Casa, em Belomonte, a 15.11.1815 e foi sep.ª na Igreja de S. Nicolau. Ob 4 da freguesia de N. S.ª da Vitória, Arq. Dist. do Porto. Era f.ª de João Alvares Pamplona Carneiro Rangel, Moço-Fid. da C. R., Sr. de Beire Cav.º da O. de Cristo, Fam.ª do St.º Of.º, e de sua mulher D. Maria Clara Baldaia de Tovar e Vasconcelos, herd.ª neta pat. de Manuel Mateus Pamplona Carneiro Rangel, Moço-Fid., Sr. de Beire, e de sua mulher D. Filipa Teresa Carneiro de Figueiroa, herd.ª, neta mat. de Manoel de Tovar e Vasconcelos, Moço-Fid., Mestre de Campo, Sr. do Morg.º dos Tovaes e da Vila de Aveloso, e de sua mulher D. Francisca Antónia Baldaya, dos Morgados de Canelas. Dados tirados duma

Ao passarem os meses, orgulha-se pelo filho, que ao tempo daria à luz, ser o futuro representante de tão preclara geração. Segue-a Gayo, enfeitando-a de cargos, de datas, de atestações de nobreza e cartas de armas, sem quebra de varonia até Diogo Lopes Pacheco «8.º Sr. de Ferreira das Aves, q foi chamado o grande, Rico Homem d'el Rei Dom Aff.º 4.º, seu conselheiro e Ministro de Estado e Sr. da Villa de Penella, de Celorico, de Oliveira e de Belas e do Morgado do Paço Lumiar do de Carniche e Ledesma e mais terras de seu Pay», um dos assassinos de Dona Inês de Castro²³⁰. Copia-o Pinho Leal no seu dicionário²³¹. Corta-a, despindo-a de glórias, Alão de Moraes na *Pedatura*²³². De muito antiga linhagem ou de nobreza recente dourada pelo ouro, não importa, é um varão que nasce a 21.10.1801, no Palácio de Belomonte, João Pacheco Pereira de Sousa Peixoto de Carvalho, sucessor, um dia, de toda a faus-

Arvore Geneológica manuscrita com um lindo brasão a cores., de João Alvares Pamplona Carneiro Rangel de Sousa Baldaya, irmão de D. Isabel Joana.

²³⁰ «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», de Felgueiras Gayo, tit.º de Pachecos, & 1.º, 2.º e 10. Nele, Gayo diz que Inácio Pacheco Pereira, trisavô de Pedro Pacheco Pereira, «tirou brasão de sua nobreza a 6.3.1641 onde prova a sua ascendência, foi Cav.º de Cristo armado no ano de 1630», que seu avô fora fidalgo da Casa de D. Duarte, Duque de Guimarães, por alv. de 13.2.1574, sr. das casas de seu pai no Porto e em Ledesma, e filho de João Pacheco de Ledesma «que tirou brasão de sua nobreza por mandado de D. João III no ano de 1530, Infanção e cidadão do Porto por mercê dos seus serviços em África» e que, segundo a mesma fonte, vivia no seu solar de Ledesma, St.º Estevão de Barrosas, e que era Fid.º da Casa do Infante D. Fernando e descendente de D. Diogo Lopes Pacheco, mas havendo «dúvida na ordem de seus ascendentes». Quanto ao pai de D. Mariana Pacheco, mulher de seu primo Inácio Pacheco Pereira, diz ser Sebastião Pacheco «que por alv. de 1586 foi Fid. da Casa de Bragança e Capitão da Guarnição do Porto onde se distinguiu com valor nos combates que se derão em Matosinhos e na Pedra da asureira».

²³¹ V. nota 227.

²³² «*Pedatura Lusitana*», de Cristovão Alão de Moraes, vol. III, 1.ª parte, Pachecos do Porto. Ai lê-se que Inácio Pacheco Pereira, trisavô de Pedro Pacheco Pereira, «comprou o officio de Juiz da Alfandega do Porto a Felipe 4», e era meto pat. de Marcos André, mor no Porto, e de sua mulher Antónia Pacheco, filha de João Eanes de Urs, nat. de Santiago o Novo, e de sua mulher Ana Pacheco, filha de gente pobre. Diz que as armas dos Pachecos foram concedidas a 20.6.1647 a Sebastião Pacheco, cidadão do Porto, Famº do St.º Officio, mercador muito rico e «irmão mecanico da Miz», pai de Mariana Pacheco, mulher de seu primo Inácio Pacheco Pereira, acima.

de Fora q o faz para complacer Dona Maria Leonor»²³⁵. Julgo ver a cena. Levanta a cabeça a morgada de Pousada, serena da sua fidalguia, escudada na grandeza dum vínculo «que gozou sempre desde o século XIII, as honras da casa da primeira nobreza de Guimarães». Desvia a vista a de Minotes, também de séculos agarrada à terra, segura do valimento dos filhos e cunhados junto do Príncipe Regente, tranquilizada por uma casa a crescer em bens, em fortuna, em navios na rota dos Brasis. Quase afianço, parados por instantes, os séquitos retrocedem, a disfarçar, a fugir aos cumprimentos. Cada um segue o seu caminho; um, devagarinho, contorna o Selho, o outro, sobe compassadamente o monte.

Dizimada, empobrecida, sem tropas nem chefes, aguarda a nação portuguesa a segunda investida dos franceses. Distribuem-se por todos os homens espingardas ou piques com pontas de ferro de doze a treze palmos de comprimento; mandam-se fortificar todas as cidades, vilas e lugares, tapando as suas entradas; ordena-se que se exercitem no uso das armas todos os homens dos quinze aos sessenta anos. Com entusiasmo preparam os habitantes do Porto, capitaneados pelo seu Bispo, a defesa da cidade; abrem trincheiras, constróem barricadas, tentam pôr as baterias a funcionar. Avançam os franceses «... pelos montes, pelos desfiladeiros o povo procura fazer-lhes frente, armado de caçadeiras, partazanas, fouces, varapaus». Dão-se combates. Caiem Chaves, Braga, Guimarães, Barcelos. O povo, os soldados, já cegos de raiva, matam o inimigo, matam os chefes, matam quem os quer guiar, acusando-os, no seu desvairo, de traidores. Chega ao Porto uma turba solta, esfomeada, numa louca caça ao homem, a perseguir, a inventar, a chacinar jacobinos ou suspeitos de o serem. Abrem-se as prisões. Fogem as famílias. Explode o ódio. A 29.3.1809 Soult apresenta-se com 20 000 homens frente ao Porto. Rompem as baterias. Estala o pânico. Com suas jóias e pertences, centenas de homens, mulheres e crianças despenham-se em fuga no Douro, a encon-

²³⁵ Pleito referido numa carta de Francisco Martins da Costa para seu irmão Felix Martins da Costa (V. Casa de Minotes, freguesia de Fermentões datada de 12.12.1808, transcrita a págs. 245 e 247 das «Genealogias Vimaranenses»): «... que nossa May tras hu pleito com a Morgada de Pousada e que esta tem com o Juiz de Fora desta Villa a mais estreita e par amizade e por isso tem este em obzequio aquela vexado a nossa May em todas as ocasiões...».

trar a morte na esperança duma Ponte das Barcas já cortada. Entram os franceses. Começam as cenas de heroísmo: «na esquerda da linha, morrem centenas de soldados no seu posto e nas barricadas, pelas ruas muitos populares esperaram a pé firme a cavalaria inimiga e foram passados a fio de sabre»²³⁶. Até as mulheres morrem a defender a cidade. Durante três dias sofre o Porto o saque, o terror, a morte, os incêndios. Quase nenhuma porta escapa e as poças de sangue alastram pelas ruas. Depois, Sault, instalado nas Carrancas, começa, lentamente, a fazer vergar a cidade, a tranquilizá-la, a tapar-lhe a boca com pão. Aos poucos, os moradores principiam a aparecer: à igreja, à água, a um pouco de sol. Amparado pela maçonaria, pela traição de alguns, pela força das suas tropas, sobe Soult espezinhando a Câmara, fazendo alguns rastejar para sempre na História, cobrindo de vergonha as faces dos mais honrados. Em Maio, aproximam-se as tropas anglo-lusas. A vida volta aos portugueses aniquilados. A coberto da noite, tudo quanto é parecido com barcos passa silenciosamente o rio para ajudar os libertadores. Corre a notícia. A 12.5.1809 levanta-se o Porto; retiram-se os franceses atirados Portugal afora no seu calvário de vencidos.

Aonde encontrar neste período conturbado a senhora Morgada de Pousada? E seus sobrinhos, os pequeninos órfãos de

²³⁶ As frases entre aspas são copiadas do livro: «1809 — O Porto sob a segunda invasão francesa», de A. Magalhães Basto. V. também «Os Franceses no Porto em 1809, Testemunho de António Mateus Freire de Andrade», do Conde de Campo Bello e «O Marquês do Douro» de Helena Cardoso de Macedo e Menezes.

De Guimarães, depois duma delirante aclamação de D. João VI, partiu uma grande marcha contra Loison e seu exército. À frente, muita nobreza, muito clero e uma companhia de milicianos de Guimarães armados com 90 espingardas enferrujadas: «...Vão muitos soldados que tinham Baixa, vão excelentes atiradores e caçadores de perdizes; turmas de rapazes e mulheres com pedras nas mãos, as bandeiras das Ordenanças arvoradas e os tambores chamando». Atacaram os franceses com êxito em Peso da Régua, e depois, ajudados pelos habitantes doutras cidades e vilas, continuaram a sua perseguição. Muitas senhoras de Guimarães se distinguiram nesta ocasião dando as suas joias, desfazendo suas roupas para fazer ligaduras, andando pelas ruas a animar e a dar esmolas etc., etc. Muitos dos componentes dessa heróica marcha levavam no chapéu um raminho de oliveira, da árvore de Nossa Senhora da Oliveira, Padroeira de Guimarães. V. «Guimarães e a Aclamação de D. João VI», num códice inédito do Arquivo Histórico Militar por Manuel Mendes, in «Revista de Guimarães», vol. LXIX, n.ºs 19 a 66.

Dona Mariana Rita? Para conseguirmos ver seu pai, Pedro Pacheco Pereira Pamplona, Senhor de Aveloso, Alcaide Mor de Vila de Rei, Comendador da Ordem de Cristo, Fidalgo da Casa Real, Tenente Coronel das Milícias da Maia, tentamos seguir esse regimento. Guarnece as trincheiras da cidade? bate-se nos atalhos do Minho? combate nos barrancos do Douro? arranca, à terceira invasão, para a grande derrota dos invasores? Vemo-lo, anos passados, no Porto. Na madrugada de 24.8.1820, reunido com mais tropa no Campo de Santo Ovídio, o Regimento de Milícias da Maia, durante a Santa Missa, à Elevação, ao som duma salva de 21 tiros, jura defender uma Constituição a fazer. Pedem o regresso do Rei e da Família Real, a convocação das Cortes e a expulsão dos oficiais ingleses do nosso exército. Clamam, nesse momento solene, tantos sem o saberem, pelo fim do que crêem; de tantos princípios pelos quais dariam a vida. Para Pedro Pacheco Pereira, viúvo de Dona Mariana Rita, não haverá mais lutas, mais guerras: a 11.4.1824, com 47 anos, morre na sua casa de Belomonte²³⁷.

Em Guimarães, no Terreiro de Santa Clara; no Porto, junto dos sobrinhos, correm os anos para Dona Maria Leonor Mariana de Sousa Peixoto de Carvalho. Por morte de El-Rei D. João VI é seu filho primogénito o Imperador do Brasil, aclamado a 11.7.1826 Rei de Portugal. Logo Bragança, a 26 do mesmo mês, seguida de várias terras, dá o grito por El-Rei D. Miguel, o Infante então exilado. Extremam-se os campos, já de longe distanciados; principia a Guerra Civil. Auxiliados por forças estrangeiras, sorri primeiro a vitória aos liberais; imigram para Espanha os miguelistas. A 16.5.1828 criam-se 52 batalhões de Voluntários Realistas. Capitão dum deles é João Pacheco Pereira de Sousa Peixoto de Carvalho, Senhor de Aveloso, sucessor de sua tia Dona Maria Leonor Mariana. Depois do combate da Cruz de Morouços, a 30.6.1828, principia o reinado d'El-Rei D. Miguel, reconhecido pelas Cortes Gerais dos Três Estados. A 9 de Julho, perdidos, 5 000 homens o que resta do exército liberal, atravessam tristemente a Portela do Homem.

Está na Corte, em Lisboa, João Pacheco Pereira; vive no Monte de Santa Catarina. Casára, no oratório particular da

²³⁷ O 4 da freguesia de Nossa Senhora da Vitória, Porto, pág. 219. Arq. Dist. do Porto.

casa de seus sogros, com Dona Margarida Teles da Sylva, filha dos 3.^o Marquesses de Penalva, nobreza da mais antiga, sangue do mais ilustre ²³⁸. Com os irmãos de Dona Margarida compomos em rápidos traços o quadro dessa fidalguia que se bateu pelos campos e serras: o 5.^o Marquês de Alegrete, medalha das Campanhas da Guerra Peninsular, Capitão-General do Rio Grande, donde voltou entrevado, conversador dos mais interessantes; António, 1.^o Marquês de Resende, no Brasil, íntimo de D. Pedro IV, dedicadíssimo à Família Imperial, luneta em riste e cabeleira empoadada; Fernando, medalha da Guerra Peninsular; João, dos Voluntários d'El-Rei, Estrela de Ouro do Rio da Prata; D. José e D. Manuel, ferrenhos miguelistas, Dons Piores da Colegiada de Guimarães. Nesse ambiente palaciano, entre sedas e condecorações, nascem os três filhos de João Pacheco de Sousa Peixoto de Carvalho e de sua mulher, Dona Margarida Teles da Sylva: João, José e Dona Mariana ²³⁹.

²³⁸ Era filha de Fernando Teles da Sylva Caminha e Meneses, 3.^o Marquês de Penalva, suc. a seus Pais, Gentil Homem da Câmara da Rainha, censor Régio da mesa do Desembargo do Paço, deputado da Junta dos Três Estados, Presidente da Junta do Tabaco, sócio honorário da Academia Real das Ciências, um dos fidalgos mais instruídos do seu tempo, autor de várias obras, entre elas *«Dissertação a favor da Monarquia, onde se prova pela razão, authoridade, e experiência ser este o melhor, e mais justo de todos os Governos»*, (1799), e de sua 2.^a mulher D. Joana de Almeida, Marquesa de Penalva pelo seu casamento; neta paterna de Manuel Teles da Sylva, 6.^o Conde de Vilar Maior (filho dos quartos Marquesses de Alegrete), capitão da Guarda Real, Gentil Homem da Câmara da Rainha, deputado da Junta dos Três Estados, sócio académico da Real Academia de História, sócio da Academia Real das Ciências e um dos fundadores da Academia dos Ocultos, e de sua mulher e prima co-irmã, D. Eugénia Mariana de Meneses e Silva, 2.^a Marquesa de Penalva e 2.^a Condessa de Tarouca (filha herdeira dos primeiros marqueses de Penalva); neta materna de D. Luís de Almeida Soares Portugal Alarcão Eça e Melo, 2.^o Marquês de Lavradio e 5.^o Conde de Avintes (filho dos primeiros Marquesses) III.^o Vice-Rei do Brasil, Tenente General do Exército, Presidente do Desembargo do Paço, Grã Cruz da Ordem de Cristo, e de sua mulher D. Mariana Teresa Rita de Távora (filha dos Condes de S. Vicente), Marquesa do Lavradio, pelo seu casamento.

²³⁹ O primogénito João, * a 6.11.1827 em Lisboa na casa dos seus pais, no Monte, freguesia de Santa Catarina, foi bap. no dia seguinte no oratório da mesma casa por seu tio D. José Teles da Sylva, Prior-Mor da Real Colegiada de Guimarães, e foram padrinhos seus tios, o Marquês de Alegrete e D. Maria Leonor de Sousa Peixoto de Carvalho, Freguesia de

São eles as últimas alegrias para a Morgada de Pousada. «Morre na cidade do Porto, D. Maria de Sousa Peixoto de Carvalho, natural desta vila e moradora no Terreiro de Santa Clara da mesma. No dia seguinte (16.4.1831), veio o seu corpo em umas andas da cidade do Porto para esta vila para ser dado à sepultura em um jazigo que ela tinha no claustro de S. Francisco. O seu acompanhamento era feito por alguns padres a cavalo, com tochas acesas, seis lacaios com archotes de cera, e uma guarda de cavalaria. Na igreja de S. Francisco estava a maior parte da nobreza da terra, assim como o imenso povo que se apinhava tanto na Igreja como no seu adro». A 22, no mesmo templo, são as «exéquias fúnebres com toda a grandeza por alma de Dona Maria Leonor»²⁴⁰. Senhor de Pousada e de todos os seus morgadios fica seu sobrinho, João Pacheco Pereira de Sousa Peixoto de Carvalho, capitão do Exército d'El-Rei Dom Miguel.

A Guimarães, possivelmente para ver Pousada e todos os mais bens, vem João Pacheco Pereira de Sousa Peixoto de Carvalho. Instala-se na vila, na casa do Largo de Santa Clara. Uma apoplécia «priva-o dos sentidos», e mata-o a 7.9.1831²⁴¹. É seu corpo levado para o Porto e enterrado no seu jazigo, o dos Pachecos Pereiras, na igreja de S. Nicolau. Sua viúva, Dona Margarida, já com o triunfo do liberalismo, abre com cautela a casa do Terreiro de Santa Clara: a 28.6.1836, vem com seu irmão, D. Manuel Teles da Sylva, ex Dom Prior da Colegiada²⁴².

Santa Catarina, Lisboa, Livro 22-B, fls. 271 v.º. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

²⁴⁰ «*Velharias Vimaraneses*», in «*Revista Gil Vicente*», vol. VIII, n.º 1 e 2.

²⁴¹ *Oly.* n.º 5.

²⁴² Tanto D. José, como D. Manuel Teles da Sylva, irmãos de D. Margarida, foram Dons Priores da Colegiada de Guimarães. D. José Teles da Sylva, que † em Lisboa a 9.5.1832, foi também capelão-mor honorário por mercê d'el Rei D. Miguel. Durante o seu Priorado «obteve de D. João VI para si e seus sucessores o tratamento de Excelência de jure e para o seu cabido o hábito da referida ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa. A notícia de sua morte chegou a 17 ao Cabido, que logo mandou fazer o sinal fúnebre e o toque a sé vaga» in «*Velharias Vimaraneses*», Maio, 1832. A 18 de Outubro do mesmo ano «o ex-prior de Aviz e bacharel formado, Manuel Teles da Sylva, participa ao Cabido que fora nomeado D. Prior da Colegiada por S. M. o sr. D. Miguel 1.º. O Cabido mandou haver por 3 dias repiques e luminárias nas casas dos

A vila, toda miguelista, olha com saudade para o último Dom Prior nomeado por El-Rei Dom Miguel. Mas, como desde sexta-feira santa, 28.3.1834, data da aclamação pela Câmara de Guimarães de S. M. a Rainha Dona Maria II, sucedem-se pelas ruas os cortejos e luminárias, para Caldelas retiram²⁴³.

Roquemont pintou-os! Eles aí estão, os filhos de João Pacheco Pereira de Sousa Peixoto de Carvalho e de Dona Margarida Teles da Sylva, no Museu Soares dos Reis, na sala dedicada ao pintor suíço, apaixonado por Guimarães e suas gentes. O mais velho, com o mesmo nome do pai, ágil, vivo, colarinho de rendas, segurança dum rapazinho já Senhor duma grande casa, comendas de Cristo e da Conceição, presas a seu fato. Para o chão olha José, pensamento perdido, amuado. E o pincel pintou, com ternura, o doce olhar de Dona Mariana, mãos pousadas numa encantadora pomba, fitas a debruarem-lhe o branco vestido. Lá vão eles! Deixam o quadro emoldurado no museu, correm alegres para o balouço do jardim, ressoando no tempo as risadas frescas destes meninos, o Senhor de Pousada e seus irmãos, tão parecidos com sua mãe, igualmente por Roquemont pintada²⁴⁴.

A Guimarães tornamos: na freguesia da Oliveira, apagado como sempre viveu, morre o filho segundo de Dona Mariana Rita. A 18.9.1846 entrega a alma a Deus, Jerónimo José Filipe Pacheco Pereira de Sousa. Na véspera, gravemente enfermo «no seu próprio leito recebeu por sua legítima m.^{er} Dona Teresa Emília de Oliveira, solt.^a, sua criada, que na sua companhia residia, não tinham filhos, ela ficou herdeira»²⁴⁵. E de Guimarães saímos para ver crescer o segundo João Pacheco Pereira, na tela fixado, olhos pretos a brilharem. Casa, a 4.11.1856, com

cónegos e capelães da Calegiada». *«Velharias Vimaranenses»*, Outubro, 1832, in Revista *«Gil Vicente»*, vols. VIII, n.ºs 9 e 10, e IX n.º 3.

²⁴³ *«Velharias Vimaranenses»*, Junho, 1836, in Revista *«Gil Vicente»*, vol. XII, n.ºs 5 e 6.

²⁴⁴ Este quadro encontra-se reproduzido no livro *«O Pintor Roquemont»*, de Júlio Brandão, Lisboa, 1929. Representa uma senhora, decotada, vestida de escuro (suponho que de preto), debruada a roupa, a escumilha, com caracois e grandes olhos pretos a quem o autor do livro chama D. Mariana. Em 1929 pertencia o quadro, assim como o dos seus filhos também ali reproduzido e hoje no Museu Soares dos Reis, a João Pacheco Pereira de Luaces. O dos meninos foi adquirido pelo Museu e ali se encontra lindamente conservado.

²⁴⁵ *Olv.* O n.º 5.

sua prima co-irmã, Dona Maria Angelina Pereira da Silva de Sousa e Menezes, filha dos primeiros Condes de Bertandos ²⁴⁶. Só têm um filho: João Gonçalo Francisco de Borja Pacheco Pereira de Sousa Peixoto de Carvalho.

A Casa de Pousada é linda. Fala-nos entre as carvalhas e rochas de cinco séculos da história dos Peixotos. São os campos de batalha da Primeira Dinastia, as guerras contra os turcos, as incursões dos castelhanos. É Tânger, Azamor, Ceuta. Depois vem a Índia, o Brasil, a África, as raias do Minho e do Algarve, todo o Portugal, nossa Terra d'aquém e d'além-mar ¹⁸⁹. João Gonçalo Francisco de Borja Pacheco Pereira de Sousa Peixoto de Carvalho, Fidalgo Cavaleiro, Moço-Fidalgo com exercício no Paço, bacharel formado em Coimbra, último Morgado dos Peixotos ²⁴⁷. Levada na derrocada por uma simples escri-

²⁴⁶ D. Maria Angelina * a 14.11.1829 e † a 9.6.1910. Era filha de Gonçalo Pereira da Silva de Sousa e Menezes, 1.º Conde e 1.º Visconde de Bertandos com Honras de Grande Par do Reino, Licenciado em Leis, e de sua mulher, a Condessa D. Teresa Teles da Sylva de Caminha e Menezes, neta pat. de Damião Pereira da Silva de Sousa e Menezes, 8.º administrador do 1.º Morgado de Bertandos, Brigadeiro de Infantaria, e de sua mulher, D. Maria Angelina Senhorinha José Justa Pereira Forjaz d'Eça Montenegro, senhora do 2.º Morgado de Bertandos, e da Casa dos Biscaínhos, em Braga (Damião Pereira era irmão do 1.º Marquês de Terena (v. «Casal dos Pombais, a que chamam Granjas», freguesia de Creixomil, págs. 144 a 116) e de José Pereira da Silva de Sousa e Menezes, Major de Infantaria («v. «Quinta da Boavista de Gaia», Lameiras, freguesia de Creixomil, pág. 69 e «Casa de Minotes», freguesia de Fermentões, pág. 14); neta mat. dos 3.ºs Marqueses de Penalva (nota 238). D. Maria Angelina Pereira da Silva de Sousa e Menezes «enviuvou cedo e casou-se 2.ª vez com o seu mordomo, o ex-criado gallego do Palácio de Cristal, Ventura, cuja administração (creio que foi um marriage blanc a título administrativo) salvou uns restos da Casa (dos Pachecos Pereiras). Foi agraciada por El-Rei D. Miguel com o título de Marquesa da Pacheca, título que ela nunca usou, como boa Legistimista». *«Itinerário Romântico do Porto»*, do Conde d'Aurora (sobrinho neto desta senhora), pág. 105.

²⁴⁷ João Gonçalo Francisco de Borja Pacheco Pereira de Sousa Peixoto de Carvalho, * no Porto a 22.11.1856 e † a 29.9.1947. Era Moço-Fid. com exercício no Paço e Bacharel formado em Coimbra, em Direito e Filosofia. No livro citado na nota anterior, diz seu primo, o Conde d'Aurora, a pág. 104: «... desbaratou uma fortuna equivalente a 50 000 contos de hoje (1962). Nos últimos 50 anos de vida pediu esmola, escrevendo cartas a solicitar auxílio para compra de livros e abrir banca de advogado». No «O Primeiro de Janeiro» de 31.10.1963, em resposta a um artigo publicado no mesmo jornal, intitulado «O Doutor Pacheco», escreveu o Conde d'Aurora: «... Quanto à anedota dele ter transformado uma capela

tura, sai a Casa Solar de Pousada da vida dos seus filhos ²⁴⁸, das mãos dos seus antigos senhores. Estremecem as suas pedras,

para transplantar lá uma casa de tavalagem (transformando esse meu tio numa espécie do meu amigo Aires, da Póvoa, ou no Crespo de Espinho) — nada mais fantasioso. Neste capítulo estivemos sempre, a parentela toda também, aliás, do outro lado do pano verde; e daí ele ter gasto uma fortuna que avallio em cinquenta mil contos de hoje, desde as quintas todas de Entre-Quintas, que eram delle, a da Pacheca, do Douro Vinhateiro, e tantos foros na cidade do Porto que ainda hoje aqui aparecem enfiteutas seus!) E mais adiante: «... Também não foi «pobre orgulhoso» — um pobre sim, pedinte, mendigo, a pedir esmola cinquenta anos, mas sempre humildemente! E não pedia para qualquer «questão forense» — não, pedia para comprar livros jurídicos e montar banca de advogado... aos 80 anos!» Depois acrescenta: «Também não morreu em catre miserável — morreu sem indigência numa pobreza digna amparado pelos filhos e netos e demais parentes — e ainda pela Ordem dos Advogados que lhe dava um pensão mensal».

²⁴⁸ O Dr. João Gonçalo Pacheco Pereira casou a primeira vez em Tui, a 16.10.1879, com D. Maria del Carmem Varela de Luaces, * em Santiago de Compostela a 5.2.1854 e † a 20.4.1887, irmã mais nova de D.^a Joaquina Varela de Luaces y Mazedo, sr.^a da Casa da Granxa em S. Juan del Poyo x com D. Eduardo de Cea Navarro, dos Barões de Casa Goda, donos, do Palácio onde hoje é o Parador de Pontevedra e «nele hospedou fidalgamente Paiva Couceiro e comitiva durante 3 anos aquando das incursões» (obra acima citada). Ambas eram filhas de D. Vicente Varela de Luaces y Mosquera, e de sua mulher D.^a Joaquina Mazedo Robles, netas paternas de D. Vicente Varela de Luaces e de sua mulher D.^a Maria Mosquera; bisnetas, pelo pai, de D. Pedro Benito Varela de Luaces, e de sua mulher D.^a Andrea Varela de la Torre, herdeira, e de D. Joaquin Mosquera Senorans, da Casa de Paradela, e de sua mulher D.^a Manuela Morafia Varela; trinetas, na varonia, de D. Juan Jacinto Varela Gayoso e mulher Dona Maria Josefa de Luaces, da Casa de Campomayor, em Palos del Rey. A bisavó, D.^a Andrea, era filha herdeira de D. Diego José Varela Cospeite, sr. do vínculo do Pinheiro, em S. Vicente del Pino (Árzuva), e de sua mulher D.^a Juana Augustina de la Torre y Gil. V. «*Blasones y Linajes de Galicia*», do Reverendo Padre José S. Crespo Pozo, vol. II, pág. 351: Cospeite (Cospeite), Casa de Piñero. Estes Varela de Luaces aparentam com os Baamonde, família da mãe do Generalíssimo Francisco Franco. V. livro citado, em Mazedo. O Dr. João Gonçalo x segunda vez a 21.5.1893 com D. Ana da Conceição, natural de S. Martinho de Cambres (Lamego), filha de José da Fonseca e mulher, Maria do Céu Gouveia. Foram filhos do 1.º matrimónio: 1) D. Maria Helena do Pilar Pacheco Pereira Varela de Luaces, * a 11.10.1880, x 1.^a a 26.6.1901 com D. Esteban Rovira y Pita, Major de Artilharia, Lente da Escola Superior de Guerra de Madrid, * a 3.4.1869 e † em 1910, x 2.^a vez a 12.5.1924 com D. António Alonso Salas, s. g. (Tiv.: do 1.º: a) D. Esteban Rovira y Pacheco, comandante do exército vermelho durante a Guerra de Espanha, condenado

levantadas ao tempo dum Portugal menino, amparadas por uma Pátria a crescer por terras d'África, a entrar pelos mares. Não morrem. Roqueira, com força, com raça, brilha ainda, na His-

à morte e à última hora graciado pelo Generalíssimo Franco; em 1962 era Director Geral do Ministério de Educação do México * a 12.4.1902, b) D. Prodêncio Rovira y Pacheco, * a 31.1.1904; c) D. Helena Maria Angelina Rovira y Pacheco, * a 25.5.1905 x a 26.8.1928 com o Dr. Ramon Arnau Alix, Magistrado, c. g.; d) D. Jesuza Rovira y Pacheco, * a 23.7.1906 x a 17.6.1931 com D. Mariano Gomez de Baquera Lopez Hermoza, Doutor em Farmácia, Eng.º Químico, c. g.; 2) D. Maria do Rosário Pacheco Varela de Luaces, religiosa, * a 26.10.1881; 3) João Fernando Pacheco Pereira Varela de Luaces, que segue. E do 2.º matrimónio: 4) José Pacheco Pereira, * a 19.3.1894; 5) D. Maria Angelina Pacheco Pereira, * a 19.5.1896, x a 29.6.1929 com Álvaro Camelo Osório de Vasconcelos, Licenciado em Matemática, Engenheiro Civil de Obras Públicas e de Minas, antigo Director das Estradas do Distrito de Viana, * a 16.1.1884, filho de António Augusto de Mafureira e Vasconcelos e de sua mulher, D. Amélia Narcisca Camelo Osório. Tiv.: a) Fernando Camelo de Castro Pacheco Pereira de Vasconcelos, eng.º, * a 1.6.1930 x c. g., e b) João Gonçalo Camelo de Castro Pacheco Pereira de Vasconcelos, gémeo com seu irmão; 6) D. Maria do Carmo Pacheco Pereira, * a 14.12.1897; 7) D. Maria do Céu Pacheco Pereira, * a 1.9.1900; 8) Álvaro Pacheco Pereira, camionista, * a 6.10.1904, já †. Em D. Modéstia Crescência Cano Hernandez teve o Dr. João Gonçalo a: 9) Gonçalo Caetano Manuel Pacheco Pereira, Lg.º por seu pai, * em Lisboa a 10.6.1892, afillhado de D. Caetano Sigismundo de Bragança e de Nossa Senhora da Assunção, tendo tocado com a prenda o Marquês de Angeja, x com D. Estefânia de Lima e tiv.: a) Dr. Álvaro Gonçalo de Lima Pacheco Pereira, Director do Colégio de Ermesinde, funcionário superior da Companhia das Águas, x com D. Maria Celina c. g.; b) Rui de Lima Pacheco Pereira, que foi para o Brasil. — João Fernando Pacheco Pereira Varela de Luaces, suc. a seu pai nas representações da Casa, hab.º com o Curso Superior de Comércio, * a 5.3.1887 x a 18.2.1914 com D. Maria Emília Ramalho de Barros Ferreira, * a 3.2.1891, filha de Joaquim Ramalho Ferreira e de sua mulher D. Joaquina Rosa de Barros, e tiv.: a) João Joaquim de Barros Ferreira Pacheco Pereira Varela de Luaces * a 22.12.1914 e † s. g. b) D. Maria Angelina Ramalho Pacheco Pereira, * 18.1.1916 já † x Artur Francisco de Oliveira, médico, c) Manuel António Maria Pacheco Pereira, q. segue, d) D. Maria Emília Adelaide da Conceição Ramalho Pacheco Pereira, * a 24.7.1920, e) Duarte Nuno Álvares de Santa Maria Pacheco Pereira, * a 24.4.1923 e teve de seu casamento Duarte Nuno Ramalho Pacheco Pereira, Eng.º e Fernando Ramalho Pacheco Pereira; f) Francisco de Borja † com 12 meses. Manuel António Maria Pacheco Pereira, actual representante da Casa da Pousada e mais vinculos de seus Maiores, * a 9.4.1918 x com D. Maria Odete Gouveia, Professora do Conservatório de Música do Porto, tendo duas filhas, sendo a primogénita D. Maria Manuela Gouveia Pacheco Pereira, distinta pianista, Bolseira da Gulbenkian, * 27.5.1946 x com António Gabriel Cortez Calem, filho do

tória, na Vida, na Esperança, a Casa dos Peixotos: a de Pousada, em S. Pedro de Azurém.

Dr. António Eugénio Ramos Pinto Cálem e de sua mulher D. Susana Maria Brunner Cortez. Têm: António Filipe Gouveia Cálem, * 27.7.1973.

Ao longo deste estudo procurei ligar com os Peixotos de Pousada, todas as famílias com eles aparentadas. Entretanto, apesar de usarem o apelido Peixoto e tudo indicar haver parentesco, não consegui entroncar as seguintes: 1) Os Machados de Miranda, da Rua de Donães, Guimarães (representados hoje pelos Condes de Azenha) pelo casamento de Estêvão Machado de Miranda, Fidalgo da Casa Real, sucessor a seu Pai, a 11.11.1628 (M 2 Oliv.º) com D. Catarina de Morgade Golias, filha herdeira do Licenciado Miguel de Morgade Golias e de sua mulher Marta Peixoto. Era esta senhora filha de Gonçalo Gonçalves Peixoto, e mulher, Catarina Nogueira, neta paterna de António Gonçalves, Escudeiro Fidalgo, e de sua mulher, Marta Peixoto, que supomos pertencer à Casa de Pousada. 2) Os Peixotos de Montelongo, Padroeiros da Igreja de Santa Comba de Fornelos, representados pelos Fidalgos da Luz, Fafe, (Peixotos Leite de Magalhães e Meneses, com muitas ramificações), descendentes em varonia de Miguel Martins, de Fornelos, e de sua mulher Catarina da Costa Peixoto, padroeira da Igreja de Santa Comba de Fornelos, Fafe (por 1630) (Livro manuscrito de Genealogias — Árvores de Costado —, Cota B-8-118-29, na Sociedade Martins Sarmento), de quem desconheço a ascendência. 3) Rebелos Peixotos de Regalados e Guimarães: Isabel Peixoto, cujos pais ignoro, x em G.es com Gregório Rebelo Soares, filho de Álvaro Afonso Soares, de Ponte de Lima, e de sua mulher Isabel Rebelo de Macedo, irmã de Martim Rebelo, último Prior do Mosteiro do Souto, G.es. Tiv.: Cristóvão, x em Regalados, c. g.; Juzarte Rebelo, c. g., ilegítima e Isabel Rebelo Peixoto x em G.es com Manuel Afonso de Freitas e tiv.: o Licenciado Gregório Rebelo Peixoto, Provedor da Misericórdia de G.es em 1631, † a 16.6.1634 (M 1 S. Seb.º), ficando herdeiros seus irmãos, Dr. João Rebelo Peixoto, Desembargador da Relação em Braga, que aparece em várias procurações; Maria Peixoto, x a 2.12.1584 (M 1 S. Seb.º) com Baltazar Pinheiro, de quem enviuvou, s. g.; Torcato, s. m. n. e André Afonso Peixoto, que numa procuração de 13.11.1640 se diz primo do Licenciado Francisco Peixoto de Sá (nota 69), Livro 12-4-3 do Arq. Mun. A. Pimenta. Foi «F. C. R., Capitão de Infantaria, paciente investigador das antiguidades pátrias e examinou inúmeros arquivos das igrejas e conventos, manuscritos que à data da sua morte se achavam prontos a entrar no prelo. Algumas destas obras, como diz Barbosa Machado, achavam-se no convento de Pombeiro, junto a Felgueiras, e no da Serra, junto ao Porto. Compôs «Memórias Históricas e antiguidades de G.es», volume que se encontra perdido, † a 15.4.1642. Jaz em S. Francisco de G.es no altar das Cinco Chagas». «*Monographos Vimaraneses*», pelo Abade de Tagilde, 1.º volume da «*Revista de Guimarães*». É também referido na «*Biblioteca Lusitana*» de Diogo Barbosa Machado, x com D. Joana de Barros de Faria e teve: João Peixoto, † solteiro a 10.10.1621, e D. Maria Peixoto de Barros, x com Gaspar Nunes de Carvalho, senhor do Morgado de Ruivães, Governador das Armas da Comarca de G.es, † a



Vendida por João Gonçalo Francisco de Borja Pacheco Pereira de Sousa Peixoto de Carvalho ²⁴⁹, a 7.7.1894 Pousada é

4.11.1659, cujas filhas casaram: a primogénita e herdeira, com Diogo Leite de Azevedo Vieira, senhor do Morgado dos Vieiras c. g. (Marqueses de Lindoso, Condes de Vila Pouca) e a segunda com Gaspar Leite de Azevedo Vieira enteado de sua irmã e filho sucessor de Diogo Leite, ascendente dos Marqueses de Lindoso. 4) os Rebелos Peixotos, de Montelongo e S. Paio de Figueiredo: Francisco Rebelo de Freitas, filho de João Rebelo e mulher, Águeda de Freitas, x a 61.3.1606 (M 1 Olv.^a) com Ana de Cea, filha de Gaspar de Cea, natural da Galiza, e mulher, Margarida Dias e tiv.: Isabel Rebelo Peixoto x a 3.10.1641 em S. Gens de Montelongo, Fafe, onde residiam seus pais (M 2 S. Bartolomeu de S. Gens, Fafe, Arq. Dist. de Braga) com Manuel Soares de Sousa, filho de Gaspar Soares de Betencourt e de Maria Dias, solteira, de G.es Manuel Soares de Sousa, segundo o Nob. do Padre Torcato, assassinou com peçonha a seu sobrinho e pupilo, Francisco Dias de Carvalho, filho de Simão Afonso de Carvalho, senhor da Quinta de Maranhas, Atães, (bisneto de João Afonso dos Quintos, nota 74) e de sua mulher Isabel Sodré, apossando-se de seus bens. Tiv.: D. Senhorinha Rebelo de Abreu, solteira; D. Helena Rebelo Peixoto, viúva, s. g.; João Rebelo Peixoto, que viveu em Fafe, e Gaspar Rebelo Peixoto, senhor da Quinta do Assento em S. Paio de Figueiredo, G.es, que deixou quatro filhas naturais, entre as quais Rosário Peixoto, x em Braga em 1702 com Jerónimo Lopes, da Rocha, de S. Martinho de Sande, antepassados dos Baptistas Sampayos, de Guimarães, que, como se viu na nota 50, descendem sem bastardia pelos Costa Peixoto de Lordelo, dos Peixotos, de Vila Nova das Infantas.

²⁴⁹ «Venda dos Ex.^{mos} João Gonçalo Pacheco Pereira e esposa da freguesia de Cambres, da comarca de Lamego a Domingos José Ribeiro Guimarães desta cidade em 7 de Julho de 1894», Livro n.º 85 do Tab. João Joaquim de Oliveira Bastos, pág. 11 (A-9-2-106, Arq. Mun. A. Pimenta). Efectuou-se esta venda no escritório do tabelião, no Largo do Toural; o comprador vivia na Rua da Rainha, em G.es. O Dr. João Gonçalo vende nesta escritura as seguintes propriedades: Casas do Assento com todas as suas pertenças, Asseição de Cima, Asseição de Baixo, de Pousada de Fora e Pousada de Dentro, tudo na freguesia de Azurem, por 9.050\$000, e um foro anual por 1150\$000.

Neste livro há várias escrituras relativas ao Dr. João Gonçalo: pág. 2, Venda da casa n.º 57 da Rua de Santa Maria, a 5.7.1894; pág. 4 v. outra venda de duas casas na Rua Dom Luís I (Trinas). Na pág. 19 o ajuste de contas a favor do segundo entre o Dr. João Gonçalo Pacheco Pereira e Domingos José Ribeiro Guimarães, seu administrador, e a quitação dum distrate do primeiro com o Banco Comercial de Guimarães. Por fim, a 11.8.1894, a venda, por 4.000\$00, à Directora do Colégio da Sagrada Família, da Casa do Morgadio dos Carvalhos, na Rua de Santa Maria (L. de Santa Clara), n.ºs 39, 41, 43, 45 e 47.

do comprador Domingos José Ribeiro Guimarães²⁵⁰. E as terras esquecidas, dadas quase por incultas, de difícil lavar, começam a nascer outra vez para a vida. Aos poucos, aparecem, vão brotando as vides, vão-se cobrindo de folhas as pequenas hastes, e logo depois, com o passar dos anos, já se enche o chão com a lenha miúda na época das podas. Pinta a natureza, nos seus tons de roxo, os cachos nas ramadas, e não tarda que destas terras de mato e penedos salte o vinho, alegre, esfusiante. E na sua casa em Guimarães, na Rua da Rainha, recebe Domingos José Ribeiro Guimarães, membro do Senado Vimaranesense, presidente da Associação Comercial, todos os anos, pelo S. Miguel, a renda que lhe trazem os caseiros de Pousada. À sua morte, a 31.3.1904, «de grave padecimento de estomago»²⁵¹, herda a casa de Pousada sua filha²⁵² D. Rita Martins Ribeiro Moura Machado, casada com José Maria Francisco Moura Machado, médico militar, oriundo da Casa de Chelo, em Arnóia, Celorico de Basto²⁵³.

²⁵⁰ N. em G.es, na Porta da Vila, a 27.12.1844, (pág. 143 do N. S. Paio, 1822-60, Arq. Mun. A. Pimenta) filho de Francisco José Ribeiro, negociante, e de sua mulher Custódia Maria Ribeiro, (rec. a 17.8.1826, C 3 S. Seb.º) neto paterno de Manuel José Ribeiro e mulher Maria José, naturais e moradores na freguesia de S. Martinho, do Arco de Baúlhe, neto materno de Bento José Ribeiro e mulher Rosa Maria, naturais de Guimarães, freguesia de S. Seb.º. Foi Presidente da Associação Comercial e Membro do Senado Vimaranesense.

²⁵¹ In «O Comércio de Guimarães», de 1.4.1904.

²⁵² Do casamento de Domingos José Ribeiro Guimarães com D. Ana Cândida Silva Martins (* a 21.7.1845 na Rua do Triunfo, S. Paio), filha de João António da Silva Guimarães, negociante, e de sua segunda mulher Joaquina Martins Pereira, natural da freguesia de S. Miguel de Vilarinho, neta paterna de João da Silva Guimarães e sua mulher Custódia Luísa Ribeiro; neta materna de Agostinho Pereira e mulher, Quitéria Martins) houve duas filhas: D. Rita Martins Ribeiro, * a 16.5.1880 x com o Dr. José Maria Francisco de Moura Machado (no texto), e D. Maria Angellina Martins Ribeiro, * a 7.10.1884, † a 26.3.1910, x com o Coronel Luís Pereira Loureiro, c. g.

²⁵³ N. nessa mesma casa, a 26.4.1863, filho de Francisco de Moura Lopes Teixeira, Morgado da Casa da Feira, Chelo, freguesia de Arnóia, Celorico de Basto, e de sua mulher D. Genoveva Leite Machado Coelho, da Casa do Outeiro, de Meixões, freguesia de Gagos, Celorico de Basto, neto paterno de Manuel José de Moura, da Casa da Feira, e de sua mulher, Maria Lopes Teixeira, do Casal de Carvalho Verde, da mesma freguesia, rec. a 19.9.1824. A Casa da Feira está de há muito nesta família; aí * Bernardino José de Moura, bisavô paterno do Dr. José Maria Francisco, que foi

Em 1903 começára o Dr. Moura Machado a levantar a derruída torre. Sobe a parte mais antiga da casa, coloca-lhe à volta e sobre o norte os respectivos merlões e gárgulas. Copia as janelas já existentes, abre mais três na torre. Rasga a norte uma portada, vinda de algures, em ogiva, a dar acesso a um terraço sobre o acrescento do séc. XVII. Pousa sobre a lage do poente, para aumentar a casa, um corpo ameaçado. Por toda a antiga casa dos Peixotos ressoa o barulho das obras, o cantar da pedra no trabalho dos pedreiros, dos vários canteiros. Ali, no lento trabalhar, perfeito e belo, os Mestres Gateiras, os mesmos das obras do mosteiro novo de S. Torcato. E assim fica a quinta de Pousada a viver só, caseiros ao lado, o musgo a cobrir-lhe as rochas e as pedras mais novas, o vento a fazer dançar as árvores, o povo a dizer que entre a fresta dum dos penedos, sai alta madrugada, a penar, a alma del Rei D. Sancho I.

A 4.2.1922 irrompe um incêndio em Pousada de Dentre, a casa onde foram habitar os Peixotos a partir do séc. XVII. Da torre de Pousada, das góticas janelas, sentem-se as chamas a queimar as antigas alcovas, os tectos de estuque, a casa a perder-se entre as pipas do vinho que estouram e a palha que arde. Chamam-se os bombeiros de Guimarães. Como ir? Como levar a água? Oferece a Casa Neves & C.^a um «camion» para poderem acorrer ao sinistro. Aí vem eles, os bravos soldados da paz. Chegam tarde, sem culpa, e não poupam esforços. Atiram-se com coragem às chamas. Entre o fumo e o fogo cai ferido um bombeiro. É Gaspar Tomás Peixoto de Sampayo e Bourbon, que à morte de seu Pai e de seu irmão primogénito ficará com a representação dos Marqueses de Lindoso, chefes destes mesmos Peixotos, outrora senhores de Pousada ²⁵⁴. Entre as exclamações e correrias arrastam o descendente directo de Vasco Gonçalves Peixoto, irmão mais velho do cônego Gonçalo Gon-

casado com Maria Tomásia. O trisavô, António José de Moura, era natural de Loureiro, freguesia de S. Miguel de Gémeos, Celorico de Basto (filho de Manuel de Moura e de sua mulher Luísa...) e x a 8.5.1762 com Maria Alves, natural do lugar de Chelo e filha de Manuel Gonçalves e de sua mulher Maria Alves. O Dr. José Maria Francisco de Moura Machado foi durante muitos anos médico do Regimento de Infantaria 20.

²⁵⁴ A nobre casa dos Marqueses de Lindoso, chefes do nome e armas dos Peixotos, representa a Vasco Gonçalves Peixoto, irmão, mais velho do cônego Gonçalo Gonçalves Peixoto, instituidor do vínculo de Pousada (v. nota 4).

galves Peixoto, instituidor de Pousada, vítima da sua abnegação. Salvam ainda umas 20 pipas e as paredes da casa. O resto vai-se ²⁵⁵.

Novo ainda, com 61 anos, morre o Dr. Moura Machado ²⁵⁶. Recolhe-se sua viúva ao carinho dos filhos, ao aconchego da sua casa dos Laranjais, em Guimarães, também por seus pais adquirida. Após a morte dessa senhora ²⁵⁷ é seu filho, o Dr. José de Moura Machado, quem herda Pousada. Começa-se então, a partir de 1958, um restauro que dará à Casa uma nova vida.

O Dr. José Moura Machado e sua mulher D. Maria Eduarda Soares de Moura de Freitas ²⁵⁸ conservaram toda a parte antiga, não lhe tocaram, deram-lhe relevo, transformaram aos poucos o Castelinho e a sua Torre, no Lar que sonharam para si e para os seus. Na escada exterior colada à Torre, para o acesso à cozinha, no prolongamento da «parede até ao cunhal do corpo ocupado pela sala de entrada», na janela ogival aí aberta, na escada maravilhosamente nascida na pedra para o

²⁵⁵ Notícia de «O Comércio de Guimarães», de 24.2.1822.

²⁵⁶ † a 8.1.1925, repentinamente. Foram seus filhos: o Dr. José Maria de Moura Machado (no texto); D. Maria José Martins Ribeiro de Moura Machado, solteira, D. Júlia Maria, † com 3 anos a 10.8.1914; D. Maria Rita Martins Ribeiro de Moura Machado, x com o insigne pintor João Jorge Maltieira, c. g., e o Dr. Eduardo de Moura Machado, médico, † nos Açores, x, c. g.

²⁵⁷ † em 1957.

²⁵⁸ O Dr. José Maria de Moura Machado, * a 28.3.1905, Professor de Matemática e Desenho, autor do «Compêndio de Desenho para o 3.º ciclo dos Liceus» (em col. com o Dr. Marques da Rocha), «A Casa dos Peixotos de S. Pedro de Azurém, Guimarães», donde tirei as notícias sobre as obras feitas em Pousada, concluiu o Curso Superior de Desenho e Matemática destinado ao Magistério Liceal em 1931. Após quatro anos como prof. provisório frequentou o Estágio Pedagógico em Lisboa, tendo feito o respectivo Exame de Estado em Junho de 1937. Sua mulher, D. Maria Eduarda, é filha do Dr. Eduardo Augusto Soares de Freitas, médico, arqueólogo e investigador, sócio do Instituto de Coimbra, da Associação dos Arqueólogos de Portugal e da Sociedade de Belas Artes do Porto, da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos, da Sociedade de Geografia de Lisboa e da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, autor dum livro póstumo «Felggeries Rubeas», natural da Lixa, e de sua mulher D. Maria da Purificação Pinto Coelho Soares de Moura, neta paterna de António Augusto de Freitas e D. Maria Adelaide Soares de Freitas, neta materna de Luís Pinto Coelho Soares de Moura, 1.º Visconde de Lousada, e de sua mulher, a Viscondessa D. Maria da Conceição Coelho de Meireles, da casa da Ferwença, Paços de Ferreira.

andar superior, no quarto surgido dentro da rocha, na porta para o terraço, nos móveis, nos ferros, nos vitrais, nas madeiras, adivinhamos, vemos, os profundos conhecimentos de arte, de história, o dom de desenhar, o bom gosto e sentido estético do dono da casa. Também se vê, e muito se faz sentir, a mão mais suave, a mão feminina da dona da casa. Ali, naqueles bordados, naquelas flores, na ternura do decorar os quartos das filhas, uma, D. Maria Margarida, actual Senhora da quinta de Pousada ²⁵⁹, a outra, D. Maria Eduarda, bem viva no coração dos Pais ²⁶⁰. O Dr. José Moura Machado e sua mulher, ambos dão à Casa de Pousada, tão antiga, tão cheia de beleza, tão marcada por uma velha linhagem, o que há muito não tinha, o que há muito lhe faltava: o calor do lar, o exemplo duma vida tão unida, uma luz, uma grande luz a iluminar, a proteger, a amar estas velhas pedras, o vínculo mais antigo das terras de Guimarães.

Maria Adelaide Pereira de Moraes

²⁵⁹ D. Maria Margarida de Freitas de Moura Machado, a quem os pais doaram a casa, é casada com Luís Augusto Nunes Almeida Bandeira.

²⁶⁰ * a 25.10.1937 e † a 30.9.1961, quando finalizava o Curso de Medicina.